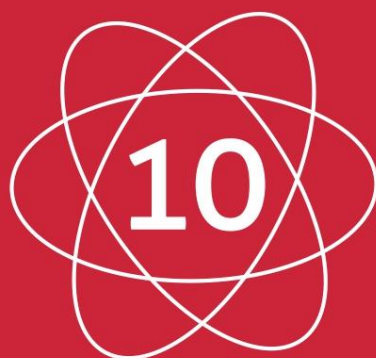


ANAIS DA X MOSTRA CIENTÍFICA DA FACULDADE  
MULTIVIX – CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM ISSN: 2526-0510



MOSTRA  
CIENTÍFICA

DA MULTIVIX CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

**VOLUME 10, NÚMERO 1, 13 DE NOVEMBRO DE 2025**

**ANAIS DA X MOSTRA CIENTÍFICA DA FACULDADE  
MULTIVIX DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM**

***13 de novembro de 2025***

**EDITORAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DOS ANAIS**

Nelson Coimbra Ribeiro Neto

***ISSN: 2526-0510***

***FACULDADE MULTIVIX DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM***

***Campus Sede:***

Rodovia Engenheiro Fabiano Vivacqua, nº 2531-2597, Monte Belo,

Cachoeiro de Itapemirim-ES

CEP: 29.320-899

Site: <http://cachoeirodeitapemirim.multivix.edu.br/>

Telefone: (28) 3526-4250

O conteúdo de cada trabalho é de responsabilidade exclusiva de seus autores.

A reprodução dos textos é autorizada mediante citação da fonte.

# ANAIS DA X MOSTRA CIENTÍFICA DA FACULDADE MULTIVIX DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim v.10, n. 1. 13 nov. 2025 – Anual

**Diretor Executivo**

Tadeu Antônio de Oliveira Penina

**Diretora Acadêmica**

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

**Diretor de Operações**

Fernando Bom Costalonga

**Diretor Financeiro**

Rogério Ferreira da Silva

**Diretor de Inovação**

Giuliano Bresciani

**Diretor Geral**

Conrado Dias do Nascimento Neto

**Coordenação Acadêmica**

Laureanny Madeira

**Coordenação de Graduações**

Antonio Izo Junior

**Coordenação de Pesquisa e Extensão**

Nelson Coimbra Ribeiro Neto

**Bibliotecária**

Alexandra Barbosa Oliveira

**Presidente da Comissão Editorial**

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

**Comissão Editorial:**

Antonio Izo Junior

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

Laureanny Madeira

Nelson Coimbra Ribeiro Neto

**Revisão Ortográfica:**

Andressa Borsoi Ignez

Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim / Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim – v. 10, n. 1, 13 nov. 2025 – Cachoeiro de Itapemirim: MULTIVIX, 2025.

Anual  
ISSN 2526-0510

1. Generalidades: Periódicos. I. Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim – MULTIVIX.

*CDD. 000*

## APRESENTAÇÃO

A Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim realizou em 2025 a sua X Mostra Científica, envolvendo todos os cursos da Unidade, buscando atingir sua missão e visão institucionais.

A responsabilidade da IES para com a sociedade é demonstrada a partir da plena execução da tríade Ensino-Pesquisa-Extensão, de modo a se retroalimentar a comunidade sul capixaba com estudos científicos, cujas origens são pautadas tanto pelas disciplinas teórico-práticas quanto pelas ações extensionistas planejadas e praticadas por discentes e docentes.

Destacar a importância e o papel da ciência como norteadora na tomada de decisões da sociedade e a sua relevância para novas descobertas, e também para a inovação e melhoria da qualidade de vida, é fundamental para a identificação da assertividade da Multivix Cachoeiro em seu papel transformador social e econômico.

Desejamos que os conhecimentos adquiridos com o acesso aos trabalhos apresentados na X Mostra Científica Multivix de Cachoeiro possam abrir novas possibilidades e germinar sementes de Pesquisa e Extensão nos principais atores deste processo acadêmico.

Conselho Editorial  
Faculdade Multivix de Cachoeiro

## SUMÁRIO

### **QUALIDADE DE VIDA E ONCOLOGIA: A RELAÇÃO DE PACIENTE E FAMÍLIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL..... 08**

BARBOSA, Amanda Souza; SILVA, Josileia Candido da; AZEVEDO, Raquel Pereira; SERAFIM, Simone Ventura dos Santos; VIANA, Thaymara Bastianeli; MACHADO, Thiago Pereira

### **O CUIDADO COMO PROVEDOR DE SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES NA REDE PÚBLICA ESTADUAL EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES..... 15**

CARVALHO, Felipe de; DIAS JÚNIOR, João de Paula; PEREIRA, Gustavo Gomes; SIMÃO, Kaylane Costa; MACHADO, Thiago Pereira

### **A SAÚDE MENTAL DOS ACOMPANHANTES HOSPITALARES: SOFRIMENTO E INVISIBILIDADE..... 22**

FERNANDES, Luiza de Souza; DOS SANTOS, Rayane de Castro; BORGES, Thaiz Angelo; ESCARPINI, Vanessa de Castro; DOS SANTOS, Wallace Felipe Mota; MACHADO, Thiago Pereira

### **IMPACTOS AMBIENTAIS E ECOLÓGICOS DOS PLÁSTICOS E MICROPLÁSTICOS: CONSCIENTIZAÇÃO E AÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR.....29**

BASSINI MESQUITA, Vanêssa; BANDEIRA MACINA, Lucas; EDUARDO ROMULADO DOS SANTOS, Rachel; PRATA DAN CACHUBA, Ramon; GUIMARÃES LIMA, Thiago; DILLEN DA SILVA ASSAD, Yasmin; JORDÃO BICALHO, Alessandra; TORRES MORAES, Carolina

### **AUTOMEDICAÇÃO: UM ALERTA SOBRE OS RISCOS E DANOS DESSA PRÁTICA..... 36**

DA SILVA, Gabriely Braz; RIBEIRO, Ana Carolina Reis; ROBLES, Pedro Guilherme Sousa; ROSA, Raphaela Zuqui; MACHADO, Thiago Pereira

### **CARTOON NETWORK E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: PERCEPÇÕES DE JOVENS ESTUDANTES..... 43**

MELLO, Gabriel Porto Ribeiro; MACHADO, Thiago Pereira

<b>PADRONIZAÇÃO SOCIAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO.....</b>	<b>50</b>
LACERDA, Danielle de Oliveira; FELICIANO, Ester Marun; LEITÃO, Thaysa Santos; GONÇALVES, Vitória Ramos; MACHADO, Thiago Pereira	
<b>NEONATOLOGIA E OS DESAFIOS PARA O CUIDADO E MANUTENÇÃO DO ACESSO VENOSO PERIFÉRICO .....</b>	<b>55</b>
SANTOS, Maria de Fátima Silva Nery; REZENDE, Ester Serafim Balduino; SANTOS, Cristiane Bittencourt Felicio	
<b>SUPLEMENTAÇÃO POR ÁCIDO FÓLICO NA GESTAÇÃO E A RELAÇÃO COM A SÍNDROME DO ESPECTRO AUTISTA.....</b>	<b>61</b>
ASSIS, Flávia Da Silva; LIBERATOR, Livia; DAUDT, Natália Pereira; LEITE, Carolina Da Costa; SANTOS, Cristiane Bittencourt Felicio	
<b>FORMAÇÃO MÉDICA E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DURANTE A GRADUAÇÃO.....</b>	<b>68</b>
DA HORA, Amanda Gomes; DE FREITAS, Emanuely; LAZARINO, Amanda Barbosa MACHADO, Emanuely Agatha Jordão; MARTINS, Maria Eduarda Rebello; MACHADO, Thiago Pereira	
<b>REVISÃO DO MODELO EXPERIMENTAL DO ENSAIO DE FLEXÃO EM 3 PONTOS.....</b>	<b>75</b>
COSTA, Ana Luiza Fonseca; SIQUEIRA, Agnes Silva M.; OLIVEIRA, Mariany Melo de; SILVA, Fernanda Souza	
<b>A SAÚDE MENTAL DAS MÃES DE CRIANÇAS ATÍPICAS.....</b>	<b>80</b>
MARINI, Ana Carolina; OLIVEIRA, Isabela Gomes de; MACHADO, Thiago Pereira	
<b>DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ALEITAMENTO MATERNO EM RECÉM-NASCIDOS COM FISSURA LÁBIOPALATINA.....</b>	<b>86</b>
FÁVERO, Ana Clara Custódio; BATISTA, Bianca da Silva; PEDROZA, Eduarda Macedo; PIASSI, Giovanna Dalvi; FERREIRA, Isabelle Silva; IZO, Viviane Lourenço de Souza	
<b>INTERDISCIPLINARIDADE E NOVAS FRONTEIRAS DA ODONTOLOGIA: AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE ORAL.....</b>	<b>92</b>
MACHADO, Alice Rabbi; CASTEGLIONE, Caio Dias; ALMEIDA, Isabela Silva; QUEIROZ, Milleny Oliveira de; FORTES, Kalicia Evelin Zambrano; OLIVEIRA, Juliana Costa de	

**PERFIL DA CONDIÇÃO ORAL E PRESENÇA DE FOCOS DE INFECÇÃO EM  
PACIENTES IMUNOCOMPROMETIDOS INTERNADOS EM HOSPITAL PRIVADO:  
UM ESTUDO RETROSPECTIVO..... 98**

BUQUERONI, Robert Gomes; FERREIRA, Karla Daniella Malta

**TENSÕES NORMAIS E CISALHAMENTO..... 105**

MATAVELLI, Livia Orlandi; SANTANNA, Milena Alves; SOPELETTO, Leone Leal;  
SILVA, Fernanda Souza

**SAÚDE COLETIVA E PREVENÇÃO EM ODONTOLOGIA..... 113**

CASTANHI, Maria Luiza do Nascimento; ROGERIO, Felipe Menezes N.; CARVALHO,  
Alice F. Spínola; BAPTISTA, Luiz Otávio Cardoso; POGIAN, Lara Lopes M.; JARDIM,  
Marcello Angelo; OLIVEIRA, Juliana Costa de

**FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA EM DIÁLOGO COM A LEI LUCAS 13.722/2018 E  
O CÓDIGO PENAL..... 120**

ANGELO, Talytha Cardozo; CAZOTTE, Thiago Canholato; BORTOLETO, Edvaldo  
José

## QUALIDADE DE VIDA E ONCOLOGIA: A RELAÇÃO DE PACIENTE E FAMÍLIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL

BARBOSA, Amanda Souza<sup>1</sup>  
SILVA, Josileia Candido da<sup>1</sup>  
AZEVEDO, Raquel Pereira<sup>1</sup>  
SERAFIM, Simone Ventura dos Santos<sup>1</sup>  
VIANA, Thaymara Bastianeli<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Psicologia, da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – barbosaasouza@gmail.com; josileia\_candido@hotmail.com-pereiraraquel250@gmail.com; sventura@gmail.com; thaymarabastianeli@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Clara Nardini Souto (2020), a qualidade de vida (QV) pode ser compreendida como a percepção do indivíduo sobre sua saúde, destacando nesse aspecto as relações sociais, trabalho, estado psicológico, lazer e interações ambientais, impactando diretamente os hábitos cotidianos. Comportamentos disfuncionais, como sedentarismo, consumo excessivo de álcool e outras drogas lícitas ou ilícitas, má alimentação e estresse, atuam como fatores que reduzem a qualidade de vida e estão associados às doenças crônicas não transmissíveis.

Desde a sua descoberta, o câncer tem sido uma das doenças mais temidas pela sociedade, pela associação direta com a finitude, degeneração do corpo, sofrimento e dor, reforçando sua característica como uma doença crônico-degenerativa, marcada por implicações negativas e estigmatizadas que afetam diretamente o tratamento. Além disso, Julia Wakiuchi et al (2020) destacam que essa percepção gera complexidade terapêutica em abordagens multidisciplinares para um cuidado mais integral e eficaz.

De acordo com Amanda Duarte de Souza et al. (2024) a promoção de saúde mental deve abranger múltiplos aspectos, incluindo fatores sociais, psicológicos, culturais e espirituais. Um tratamento eficaz não se limita às melhoras físicas, mas envolve uma abordagem integral que considere todos os determinantes da qualidade de vida do indivíduo.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo visa a compreender relação paciente e família na promoção de saúde mental através da pesquisa qualitativa do tipo revisão bibliográfica.

A pesquisa foi realizada através de revisão bibliográfica com base em materiais das principais bases científicas da área, Brazilian Journal of Health Review, Praxis, Revista Brasileira de Epidemiologia entre outras. Para a busca foram utilizados descritores como; oncologia, família e câncer, equipe multidisciplinar, tratamento, qualidade de vida, saúde mental. Os descritores foram usados no idioma português e foram utilizados de forma individual e combinada. O quantitativo inicial foi de 30 artigos no qual selecionamos com base na relevância e coerência para o tema.

## 3 DESENVOLVIMENTO

O recebimento do diagnóstico de uma doença crônica envolve diversos fatores emocionais e psicológicos. Diante da notícia de uma condição potencialmente invasiva, agressiva e associada à alta mortalidade, o paciente pode vivenciar diferentes reações, como medo, negação, sofrimento, racionalização e aceitação. A forma com que essas reações são apresentadas é subjetiva e influenciada diretamente pela história de vida do indivíduo, bem como pela maneira como lida com o estigma e o estereótipo associados à patologia. Alessandra da Cunha Eumayer et al (2018) ressaltam que a maneira como esse diagnóstico é recebido impacta diretamente a percepção e compreensão da doença pelo paciente.

De acordo com Ferreira et al (2016), é notória a transformação no modo de vida e de pensar de pacientes oncológicos. Tal diagnóstico carrega consigo não apenas o medo da finitude, mas também a confrontação direta com uma doença frequentemente associada a uma perspectiva pessimistas por grande parte da sociedade, podendo resultar em ansiedade, depressão, baixa autoestima e sentimento de revolta, influenciando também a adesão ao tratamento.

A luz de Ferreira et al. (2016) ainda que, embora o sofrimento seja subjetivo e varie de indivíduo para indivíduo, há uma diferença quando se fala de transtornos psicológicos em homens e mulheres. Observa-se que, em grupos de mulheres, a depressão tende a predominar, estando fortemente relacionada às questões sociais. Um fator significativo para essa predominância no sexo feminino é a tendência masculina de apresentar uma postura de “indiferença”, resultante de um mecanismo

de negação em resposta a um estado de choque.

Essa resposta de fuga pode ser compreendida a partir da formação de um ideal masculino fundamentado na ideia de vigor e invencibilidade. “O homem de verdade não apenas possui atributos subjetivos viris, como a frieza de sentimentos, a objetividade e a racionalidade, como também expressa sua masculinidade por meio de um corpo que ateste às mulheres e aos outros homens a sua hombridade”. Morena et al. (2013, p. 656). Nesse contexto, o câncer, ao provocar sintomas físicos e psicológicos, compromete essa imagem idealizada, tornando necessária a dessensibilização do tema tanto na vida do paciente quanto em sua rede de apoio, para melhor aceitação e adesão ao tratamento, promovendo melhor qualidade de vida.

De acordo com Souto (2020) diante dos sentimentos negativos que o câncer acarreta, muitos pacientes desenvolvem estratégias subjetivas para lidar com a doença. No entanto, práticas disfuncionais, como o isolamento social, a vergonha e o silêncio, podem levar a uma percepção individualizada, em que o paciente se vê como único responsável por seu sofrimento. Essas atitudes, porém, repercutem também no âmbito familiar, gerando um sofrimento coletivo. Nesse contexto, o suporte familiar e o apoio emocional tornam-se fundamentais para o enfrentamento dessa fase da doença.

A necessidade de apoio psicológico não se limita ao paciente diagnosticado, pois a família exerce papel fundamental no processo de aceitação e tratamento, favorecendo uma visão mais otimista quanto às possibilidades de cura. Segundo Eumayer et al. (2018), sentimentos como medo, negação e tristeza são generalizados no âmbito individual e familiar, podendo gerar um adoecimento coletivo se não houver intervenções psicoterápicas adequadas.

A equipe multidisciplinar é composta por diversos profissionais da área da saúde, como médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais e nutricionistas, que atuam de maneira integrada e complementar no cuidado ao paciente oncológico. Essa atuação em parceria visa garantir um atendimento integral e humanizado, no qual cada profissional contribui com seus saberes específicos para assegurar a qualidade de vida do paciente. Flávio Vaz Machado et al (2022) ressaltam que esses profissionais são responsáveis por prestar assistência direta ao paciente, atuar no controle da doença e oferecer suporte contínuo aos familiares. Além disso,

desenvolvem ações educativas e de sensibilização que favorecem o autocuidado e promovem a articulação entre os serviços de saúde e os diferentes contextos de vida do indivíduo, assegurando um cuidado personalizado, amplo, interdisciplinar e centrado nas necessidades do paciente.

De acordo com Maria Valbilene Gonçalves (2024), os cuidados paliativos visam à atuação integrada de uma equipe multiprofissional que tem como principal objetivo a qualidade de vida de pacientes nos quais possuem doenças ameaçadoras da vida. Essa prática busca, além de identificar precocemente os sintomas e oferecer tratamento adequado para o controle da dor, atender também às dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais de cada indivíduo. Incluem-se nos cuidados paliativos uma abordagem pautada na comunicação efetiva, na conexão e na personalização do cuidado, colocando empatia, atenção e humanização nos procedimentos oferecidos pelos profissionais de saúde, garantindo acolhimento, dignidade e respeito durante todo o percurso.

No contexto dos cuidados paliativos ao paciente oncológico, é fundamental reconhecer que o tratamento vai além do paciente acometido pela doença, estendendo-se à sua família, que exerce papel essencial como parte integrante da rede de apoio emocional e social. A participação da equipe multidisciplinar é indispensável, com atuação essencial do psicólogo no fortalecimento dos vínculos afetivos, acolhimento emocional e promoção de um ambiente de confiança e empatia. Nathália Dornelles Lopes; Luana Comito Muner (2018) abordam que compreender o paciente de forma holística — como um ser biopsicossocial e espiritual — permite identificar como suas experiências de vida influenciam a maneira de enfrentar o diagnóstico, o tratamento e as transformações decorrentes da doença. Dessa forma, a integração entre paciente, família e equipe de saúde torna-se um pilar essencial para a construção de um cuidado verdadeiramente humano, sensível e eficaz.

A vivência do câncer provoca mudanças significativas na dinâmica familiar, sendo necessárias novas adaptações diante dos desafios, limitações e responsabilidades que a doença acarreta. Noeli Marchioro Liston Ferreira et al (2010) afirma que, nesse contexto, a família tende a se unir em torno de um objetivo comum: oferecer apoio emocional e prático ao paciente, o que é fundamental para o enfrentamento da enfermidade.

Ferreira et al. (2010) ainda fala da capacidade de adaptação familiar diante do câncer está diretamente relacionada à sua estrutura, aos padrões de comunicação e à forma como lida com as emoções e desafios do tratamento. A família torna-se uma rede de apoio fundamental na manutenção do cuidado, no incentivo e no autocuidado nas decisões cotidianas. Ao reconhecer-se como parte essencial desse processo, ela contribui não apenas para o bem-estar físico e emocional do doente, mas também para a construção de um ambiente mais equilibrado e acolhedor durante todas as fases da doença. As famílias que conseguem preservar sentimentos positivos e reorganizar suas rotinas demonstram maior capacidade de superação, fortalecendo os laços afetivos e promovendo um ambiente de amor e respeito mútuo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O diagnóstico de câncer envolve uma problemática que vai além muito além do que se espera, pois, tratar-se de condições multifatoriais que interligadas perpassa por relações familiares, logística de deslocamento, custo financeiro, disponibilidade de horários, sendo inclusive necessária a abstenção de atividades laborais entre outros fatores. Porém o lado emocional, sentimentos de incerteza, medo, ansiedade e angústia envolvem tanto pacientes como familiares e toda rede de apoio. Sendo assim, a qualidade de vida do paciente oncológico e de seus familiares fica comprometida devido às incertezas do sucesso do tratamento, assim como todo o processo que o envolve, muitas vezes longos e desafiadores.

Os cuidados paliativos e a abordagem interdisciplinar tornam-se práticas essenciais que visam buscar o bem-estar durante todo o percurso da doença, valorizando o paciente em sua totalidade — como ser biopsicossocial e espiritual. Assim, torna-se notável que o cuidado em oncologia não se restringe à ausência de dor ou ao prolongamento da vida, mas se constrói a partir da busca a qualidade de vida a valorização das relações, da escuta sensível e da atenção contínua às necessidades subjetivas de cada indivíduo e de sua família.

Portanto, promover a saúde mental no contexto oncológico é promover também o vínculo, o respeito e o cuidado compartilhado. O enfrentamento do câncer deve ser entendido como uma experiência coletiva, na qual o paciente, a família e os profissionais de saúde caminham juntos na busca por sentido, conforto e qualidade de vida diante dos desafios impostos pela doença.

## 5 REFERÊNCIAS

SOUTO, Clara Nardini. Qualidade de vida e doenças crônicas: possíveis relações. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 8169-8196, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n4-077. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/13167/11074>. Acesso em: 10 out. 2025.

WAKIUCHI, Julia; OLIVEIRA, Denize Cristina de; MARCON, Sonia Silva; OLIVEIRA, Magda Lúcia Felix de. Sentidos e dimensões do câncer por pessoas adoecidas: análise estrutural das representações sociais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 54, 2020. DOI: 10.1590/S1980-220X2018023203504.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018023203504>. Acesso em: 10 out. 2025.

GONÇALVES, Maria Valbilene et al. The importance of the multidisciplinary team for outpatient cancer patients in palliative care. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 11, p. e142131147492, nov. 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i11.47492.

Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/47492/37487>. Acesso em: 10 out. 2025.

EUMAYER, Alessandra da Cunha et al. Efeito do diagnóstico de câncer e sugestões para comunicação diagnóstica na visão dos pacientes. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 64, n. 4, 2018. DOI: 10.32635/2176-9745.RBC.2018v64n4.197.

Disponível em: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2018v64n4.197>. Acesso em: 10 out. 2025.

FERREIRA, Andreia Silva et al. Prevalência de ansiedade e depressão em pacientes oncológicos e identificação de variáveis predisponentes. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 62, n. 4, p. 321-328, 2016. Disponível em:

<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/159>. Acesso em: 10 out. 2025.

MODENA, Celina Maria et al. Os homens e o adoecimento por câncer: um olhar sobre a produção científica brasileira. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 37, n. 3, 2013. DOI: 10.22278/2318-2660.2013.v37.n3.a443. Disponível em:

<https://doi.org/10.22278/2318-2660.2013.v37.n3.a443>. Acesso em: 10 out. 2025.

SANCHEZ, Keila. Câncer e família: compreendendo os significados simbólicos. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 9, n. 2, p. 8749, 2010. DOI:

10.4025/ciencucidsaude.v9i2.8749. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/94919424/8749-Texto\\_do\\_artigo-41570-1-10-20100923.pdf](https://www.academia.edu/download/94919424/8749-Texto_do_artigo-41570-1-10-20100923.pdf). Acesso em: 10 out. 2025.

MACHADO, Flávio Vaz et al. A atuação da equipe interdisciplinar junto aos familiares e ao paciente oncológico. **Praxis**, v. 13, n. 2sup, 2021. DOI:

10.47385/praxis.v13.n2sup.3632. Disponível em: <https://doi.org/10.47385/praxis.v13.n2sup.3632>. Acesso em: 10 out. 2025.

## O CUIDADO COMO PROVEDOR DE SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES NA REDE PÚBLICA ESTADUAL EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES

CARVALHO, Felipe de<sup>1</sup>  
DIAS JÚNIOR, João de Paula<sup>1</sup>  
PEREIRA, Gustavo Gomes<sup>1</sup>  
SIMÃO, Kaylane Costa<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Psicologia, da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – fe.carvalho635@gmail.com; jpjuniorbr@gmail.com;

ogomesgustavo01@gmail.com; costakaylane974@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

Os professores são os transmissores de conhecimento às novas gerações, e por isso é fundamental que se tenha um olhar mais cuidadoso para essa classe de trabalhadores que lidam com situações diversas em sala de aula. Seus desafios vão desde formar crianças e jovens para a sociedade que não cessa de se transformar até lidar com fatores desgastantes que fogem do controle do professor. Tais fatores, segundo Maiko Defaveri, Cristina Pilla Della Méa e Vinícius Renato Tomé Ferreira (2020, p. 815), correspondem, dentre outros, a “jornada exaustiva de trabalho, baixa remuneração, indisciplina discente, violência, acúmulo de funções e massificação do ensino”.

Essas condições, segundo Lídia Natalia Dobrianskyj Weber, et al (2015), contribuem para o adoecimento dos professores, ao ponto de adquirirem o estresse ocupacional, resultante de um esgotamento físico e psicológico do trabalhador frente a um sofrimento constante na atuação profissional, relacionado principalmente à alta carga horária de trabalho e pouco lazer. Além disso, uma pesquisa de Mary Sandra Carlotto e Sheila Gonçalves Câmara (2008) expõe que os professores lidam com desafios no seu cotidiano escolar, como turmas cheias, sobrecarga de trabalho, pressão por resultados, falta de valorização social, que impactam diretamente na sua saúde mental e qualidade de vida. O estresse docente é frequentemente associado a sintomas de ansiedade, desmotivação e exaustão emocional, sintomas estes que,

segundo Laura Riolli e Victor Savicki (2014), pode comprometer tanto o desempenho profissional quanto o bem-estar pessoal.

Diante disso, a criação de espaços de acolhimento no ambiente escolar é essencial. Pequenos gestos de cuidado, como oferecer café ou chá, funcionam como formas simbólicas de reconhecimento, o que, para Paulo Freire (1996), é capaz de gerar sensação de pertencimento e valorização. Essas ações se relacionam com a promoção da saúde mental no trabalho docente, fortalecendo vínculos afetivos e diminuindo a percepção de isolamento.

Considerando tais circunstâncias, este trabalho apresenta uma reflexão sobre a saúde mental dos professores do ensino médio, considerando os desafios enfrentados na prática docente e a importância de pequenas ações de acolhimento. Foi, para isso, realizada uma experiência em uma escola pública estadual de Cachoeiro de Itapemirim- ES, na qual foi feito a entrega de café e chá aos docentes durante seus horários de aula como gesto simbólico de valorização e cuidado e, posteriormente, uma entrevista com os professores que foram acolhidos pela ação. O objetivo foi analisar como esse tipo de atitude pode impactar o bem-estar e a rotina escola.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo consistiu em uma ação de intervenção realizada em uma escola estadual de Cachoeiro de Itapemirim–ES, mantida em anonimato, com a participação de nove professores. Durante as aulas, eles foram surpreendidos com a oferta gratuita de chá ou café, como forma de acolhimento e valorização.

Posteriormente, responderam a um formulário via WhatsApp, com 21 perguntas (19 objetivas e 2 discursivas) sobre saúde mental e percepções a respeito da ação. As questões abordaram tempo de atuação, carga horária, esgotamento emocional, valorização pela gestão, apoio psicológico, sinais de estresse e sugestões para melhorar o bem-estar docente.

A pesquisa, realizada entre 9 de setembro e 3 de outubro de 2025, utilizou ainda fontes do Google Acadêmico e outros portais científicos, com os dados organizados e editados no Google Docs.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada com professores de uma escola da rede pública estadual na cidade de Cachoeiro de Itapemirim trouxe dados relevantes para que seja feita uma análise da situação da saúde mental desses profissionais da área da educação. Os entrevistados são professores experientes, visto que a maioria trabalha há mais de 10 anos na educação pública. É válido ressaltar que a maioria deles trabalha apenas em uma escola, enquanto apenas um dos entrevistados dá aula em 3 ou mais escolas. Mesmo assim, salta aos olhos a percepção de que mais de 70% dos entrevistados afirmam ter uma carga de trabalho semanal pesada ou exaustiva, confirmando um alto nível de estresse.

Não obstante ao cenário, é válido se notar que os professores que possuem mais de 3 ou 4 anos de atuação na rede pública foram afetados pela pandemia do coronavírus no seu trabalho, então não se pode negar que essa circunstância gerou consequências em sua saúde mental à medida que foi preciso se adaptar a um novo contexto de aulas não presenciais. Em uma pesquisa citada por Káren Maria Rodrigues da Costa et al. (2021), verificou-se que essa modalidade comprometeu a saúde mental dos docentes. Além disso, em um trabalho de João Carlos Gonçalves et al. (2022), constatou-se que a necessidade de se adaptar às tecnologias educacionais durante a pandemia foi fator de muita angústia entre os profissionais da educação, oportunizando cenários de ansiedade e stress por tais cobranças.

No que diz respeito à pesquisa feita para este resumo, há de se atentar que ela trouxe a perspectiva do cuidado como meio de prover saúde mental aos professores, o que exige que se busque saber das condições que esses profissionais vivenciam atualmente e como sua saúde mental é afetada. Por este motivo, percebe-se que muitos dos entrevistados se sentem esgotados emocionalmente (77%) e possuem grande dificuldade em se “desligar” do trabalho ao chegar em casa (mais de 70%), expressando que a saúde mental desses profissionais se encontra em risco.

Outro fator de preocupação é o fato de que a maioria dos professores expressou notar sinais frequentes de estresse, ansiedade ou desânimo (80%). Mesmo com tais dados, os profissionais entrevistados deixaram claro, em sua maioria (ou seja, 90% das respostas), que a escola não oferece apoio à saúde mental dos professores. Assim, além de tudo o que esses profissionais já vivenciaram no passado com a pandemia e suas consequências, ainda hoje se negligencia a saúde mental dos

professores pelas autoridades, e isso fica explícito quando se percebe que quase a totalidade dos entrevistados afirmam que não existe apoio da escola à sua saúde mental, demonstrando, assim, que esse fator de negligência é de todo o sistema de educação.

Mas o estresse, insta salientar, não tem como única fonte o histórico da pandemia ressaltado anteriormente, mas também algo que já era discutido há tempos, como citado em um trabalho de Liciane Diehl e Angela Helena Marin (2016), que afirmam que o intenso envolvimento emocional com a situação dos alunos, a falta de valorização social do trabalho docente, a desmotivação do trabalho, as relações interpessoais não agradáveis, classes com grande quantidade de alunos, a não existência de tempo para descanso e lazer e a jornada extensa de trabalho são fatores que, em seu conjunto, são fontes de estresse nos profissionais da educação. Por isso, Maria da Conceição Ribeiro Troitinho (2021) ao falar de fatores estressores no ambiente escolar atrelado a pandemia, destaca que são esses fatores tem origem múltiplas, tais quais: a sobrecarga de responsabilidade pelos alunos; escasso apoio governamental e pressões de prazo no âmbito escolar; aumento do número de turmas; grande volume de trabalho; fraca disposição dos alunos; o envolvimento insuficiente dos pais; e a pressão combinada dos pais, educadores e alunos.

Esse cenário não se difere da situação atual, conforme já foi constatado nessa pesquisa e citado acima sobre o estresse dos profissionais e a falta de cuidado institucionalizado com sua saúde mental.

Foi também questionado acerca da sensação de valorização no ambiente de trabalho, e há uma diferença acentuada na fonte de satisfação: a relação com os alunos é altamente valorizada, mas o suporte e a valorização da gestão são baixos (com uma média abaixo de 3 nas respostas).

Também, foi solicitado aos professores entrevistados que avaliassem a ação de acolhimento feita pelos estudantes do 6º período de psicologia da Multivix na qual foi oferecido aos professores chá e café na porta da sua sala de aula durante o horário da última aula do dia, ou seja, a sétima aula de uma tarde que se inicia às 12h20 e somente termina às 19h20. Os resultados se mostraram positivos e a ação foi altamente eficaz em gerar sentimentos de reconhecimento e valorização. Isso porque, cerca de 90% dos professores entrevistados afirmaram que o gesto foi acolhedor e que a ação contribuiu para que se sentissem reconhecidos e valorizados, sendo todos

unânicos em afirmar o desejo de frequência para ações como essa, reforçando a carência percebida de suporte na escola. Segundo os entrevistados, pequenas ações de cuidado e escuta fortalecem a saúde mental. Conforme Elson Max Fernandes da Fonseca et al (2025), os educadores conseguem oferecer aos alunos uma educação mais significativa e afetiva quando se sentem ouvidos e valorizados e, portanto, é fundamental que o acolhimento a estes profissionais seja garantido.

Além disso, foi questionado aos professores acerca dos sentimentos gerados pela ação de acolhimento com o chá e o café. As respostas de categoria ampla, em sua maioria, foram relacionadas a terem se sentido acolhidos e valorizados, despertando o sentimento de que alguém estava olhando para a pessoa e não para o trabalho da pessoa. Também se pontuou a gentileza da atitude e o prestígio que o profissional sentiu. Falou-se sobre a ação ter trazido um momento de leveza para o dia turbulento e para a jornada exaustiva e, ainda, também se pontuou a questão da humanidade e do carinho do gesto.

Uma segunda e última pergunta aberta feita aos entrevistados foi sobre eles oferecerem sugestões para o fortalecimento da saúde mental dos professores, e as respostas foram diversas. Uma delas foi do apoio institucional e psicológico, levantando a necessidade de se ter psicólogos disponíveis na escola para os professores e também acontecerem mais momentos de acolhimento como o que foi feito com o chá e o café, além de debates e palestras sobre o tema da saúde mental do professor. Outro ponto levantado pelos entrevistados foi a mudança na gestão e estrutura, reduzindo-se as burocracias e cobranças exageradas e trazendo a valorização da autonomia docente, incluindo estes profissionais nas decisões da escola. Um terceiro ponto comum nas respostas é a compreensão coletiva da educação, levantando a necessidade de um maior engajamento dos pais e familiares dos alunos, visto que educar é um processo coletivo, aliviando a sobrecarga do professor.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, a pesquisa realizada e o levantamento quantitativo e qualitativo feito com os resultados das entrevistas deixa claro que os professores têm uma carência de suporte institucional para trabalhar a sua saúde mental.

No entanto, a ação feita com a entrega de café e chá aos professores trouxe

um resultado positivo que despertou para a necessidade de atitudes de acolhimento no ambiente de trabalho, mas não apenas de modo pontual.

Conclui-se que a saúde mental dos professores está em risco e é constantemente comprometida pela sobrecarga de trabalho, pela falta de suporte adequado durante a jornada e pela pressão contínua. Tais fatores tornam os educadores reféns de condições de trabalho precárias. Portanto, é fundamental garantir o bem-estar docente não só na melhora de sua eficácia profissional, mas também no investimento direto na qualidade do ensino.

Outrossim, também é importante destacar que este estudo se baseou em uma amostra limitada de participantes. Embora os resultados sejam significativos para o grupo entrevistado (N=9), eles não podem ser generalizados para toda a categoria. Sendo necessário mais voluntários obtenção de dados mais representativos, garantindo um panorama mais inclusivo e abrangente da realidade.

## 5 REFERÊNCIAS

CARLOTTO; Mary Sandra Carlotto; CÂMARA; Sheila Gonçalves. Preditores da síndrome de burnout em professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p. 101-110, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/ztQWb94cVwsrwZMW9LRhcFR/?lang=pt>>. Acesso em: 11 set. 2025.

COSTA, Káren Maria Rodrigues da, et al. Promoção da saúde mental de professores no contexto da pandemia do novo coronavírus. **Cadernos do Aplicação**. Porto Alegre, v.34, n.2, jul-dez 2021.[TM4]. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/110618>>. Acesso em: 09 out. 2025.

DEFFAVERI, Maiko, MÉA, Cristina Pilla Della, FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. Sintomas de ansiedade e estresse em professores da educação básica. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v.50, n.177, p.813-827, jul-set 2020.[TM5]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/vcjCwDsk6mp6b8KvvkC7fpk/>>. Acesso em: 09 out. 2025.

DIEHL, Liciane e MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v.7, n.2, p.64-85, dez. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n2/a05.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2025.

FONSECA, Elson Max Fernandes, et al. A saúde mental de estudantes e professores no ambiente escolar pós-pandemia. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 12, p. 130-140, 2025. Disponível em: <file:///C:/Users/jpjun/Downloads/130-

140+A+Sa%C3%BAd+Mental+de+Estudantes+e+Professores+no+Ambiente+Escola r. pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, João Carlos, et al. Análise bibliométrica de pesquisas voltadas aos efeitos da tecnologia educacional na ansiedade e estresse dos professores durante a pandemia da covid-19. **Cadernos do FNDE**, ano 3, vol.3, n.5, jan-jul 2022.[TM6] Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/publicacoes/index.php/cadernosFNDE/article/view/29>>. Acesso em: 10 out. 2025.

RIOLLI, L. e SAVICKI, V. Alienação autoconfirmada e iniciada ambientalmente no local de trabalho. **Open Journal of Depression**, v.3, n.4, p.164-171, 2014. Disponível em: <<https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=49354>> Acesso em 10 out. 2025.

TROITINHO, Maria da Conceição Ribeiro et al. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00331162, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTMtYpDDC3bZXTR/?format=html&lang=pt>> . Acesso em 10 out. 2025.

WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj, et al. O estresse no trabalho do professor. **Imagens da Educação, Maringá**, v.5, n.3, p.40-52, 2015.[TM7]. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/25789>>. Acesso em: 10 out. 2025.

## A SAÚDE MENTAL DOS ACOMPANHANTES HOSPITALARES: SOFRIMENTO E INVISIBILIDADE

FERNANDES, Luiza de Souza<sup>1</sup>  
DOS SANTOS, Rayane de Castro<sup>1</sup>  
BORGES, Thaiz Angelo<sup>1</sup>  
ESCARPINI, Vanessa de Castro<sup>1</sup>  
DOS SANTOS, Wallace Felipe Mota<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Psicologia, da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – luluedari@gmail.com; rayanedecastro88@gmail.com; thaizlessa1@gmail.com; vescarpini@gmail.com; contatowallacefelipe@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

A hospitalização é uma experiência complexa que ultrapassa o sofrimento físico do paciente e envolve profundamente os acompanhantes, que se veem imersos em sentimentos de ansiedade, medo e impotência diante da incerteza e da fragilidade do ente querido. O ambiente hospitalar, por sua natureza intensa e imprevisível, tende a gerar sobrecarga emocional e desgaste psicológico, afetando significativamente a saúde mental desses indivíduos. Segundo Caroline Mendes de Souza et al. (2023), cuidadoras e familiares enfrentam um processo contínuo de enfrentamento emocional, que exige resiliência diante das demandas físicas e afetivas impostas pelo cuidado.

Em âmbito internacional, Timothy H. Amass et al. (2022) e Nancy Kentish-Barnes et al. (2023) evidenciam que familiares de pacientes internados em unidades de terapia intensiva apresentam altos índices de estresse, ansiedade e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), revelando que o sofrimento psíquico do acompanhante se estende além do período de internação. Esses resultados destacam a urgência de reconhecer o acompanhante como sujeito vulnerável e integrante do processo de cuidado hospitalar, e não apenas como espectador.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a saúde mental dos acompanhantes hospitalares sob a ótica do sofrimento e da invisibilidade institucional. Como objetivos específicos, propõe-se: (1) identificar os fatores emocionais associados à hospitalização; (2) discutir a falta de suporte psicológico nos

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

hospitais; e (3) propor estratégias de acolhimento e humanização que promovam o bem-estar e a dignidade desses sujeitos.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica integrativa. Foram realizadas buscas no Google Acadêmico e SciELO, utilizando as palavras-chave ‘saúde mental’, ‘acompanhante hospitalar’, ‘acolhimento psicológico’ e ‘estratégias de enfrentamento’. Foram incluídos artigos publicados entre 2013 e 2023 que abordassem aspectos emocionais e psicossociais de acompanhantes de pacientes hospitalizados. Os estudos foram analisados de forma descritiva, buscando identificar temas recorrentes e lacunas na literatura.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

Acolhimento e suporte psicológico ao acompanhante hospitalar

O acolhimento e o suporte psicológico ao acompanhante hospitalar constituem dimensões fundamentais da prevenção em saúde mental, especialmente em contextos de hospitalização prolongada, nos quais prevalecem sentimentos de medo, incerteza e exaustão emocional. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021, p. 12–13, 27–28) reconhece que programas de promoção e prevenção em saúde mental são essenciais para reduzir o sofrimento psíquico em populações vulneráveis, devendo estar integrados às práticas assistenciais. No ambiente hospitalar, o acolhimento se revela não apenas como apoio emocional, mas também como estratégia de cuidado e prevenção, capaz de proteger o acompanhante de sobrecargas psicológicas e favorecer vínculos terapêuticos mais saudáveis entre paciente, família e equipe de saúde.

Os estudos de Celia Hiromi Shiotsu e Regina Toshie Takahashi (2000) evidenciam que o acompanhante vivencia ansiedade, impotência, solidão e desgaste físico, frequentemente agravados pela ausência de espaços institucionais de escuta e acolhimento. Esses autores ressaltam que o ambiente hospitalar, marcado por rotinas rígidas e tensões constantes, pode gerar sofrimento emocional cumulativo, exigindo da instituição uma postura de cuidado ampliado. Tal compreensão converge com o modelo biopsicossocial proposto por George Libman Engel (1977), que defende

a indissociabilidade entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais no processo de adoecimento e recuperação. Reconhecer o acompanhante como parte dessa tríade implica ampliar o olhar institucional, assistindo não apenas o paciente, mas também quem o acompanha, promovendo um ambiente mais equilibrado e humanizado.

A Política Nacional de Humanização (PNH), elaborada pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2013), reforça que a atenção integral deve contemplar todos os sujeitos envolvidos no processo de cuidado, valorizando a escuta qualificada, o respeito e a corresponsabilidade. Sob essa ótica, o acolhimento psicológico ao acompanhante representa uma prática que transcende a técnica e alcança o campo ético e social, ao legitimar sua presença e dignidade dentro do espaço hospitalar. Assim, acolher o acompanhante é reconhecer sua humanidade e o impacto que sua estabilidade emocional exerce sobre o processo terapêutico do paciente.

#### Percepção dos familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados

A hospitalização provoca mudanças significativas na dinâmica familiar e emocional dos acompanhantes, que vivenciam sentimentos de ansiedade, medo e impotência diante do estado de saúde do paciente (Henriques & Cabana, 2013). Essa experiência, marcada por longos períodos de espera e incerteza, gera sobrecarga emocional e desgaste físico, comprometendo o bem-estar psicológico. A preocupação constante e o afastamento da rotina tornam o acompanhante vulnerável a sintomas de estresse e fadiga, revelando a necessidade de reconhecer sua saúde mental como parte integrante do cuidado hospitalar.

A psicologia hospitalar desempenha papel essencial ao oferecer suporte emocional e estratégias de enfrentamento aos acompanhantes. Como destaca Alfredo Simonetti (2011), o psicólogo hospitalar atua para aliviar o sofrimento e fortalecer a resiliência desses indivíduos por meio da escuta e da mediação de conflitos. Essa atuação amplia o cuidado para além do paciente, construindo um ambiente mais acolhedor e humanizado, no qual o acompanhante se sente valorizado e amparado.

A escuta ativa, abordada por Jader Sebastião Raimundo e Matilde Meire Miranda Cadete (2012) e reforçada por Aline Letícia da Vitória e Cleber Lizardo de Assis (2015), constitui instrumento terapêutico indispensável nesse processo. Por meio dela, o acompanhante encontra espaço para expressar suas angústias e

emoções, o que reduz o sofrimento psíquico e fortalece os vínculos entre família, equipe e paciente. Assim, compreender a percepção dos familiares acompanhantes é reconhecer sua vulnerabilidade emocional e a importância de práticas institucionais que promovam acolhimento, dignidade e equilíbrio mental durante a hospitalização.

#### Percepção dos familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados

O acolhimento constitui eixo essencial da atenção hospitalar e deve ser compreendido como prática estruturante da humanização em saúde. A Política Nacional de Humanização (HumanizaSUS) orienta que o cuidado integral abrange dimensões físicas, emocionais e sociais, envolvendo não apenas o paciente, mas também familiares e acompanhantes, por meio da escuta qualificada, da comunicação empática e da valorização do vínculo (Brasil, 2015). Essas diretrizes consolidam o acolhimento como prática ética e institucional que transcende a técnica e busca promover um ambiente hospitalar centrado na pessoa.

Estudos nacionais reforçam que a humanização se concretiza por meio da educação em saúde, do diálogo e da corresponsabilidade entre profissionais e usuários. Marta Nunes dos Reis e Eliane de Souza Ribeiro (2011) destacam que processos educativos voltados ao cuidado tornam a assistência mais sensível às necessidades emocionais e relacionais, fortalecendo o vínculo entre equipe e paciente. Nessa perspectiva, Vanderli Maria de Oliveira e Aldina Zélia Carvalho Barbosa (2010) observam que a atuação humanizada dos profissionais, especialmente da enfermagem, repercute diretamente na satisfação, segurança e confiança dos pacientes, demonstrando que o acolhimento está intimamente relacionado à qualidade do cuidado e ao bem-estar coletivo.

Gustavo Henrique Carneiro e Luciana Aparecida Fonseca Martins (2020) apontam que a percepção dos pacientes sobre a humanização depende da postura ética, da escuta ativa e da capacidade de comunicação dos profissionais, o que impacta positivamente a experiência hospitalar. Do mesmo modo, Simone Patrícia Ferreira de Almeida e Ana Lúcia Souza Ferreira (2013) ressaltam que práticas de acolhimento institucional favorecem o trabalho em equipe e reduzem a distância entre profissionais e usuários, promovendo um ambiente de respeito, empatia e corresponsabilidade. Assim, o acolhimento e as intervenções humanizadas não apenas qualificam a assistência, mas configuram estratégia fundamental para o

fortalecimento das relações e a promoção da saúde integral.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidencia que o acompanhante hospitalar ocupa um lugar de profunda vulnerabilidade emocional, frequentemente marcado por sentimentos de medo, impotência e exaustão. A ausência de suporte institucional adequado e de espaços de escuta qualificada contribui para o agravamento de seu sofrimento psíquico, tornando indispensável que os serviços de saúde reconheçam sua importância dentro do processo terapêutico.

Os resultados da revisão apontam que o acolhimento e o suporte psicológico são estratégias fundamentais para promover o equilíbrio emocional e a resiliência desses indivíduos. A atuação da psicologia hospitalar, associada às diretrizes da Política Nacional de Humanização, reforça a necessidade de práticas integradas que valorizem o acompanhante como sujeito de cuidado e corresponsável pela recuperação do paciente.

Constata-se, portanto, que investir em políticas institucionais voltadas à saúde mental dos acompanhantes significa fortalecer a qualidade da assistência e humanizar o ambiente hospitalar. Ao reconhecer o sofrimento e a invisibilidade desses sujeitos, amplia-se a compreensão do cuidado como um processo relacional e ético, que envolve o paciente, a família e a equipe multiprofissional. Assim, o acolhimento psicológico se consolida como pilar indispensável para uma atenção hospitalar verdadeiramente integral e humanizada.

#### 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simone Patrícia Ferreira de; FERREIRA, Ana Lúcia Souza. A humanização na atenção à saúde: um estudo de caso em hospital público. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v. 11, n. 3, p. 385–401, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115048330003.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

AMASS, T. H. et al. Stress-Related Disorders of Family Members of Patients Admitted to the Intensive Care Unit With COVID-19. **JAMA Internal Medicine**, v. 182, n. 10, p. 1062–1070, 2022. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2791664>. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização: HumanizaSUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em:

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_humanizacao\\_pnh\\_fol\\_heto.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_fol_heto.pdf).

BRASIL. **Caderno HumanizaSUS: Atenção Hospitalar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_humanizasus\\_atencao\\_hospitalar.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_humanizasus_atencao_hospitalar.pdf). Acesso em: 24 set. 2025.

BEUTER, M. et al.. Sentimentos de familiares acompanhantes de adultos face ao processo de hospitalização. **Escola Anna Nery**, v. 16, n. 1, p. 134–140, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000100018>.

CARNEIRO, Gustavo Henrique; MARTINS, Luciana Aparecida Fonseca. A percepção de pacientes sobre a humanização do atendimento hospitalar no Brasil. **Enfermería Global**, v. 19, n. 4, p. 159–169, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/J8c759Q7bqntF6VfbttxrQr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

ENGEL, G. L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. **Psychodynamic Psychiatry**, v. 196, n. 4286, p. 129–136, 1977. Disponível em: <https://www.urmc.rochester.edu/MediaLibraries/URMCMedia/medical-humanities/documents/Engle-Challenge-to-Biomedicine-Biopsychosocial-Model.pdf>.

HENRIQUES, R. T. M.; CABANA, M. C. F. L. O acompanhante no processo de hospitalização. **Revista Humanae**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/69>. Acesso em: 10 out. 2025.

KENTISH-BARNES, N. et al. PTSD Symptoms Among Family Members of Patients With COVID-19 ARDS: A 12-Month Follow-up Study. **JAMA**, v. 330, n. 1, p. 56–65, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10474575/>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVEIRA, Vanderli Maria de; BARBOSA, Aldina Zélia Carvalho. A humanização da assistência à saúde no contexto hospitalar: reflexões sobre a prática de enfermeiros no Brasil. **Revista Fênix**, v. 7, n. 2, p. 79–92, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46900>. Acesso em: 24 set. 2025.

RAIMUNDO, Jader Sebastião; CADETE, Matilde Meire Miranda. Escuta qualificada e gestão social entre os profissionais de saúde. **Acta Paul Enferm.**, v. 25, n. special issue 2, p. 61-67, dez. 2012. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/escuta-qualificada-e-gestao-social-entre-os-profissionais-de-saude>. Acesso em 25 de set. 2025.

REIS, Marta Nunes dos; RIBEIRO, Eliane de Souza. A efetividade da educação em saúde no processo de humanização da assistência hospitalar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 3, p. 605–610, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rgenf/article/view/5347>. Acesso em: 24 set. 2025.

SHIOTSU, M.; TAKAHASHI, R. O acompanhante na instituição hospitalar:

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v. 10, n. 1, nov. 2025.*

significado e percepções. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 336–344, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/hycSPtJfKBVpG83V3jsSNhM>. Acesso em 04 de out. de 2025.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SOUZA, C. M. et al. Sobrecarga emocional ante a malformação congênita e o enfrentamento de cuidadoras. **Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 15, n. 2, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/686>. Acesso em: 10 out. 2025.

VITÓRIA, Aline Letícia da; ASSIS, Cleber Lizardo de. Vivências e estratégias de enfrentamento em acompanhantes de familiar hospitalizado em uma unidade hospitalar do município de Cacoal-RO. **Aletheia**, n. 46, p. 16–33, abr. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942015000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100003). Acesso em: 30 ago. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Comprehensive Mental Health Action Plan 2013–2030**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240031029>. Acesso em 30 ago. 2025.

## IMPACTOS AMBIENTAIS E ECOLÓGICOS DOS PLÁSTICOS E MICROPLÁSTICOS: CONSCIENTIZAÇÃO E AÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR

BASSINI MESQUITA, Vanêssa<sup>1</sup>  
BANDEIRA MACINA, Lucas<sup>2</sup>  
EDUARDO ROMULADO DOS SANTOS, Rachel<sup>2</sup>  
PRATA DAN CACHUBA, Ramon<sup>2</sup>  
GUIMARÃES LIMA, Thiago<sup>2</sup>  
DILLEN DA SILVA ASSAD, Yasmin<sup>2</sup>  
JORDÃO BICALHO, Alessandra<sup>3</sup>  
TORRES MORAES, Carolina<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Farmácia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES, vanessabassini123@gmail.com

<sup>2</sup> Educandos da Escola Estadual: EEEFM “Fraternidade e Luz”. Cachoeiro de Itapemirim-ES, lbmacina@gmail.com; queldossantos7@gmail.com; ramoncachuba@gmail.com; thiago.guimaraeslimabledol@gmail.com; yasmindillem@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Coorientador: mestre em Biologia, Escola Estadual: EEEFM “Fraternidade e Luz”. Cachoeiro de Itapemirim-ES, alejbicalho@gmail.com

<sup>4</sup> Professor orientador: Mestre em Química. Docente do Curso de Farmácia da Faculdade Multivix - Cachoeiro de Itapemirim-ES – carolina.tmorales@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

Os plásticos são materiais duráveis, acessíveis e amplamente utilizados desde a década de 1950, quando sua produção já acumulava cerca de 6,3 bilhões de toneladas de resíduos, dos quais apenas 9% foram reciclados, evidenciando a baixa eficiência no reaproveitamento desses materiais (Montagner *et al.*, 2021). O Brasil ocupa a quarta posição mundial na geração desses resíduos, com cerca de 11 milhões de toneladas anuais, e seu descarte inadequado causa prejuízos estéticos, econômicos e severos impactos ambientais (Abiplast, 2018).

Dentro da ampla ramificação de poluição causada pelo plástico, destacam-se os microplásticos, os quais podem ser subdivididos em primários e secundários, de acordo com sua fonte de origem (Montagner *et al.*, 2021). Os primários são intencionalmente produzidos com até 5 mm, já os secundários resultam da degradação de plásticos maiores, geralmente devido ao descarte inadequado (Montagner *et al.*, 2021; Vargas, 2022).

Além da contaminação ambiental, diversos estudos vêm alertando sobre o acúmulo de resíduos de microplásticos em organismos humanos (Da Cruz *et al.*, 2023;

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v. 10, n. 1, nov. 2025.*



Rangel *et al.*, 2023). Pesquisas conduzidas por Oliveira e colaboradores (2025), identificaram partículas de microplásticos em todas as amostras de 10 placentas e 10 cordões umbilicais, incluindo polímeros como polietileno (PE), poliuretano (PU), poliamida (PA), entre outros. Esses achados reforçam a necessidade de novas investigações sobre a toxicidade fetal e a urgência de reduzir a poluição plástica tanto para a proteção da saúde humana quanto para a preservação ambiental (Oliveira, *et al.*, 2025).

Assim, compreender a poluição por plásticos e microplásticos em comunidades locais, como a EEEFM “Fraternidade e Luz” é fundamental para promover a conscientização e valorizar práticas ambientais responsáveis. O projeto envolve a aplicação de questionário sobre hábitos relacionados ao plástico, realização de gincana de coleta com premiações e criação de protótipo para filtragem de microplásticos, além de ações de conscientização, como coletas simbólicas e distribuição de materiais educativos, fortalecendo o diálogo entre ciência e comunidade, promovendo práticas mais sustentáveis.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia deste estudo seguiu um delineamento de estudo de caso, com abordagem qualitativa, permitindo uma análise aprofundada de um fenômeno específico no contexto natural. Segundo Creswell (2014), essa abordagem é ideal para compreender fenômenos complexos e situados, utilizando múltiplos métodos como entrevistas, questionários, observações e análise documental.

Realizada na comunidade escolar da EEEFM “Fraternidade e Luz”, em Cachoeiro de Itapemirim–ES, contou com amostra intencional de moradores, professores, funcionários e alunos. O questionário, com 20 questões fechadas, abordou aspectos sociodemográficos, conhecimento e hábitos relacionados aos microplásticos e percepção sobre impactos ambientais e à saúde. Os dados foram analisados quantitativamente e apresentados por gráficos descritivos. Complementarmente, promoveu uma gincana de coleta de plásticos, com premiação e ações de conscientização, como coletas simbólicas e distribuição de ímãs e panfletos educativos.

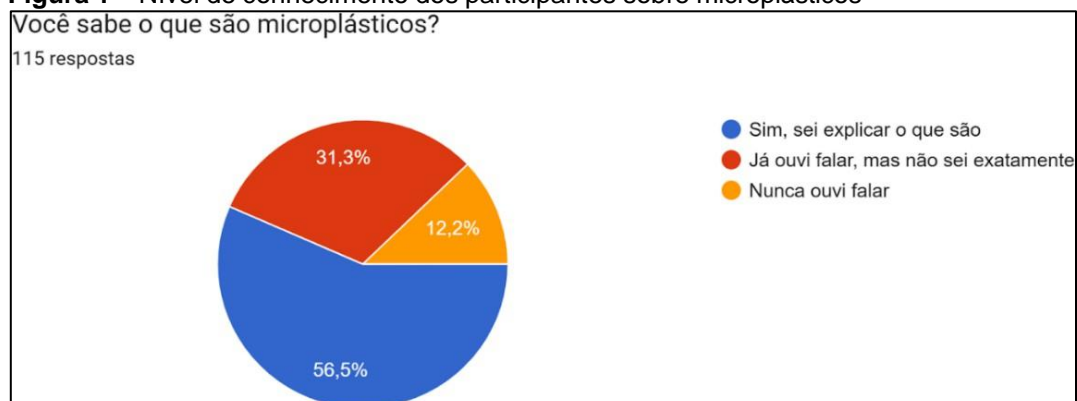
O projeto culminará na elaboração de um protótipo capaz de realizar a filtragem de microplásticos e será amplamente divulgado, promovendo a conscientização

acerca dos impactos ambientais e sociais dos microplásticos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi conduzida por meio da plataforma Google Forms, com a participação de 114 indivíduos, majoritariamente entre 15 e 25 anos (55,7%). Em relação ao conhecimento sobre microplásticos, foi evidenciado na figura 1, que a maioria dos participantes (56,5%) afirmou compreender e ser capaz de explicar o que são microplásticos, resultado que corrobora Parolari (2022), ao demonstrar que escolaridade e idade influenciam na percepção ambiental. Isso reforça a importância de ações educativas, visto que o conhecimento adequado sobre os impactos ambientais e os riscos dos microplásticos é essencial para incentivar comportamentos conscientes.

**Figura 1** – Nível de conhecimento dos participantes sobre microplásticos



Fonte: O Autor, 2025.

Além disso, foi questionado aos entrevistados sobre sua consciência a respeito do impacto ambiental grave causado pelo lixo plástico, e a maioria (96,5%) respondeu positivamente. Este dado se alinha ao estudo de Silva (2019), realizado com estudantes da Universidade Federal da Paraíba, que demonstrou a ampla consciência entre os alunos sobre os danos causados pela poluição plástica. Contudo, apesar do conhecimento consolidado, observou-se uma desconexão entre a consciência ambiental e as práticas adotadas pelos estudantes, o que revelou a diferença entre o entendimento teórico e a efetiva adoção de comportamentos ambientalmente responsáveis.

Em seguida, questionou-se sobre a separação do lixo plástico para reciclagem, e 36,5% dos participantes afirmaram nunca realizar essa prática. Isso reflete a

contradição entre a consciência ambiental e as ações efetivas, resultado semelhante ao encontrado por Neves & Castro (2012), que verificaram que, embora 86% reconheçam a importância da separação, apenas 26% a praticam regularmente.

Por fim, foi questionado sobre a disponibilidade de pontos de coleta de lixo. A pesquisa apontou, conforme a figura 2, que a maioria dos participantes relatou haver poucos ou nenhum ponto de descarte adequado perto de suas residências, destacando a insuficiência de infraestrutura de coleta seletiva. Essa carência, segundo Rosado e Penteado (2018), dificulta o descarte consciente e contribui para o acúmulo de resíduos, comprometendo a eficiência da gestão ambiental.

**Figura 2** – Dificuldades dos participantes em descartar corretamente materiais recicláveis em sua comunidade



Fonte: O Autor, 2025.

Adicionalmente, como resultado da gincana de coleta de resíduos plásticos, observou-se uma expressiva participação e engajamento dos alunos. Foram destinados à APARAS, centro de reciclagem localizado em Cachoeiro de Itapemirim – ES, responsável pela triagem e destinação dos resíduos plásticos e metais, mais de 112 kg de plástico (Figura 3). Essa ação evidenciou o impacto positivo das práticas sustentáveis adotadas, promovendo maior conscientização ambiental entre os estudantes e a comunidade local.

**Figura 3** – Coleta e pontuação dos plásticos recolhidos pelos participantes da gincana.



Fonte: O Autor, 2025.

Em continuidade às ações desenvolvidas, os resultados da coleta de resíduos plásticos no entorno da EEEFM “Fraternidade e Luz” revelaram o comprometimento dos estudantes nas ações de monitoramento ambiental. Após a coleta, foi realizada a estimativa da área percorrida e da densidade de lixo, considerando um percurso total de 1,58 km, equivalente a aproximadamente 6.320 m<sup>2</sup>. A partir da massa coletada de 3,10 kg, obteve-se uma densidade de resíduos de 0,00049 kg/m<sup>2</sup>. A verificação dos dados demonstrou consistência entre a densidade calculada e a massa obtida experimentalmente, confirmando a precisão da metodologia aplicada (Figura 4).

A atividade de campo proporcionou uma experiência prática enriquecedora, favorecendo o desenvolvimento de habilidades de observação, registro e análise de dados. Além disso, reforçou a conscientização sobre o descarte adequado de resíduos e a responsabilidade socioambiental, incentivando os alunos a atuarem como agentes de transformação na comunidade. A vivência em ambiente real possibilitou a integração entre teoria e prática, ampliando a compreensão acerca dos impactos ambientais decorrentes do descarte inadequado de materiais plásticos. Essa experiência também promoveu o senso crítico e o protagonismo estudantil, elementos fundamentais para a formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade e a gestão responsável dos recursos ambientais.

**Figura 04** – Coleta de resíduos plásticos no entorno da EEEFM “Fraternidade e Luz”.



Fonte: O Autor, 2025.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados obtidos, conclui-se que a comunidade escolar da EEEFM “Fraternidade e Luz” apresenta um conhecimento relativamente consolidado sobre os microplásticos e seus impactos ambientais, porém, ainda enfrenta desafios na aplicação prática de ações sustentáveis. Esses resultados reforçam a divergência entre conhecimento teórico e prática ambiental, destacando a necessidade de estratégias educativas contínuas para promover hábitos sustentáveis.

A realização de ações educativas, como a gincana de coleta de plásticos, a criação de protótipos de filtragem de microplásticos e a distribuição de materiais informativos, mostrou-se essencial para integrar conhecimento e prática, fortalecendo a conscientização ambiental e o engajamento dos alunos. A pesquisa evidencia que a redução da poluição plástica requer esforços conjuntos entre educação, gestão de resíduos e participação social, contribuindo para a proteção da saúde humana e do meio ambiente.

#### 5 REFERÊNCIAS

ABIPLAST – Associação Brasileira da Indústria do Plástico. *Perfil 2018*. São Paulo: **ABIPLAST**, 2018. Disponível em: <https://www.abiplast.org.br/wp-content/uploads/2019/08/perfil-2018-web.pdf>. Acesso em: 25 Set. 2025.

DA CRUZ, Erivania Maria Timóteo; DE ALMEIDA, Felipe Rodrigues. Exposição a nano e microplásticos e seus impactos na saúde humana: uma revisão da literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 6, p. 2355-2375, 2023.

MONTAGNER, C. C.; DIAS, M. A.; PAIVA, E. M.; VIDAL, C. Microplásticos: ocorrência ambiental e desafios analíticos. *Química Nova*, Campinas, v. 44, n. 10, p. 1328-1352, 2021. Disponível em:

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

<https://www.scielo.br/j/qn/a/VJ58TBJHVqDZsvWLckcFbTQ/>. Acesso em: 25 Set. 2025.

NEVES, A. C. R. R.; CASTRO, L. O. de A. Separação de materiais recicláveis: panorama no Brasil e incentivos à prática. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 1734–1742, 2013. DOI: 10.5902/223611706631. Acesso em: 10 set. 2025.

OLIVEIRA, CWL; et al. First evidence of microplastic accumulation in placentas. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, [S.l.], v. 97, n. 1, p. e20241298, 2025. DOI: 10.1590/0001-3765202520241298. Acesso em: 25 set. 2025.

PAROLARI, REGINA. Percepção da Comunidade Acadêmica da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista sobre a degradação do ambiente marinho decorrente da presença de microplásticos. 2022. 158 f. **Dissertação (Mestrado em Bioprodutos e Bioprocessos)** – Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2022.

RANGEL, Eduarda Medran et al. Efeitos dos microplásticos no meio ambiente. In: OLIVEIRA, Cristiane Fabres de (org.). **Meio ambiente: gestão, preservação e desenvolvimento sustentável**. Vol. 4. Porto Alegre: Editora e-Publicar, 2023. Cap. 11, p. 173–185.

ROSADO, LAIS PEIXOTO; PENTEADO, Carmenlucia Santos Giordano. Análise da eficiência dos Ecopontos a partir do georreferenciamento de áreas de disposição irregular de resíduos de construção e demolição. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 164–185, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/SN-v30n2-2018-8>. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVA, J. R. B. Redução do consumo e sustentabilidade: um estudo do comportamento de redução do consumo de plásticos descartáveis. **Repositório Institucional da UFPB**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15428>. Acesso em: 2 set. 2025.

VARGAS, Julia Gabriela Matos et al. Microplásticos: uso na indústria cosmética e impactos no ambiente aquático. **Química Nova**, v. 45, n. 6, p. 705-711, 2022.

## **AUTOMEDICAÇÃO: UM ALERTA SOBRE OS RISCOS E DANOS DESSA PRÁTICA**

DA SILVA, Gabriely Braz<sup>1</sup>  
RIBEIRO, Ana Carolina Reis<sup>1</sup>  
ROBLES, Pedro Guilherme Sousa<sup>1</sup>  
ROSA, Raphaela Zuqui<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do curso de psicologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES, gabriellybrazds@gmail.com; anacarolinareisribeiro5@gmail.com; pedroguilhermerobles@gmail.com; raphazuquir@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

Com o avanço dos estudos para diagnósticos especializados em transtornos mentais, também cresce a quantidade de psicofármacos para cada tipo específico de um funcionamento neural (Rocha, 2023). Os efeitos de cada remédio podem ter resultados diferentes para cada paciente, por isso é necessária uma avaliação prévia para saber qual medicamento e dosagem será ideal, visando melhorar a qualidade de vida do paciente (Anvisa, 2020).

No Brasil, atualmente, é possível notar um cenário no qual a maior parte da população não respeita o controle da medicação conforme prescrição médica, evidenciando que é “comum” o ato de decidir por conta própria o medicamento que o aliviará os sintomas (Silva, 2024).

Os psicofármacos sem prescrição médica estão sendo utilizados para aliviar os sintomas que o corpo apresenta. Nos primeiros sinais de ansiedade e dificuldades para dormir os indivíduos recorrem a automedicação, seja ela por vontade própria ou indicação de terceiros, sem antes compreender quais efeitos podem ser acarretados para suas vidas (Pelegri, 2003).

Com a facilidade de encontrar farmácias que vendem remédios sem prescrição médica aumenta ainda mais o ato de se medicar por conta própria (Cunha Júnior).

Entretanto, os efeitos que não são esperados acontecem com frequência, como o efeito rebote.

Medicamentos psicotrópicos administrados sem orientação médica pioraram os quadros sintomáticos e também causam dependência (Oliveira Santos, 2024). Pois atuam diretamente no cérebro modificando seu funcionamento, podendo ser útil e ajudar a regular o que está em déficit, ou se usado de forma indevida, pode modificar causando malefícios para a saúde mental do paciente (Andrade, 2004).

O peso da subjetividade instantânea na atualidade e as pressões do dia a dia carrega consigo pessoas psicologicamente exaustas e/ou sem tempo para lidar com suas próprias queixas da forma correta (Pelegri, 2003). Sendo este um dos principais motivos para justificativa da automedicação. A outra motivação é a insatisfação frente à saúde pública e privada no Brasil, seja pela demora ao buscar um atendimento, apatia médica ou o sentimento de descaso diante das queixas relatadas pelos pacientes (Naves, 2010).

O objetivo dessa revisão bibliográfica é trazer as informações sobre os motivos no qual as pessoas buscam saídas rápidas; os problemas do uso inadequado e automedicação dos psicofármacos; e quais malefícios o uso incorreto de psicofármacos pode acarretar na saúde física e mental do indivíduo.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa foi elaborada por meio de uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo. O objetivo foi selecionar um número menor de títulos, mas que fossem mais completos e contribuíssem para uma compreensão mais ampla sobre o tema.

Esse tipo de pesquisa tem caráter científico, pois busca explicações, reflexões e a produção de conhecimento (Zanella, 2006).

A escolha do tema ocorreu pela alta relevância social. Pois, é essencial alertar a população sobre os riscos da automedicação, uma vez que essa prática afeta todas as classes sociais e tem se tornado ainda mais comum com a influência das redes e dos meios digitais.

Para compor o trabalho, foram selecionados artigos explicativos e completos, encontrados nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico. Esses materiais abordam diferentes pontos de vista sobre a automedicação, incluindo diferentes tipos de medicamentos, os riscos da automedicação e a busca por alívio rápido que leva muitas pessoas a se medicarem por conta própria.

As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram: Automedicação;

Automedicação e Psicofármacos; Uso excessivo de psicoativos; Uso abusivo de psicotrópicos; Subjetividade e Imediatismo. A partir disso, foi feita uma filtragem das obras, considerando como critérios de seleção: Textos que tratassem diretamente dos riscos da automedicação e do uso abusivo de psicofármacos; Estudos sobre causas que influenciam as pessoas a se automedicarem; Trabalhos confiáveis e revisados; Produções que conversassem com a realidade social brasileira e contribuíssem com o tema.

Ao final das seleções, foram selecionadas 11 obras para compor a revisão bibliográfica. Sendo assim, constatou que as publicações mais relevantes se concentram entre os anos de 2003 e 2025, o que mostra que o problema vem sendo discutido há bastante tempo e continua atual. Isso reforça a necessidade de abordar o tema, estimulando a criação de políticas públicas que informem a população sobre os riscos da automedicação e ampliem o acesso a serviços de saúde de qualidade, além de buscar compreender os aspectos que levam os indivíduos a realizarem essa prática.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

De acordo com o Ministério da Saúde, os psicoativos atuam no cérebro com a capacidade de modificar seu funcionamento, podendo mudar o humor, a capacidade cognitiva, e o comportamento (2023). As substâncias que são consideradas psicoativas nem sempre podem ser para benefícios, pois a nicotina também é considerada com psicoativo pois tem a capacidade de alterar o comportamento e humor de quem é fumante (Ministério da Saúde, 2023). Este trecho mostra o mesmo sentido de que nem todo remédio é medicamento, pois usado da maneira errada ele pode ser prejudicial.

Existe nos dias atuais uma necessidade excessiva do “ter”, as redes sociais estão criando uma falsa realidade dificilmente alcançada para os consumidores de conteúdo, os vídeos prazerosos e rápidos, a comparação, o consumismo, o excesso de informação, todos esses fatores têm causado ansiedade nos consumidores (Naves, 2010). A pressão cotidiana no trabalho, escola, família, todos esses estão exigindo mais do que o normal a produtividade excessiva, ser “bom” em tudo o que faz, tem que ter boas notas, exercício, dieta, vida social, vida virtual, tarefas rotineiras tudo em ordem, ser produtivo no serviço, esta vida acelerada e tudo demais está

criando uma massa de pessoas depressivas, ansiosas, com desgaste mental (Franco, 2010). Essa nova era do imediato não tem mais tempo e paciência para desacelerar, e quando começam apresentar os sintomas de que sua saúde mental está afeta apenas quem um remédio milagroso para poder melhorar logo (Pelegri, 2003).

A insatisfação com o atendimento no Sistema Único de Saúde, insatisfação durante o tratamento, falta de empatia e escuta superficial dos médicos, demora para ser atendido e filas de espera gigantescas é o que gera a impaciência e falta de esperança em um tratamento digno para suas queixas, levando os pacientes a recorrerem métodos mais rápidos e que acreditam que serão eficazes (Naves, 2010).

O atendimento médico é comparado pelo público com o atendimento farmacêutico, onde a pessoa fala seus sintomas e em resposta tem um remédio de solução, então acham mais fácil ir diretamente na farmácia e procurar o remédio do que ir ao médico se consultar, já que o atendimento até mesmo em consultórios particulares não há atenção devida para o paciente, na visão do indivíduo que passa por esse situação, escutar de terceiros qual remédio ele tomou para melhorar os mesmos sintomas e poder ir diretamente comprar faz mais sentido e passa mais credibilidade do que ir ao médico (Naves, 2010).

As facilidades em obter informações sobre remédios na internet, e também a informações passada boca a boca de que “eu tomei esse remédio e melhorei” são as soluções imaginativas mais próximas que conseguem chegarem de resolverem seus sintomas, pois acreditam que se deu certo para o outro também dará certo para si (Naves, 2010). Mas o que não levam em consideração é que deve haver uma escuta antecipada do diagnóstico e do tratamento, onde será avaliado os antecedentes, contexto, queixas sintomáticas, antropometria, exames de rotina, todos esses fatores são avaliados para que o tratamento seja personalizado segundo suas necessidades (Andrade, 2004). A quantidade de farmácias que vendem remédios controlados sem receitas é muito grande, e isso acaba estimulando ainda mais a pessoa a ir diretamente ao balcão da farmácia e comprar seu remédio (Cunha Júnior).

O consumo de psicofármacos sem acompanhamento psiquiátrico ou psicológico causa danos inimagináveis, pois o remédio está servindo apenas para mascarar os sintomas, o medicamento não sabe curar a causa dos sintomas, então passado o efeito do remédio é provável que os sintomas sempre ressurgirão novamente, e a pessoa certamente para sumir de novo com os sintomas irá tomar

mais remédio, cria sua realidade a partir disso que não consegue mais viver sem seus remédios, assim entrando no estado de dependência, acredita que só fica bem se estiver tomando os remédios, até eles não servirem mais, perder o efeito, criando o período de que a pessoa dobre a dosagem por conta própria para ficar mais forte e fazer um efeito “melhor”, criando um outro risco de um intoxicação que pode levar muitas vezes a morte se não socorrida á tempo (Pelegriani, 2003). Existe um outro perigo em que é reagido mais rápido das pessoas pararem de tomar, que são as reações alérgicas, outros efeitos colaterais que o remédio também pode trazer e a pessoa pela sua falta de conhecimento do remédio não gosta muito dos adversos que o remédio traz (Pelegriani, 2003).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com esta revisão bibliográfica a necessidade de haver mais informativos sobre o uso abusivo de psicofármacos sem a prescrição, e também o funcionamento de cada remédio no cérebro para que entenda como age para sua melhora, salientar a população de que seu uso excessivo pode haver dependência e também piorar o quadro clínico.

Nossa revisão também enfatiza o funcionamento ruim que se encontra nosso sistema de saúde e a falta de esperança que está trazendo para a população.

Salientamos também nesta revisão a importância de haver mais informativos sobre os riscos que as pessoas correm agindo desta forma e tomando psicotrópicos sem orientação profissional ou de uso abusivo, o risco que correm de piorarem seu quadro, ter dependência, intoxicação, reação alérgica, entre outros. É de suma importância que o profissionalismo na área da saúde mental tenha mais rigor e atenção com sua população, pois o país se encontra em situação de que uma parte de seu povo está sofrendo com as pressões causadas pelo cotidiano e pela subjetividade criada através das redes sociais. O Ideal que está se formando na cabeça da população é inalcançável, e o imediatismo está adoecendo-os, e não existe fórmula mágica para isso.

#### 5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de F.; ANDRADE, R. C. G. de; SANTOS, V. dos. Prescrição de psicotrópicos: avaliação das informações contidas em receitas e notificações. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 40, n. 4, p. 471–479, out. 2004.

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-93322004000400004>. Acesso em 10 out. 2025.

BRASIL. **Substâncias psicoativas**. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/glossario/substanciaspsicoativas>. Acesso em: 11 set. 2025.

BRASIL. **Uso racional de medicamentos: um alerta à população**. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/ptbr/assuntos/noticias-anvisa/2020/uso-racional-de-medicamentos-um-alerta-a-populacao>. Acesso em: 11 set. 2025.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 35, n. 122, p. 229–248, jul. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200006>. Acesso em 10 out. 2025.

NAVES, J. de O. S. et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1751–1762, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>. Acesso em 10 out. 2025.

OLIVEIRA SANTOS, D.; BUENO, L. S.; PASSOS, S. G. de. Uso indiscriminado de psicotrópicos e o aumento das emergências psiquiátricas. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141164, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1164. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1164>. Acesso em: 11 set. 2025.

PELEGRINI, M. R. F. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 1, p. 38–41, mar. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100006>. Acesso em: 10 out. 2025.

ROCHA, A. L. A. et al. Uso de psicofármacos por profissionais da Atenção Primária à Saúde e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 72, n. 1, p. 29–36, jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000399>. Acesso em 10 out. 2025.

SILVA, L. B. da; SANTOS, C. B. da S. dos; MESQUITA, A. O. D.; JESUS, R. de; BARBOSA, A. dos S. Automedicação e o uso indiscriminado de psicotrópicos entre jovens. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 5, n. 2, p. 12–19, 2024. DOI: 10.51161/integrar/rem/4203. Disponível em: <https://editoraintegrar.com.br/publish/index.php/rem/article/view/4203>. Acesso em: 11 set. 2025.

ZANELLA, L. C. H. et al. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2006.

CUNHA JÚNIOR, L. A. R. **Automedicação: riscos e implicações**. Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS). Disponível em:

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20612/1/Lu%C3%ADs%20Albe>



## CARTOON NETWORK E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: PERCEPÇÕES DE JOVENS ESTUDANTES

MELLO, Gabriel Porto Ribeiro<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES, gabrielp0rto@outlook.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento, segundo Moraes (2019), desenhos animados, exerceram influências diretas no desenvolvimento psíquico de crianças e adolescentes, por meio de experiências subjetivas e contribuindo para a construção da identidade social e de gênero. Assim, processos subjetivos não acontecem de maneiras isoladas, sendo mediadas por representações simbólicas que agem como moldes para comportamentos, percepções e formas de ser ou agir.

De acordo com Goulart (2017), a mídia tem um espaço privilegiado na construção de sentidos e subjetividade, tendo a possibilidade de influenciar comportamentos, escolhas e até na formação da autoimagem.

A emissora norte americana Cartoon Network obteve destaque, principalmente durante os anos de 2010 a 2015, apresentando uma variedade de conteúdos animados que misturavam humor, críticas sociais e estéticas divergentes. Com foco na animação brasileira Irmão do Jorel, feita por Juliano Enrico, que com ironia e sutileza, incorpora modelos de masculinidade, que são conceitos propostos por Connel e Messerschmidt (2013), referindo a noção de masculinidade hegemônica, sendo o “homem ideal” — forte, dominante e resolutivo.

Com o olhar da psicologia, em especial os estudos de gênero e mídia, urge a necessidade de analisar de que forma os desenhos animados e animações da mídia influenciam adolescentes na formação de uma identidade própria. Levando em consideração que, segundo Guida e colaboradores (2024), o momento do fim da adolescência e começo da fase adulta, períodos esse em que os valores sociais estão sendo consolidados. O impacto dessas mídias de animação não se prende ao momento da infância, mas em práticas e discursos de vivenciar o “ser homem”,

repetidas vezes reproduzidas pelos próprios jovens.

O presente estudo busca compreender a maneira com que animações infantis da emissora americana “CARTOON NETWORK” contribuíram para a propagação de estereótipos de masculinidade hegemônica nos jovens em etapa finalista do ensino médio em escolas estaduais do município de Jerônimo Monteiro-ES.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O texto em questão é um resumo expandido fundamentado em uma revisão bibliográfica que aborda os conceitos de masculinidade hegemônica abordados por Connel e Messerchmidt (2013) e Butler (2019) e maneira que tais conceitos impactam na formação dos jovens e adolescentes.

Para elaboração desse texto, foram revisados 33 artigos, dos quais 19 foram utilizados devido sua maior relevância durante o estudo.

A pesquisa é de caráter qualitativo, que se concentra na análise de fenômenos subjetivos relacionados a formação de identidade de gênero durante a adolescência, a partir do contato com conteúdo midiáticos, no caso, desenhos animados. De acordo com Minayo (1994) a metodologia qualitativa permite o acesso ao credo do sujeito, investigando crenças, atitudes e valores. Aspectos essenciais na formação psíquica de adolescentes.

As palavras-chaves aplicadas foram: Desenhos animados; Identidade de gênero; Masculinidade hegemônica; Adolescência; Mídia; Subjetividade; Estereótipos de gênero; Cartoon Network; Educação; Psicologia social.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

### **Gênero, identidade e a rejeição da femilidade nas práticas masculinas**

A masculinidade hegemônica se sustenta sobre um alicerce binário. Ser homem, nesse modelo, implica apresentar traços como força, objetividade ou domínio (Santos, 2018). Esse processo de diferenciação se inicia já na infância, quando os meninos são desencorajados a brincar com bonecas, chorar em público ou expressar afeto. A virilidade, portanto, é construída como uma fronteira constantemente vigiada, onde a feminilidade se transforma em ameaça à identidade masculina. Como observa Nolasco (1993), o corpo masculino é adestrado para não cair naquilo que se convencionou chamar de “fraqueza”, sendo a feminilidade tratada como desvio,

fragilidade ou inferioridade.

As mulheres costumam ser associadas a características como delicadeza, sensibilidade, romantismo, vaidade, dedicação e atenção aos detalhes, enquanto os homens são frequentemente identificados como mais racionais, objetivos e propensos a comportamentos agressivos (Felipe, 2012, apud Sotolani; Xavier Filha, 2021). Nessa ótica, Connell (2005) reflete que a narrativa convencional ocidental, sendo viável considerar o homem como um alguém forçado a se distanciar de tudo que representa o feminino. E essa imposição provém da mídia, do sistema educacional, da família, amigos e superiores, resultando em uma contenção de emoções nessa pessoa.

Além disso, de acordo com Pimenta e Natividade (2012), negação sistemática da feminilidade nas práticas masculinas não apenas restringe as formas legítimas de ser homem, mas também gera importantes consequências subjetivas. Homens são levados a reprimir emoções e vivências consideradas “impróprias” para seu gênero, o que pode resultar em sofrimento psíquico, dificuldade de estabelecer vínculos afetivos e impulsos agressivos como formas de afirmação identitária

### **Corpo e poder na construção psíquica da masculinidade hegemônica**

A masculinidade hegemônica, termo desenvolvido principalmente por Connell, é um conceito sociológico que se refere ao modelo dominante de masculinidade em uma determinada cultura ou sociedade — aquele que é socialmente valorizado e que exerce poder sobre outras formas de masculinidade e sobre as mulheres. Connell (2013) explica que a masculinidade hegemônica não representa todos os homens, mas sim um ideal que reforça normas patriarcais. Para Connell e Messerschmidt (2013).

A ideia a respeito da masculinidade, é construída por normas que acabam por definir quem pode ou não ser reconhecido como um sujeito. Como apontado por Butler (2003), que reflete que o gênero atua como um elemento que confere reconhecimento social ao corpo humano. É a partir da resposta à pergunta "é menino ou menina?" que o bebê passa a ser percebido como humano. Corpos que não se adequam a essas categorias binárias de gênero são excluídas desse reconhecimento, sendo considerados fora da norma, desumanizados e marginalizados, o que, paradoxalmente, reforça a própria definição social do que se entende por humano.

Butler (2003), ao refletir sobre o gênero como performatividade, aponta que os

sujeitos se constituem por meio da repetição de normas que os precedem, o que implica dizer que a masculinidade hegemônica se consolida como um script social continuamente reforçado por meio de práticas cotidianas. Assim, o corpo masculino não é apenas treinado fisicamente para a força ou a virilidade, mas também psiquicamente para a negação de aspectos considerados “não viris”, o que produz subjetividades muitas vezes marcadas por insegurança, agressividade e necessidade de afirmação constante.

A mídia, de acordo com Santos (2018), exerce um papel central na difusão e consolidação de modelos de masculinidade hegemônica. Esses produtos culturais funcionam como dispositivos de normalização, promovendo heróis musculosos, agressivos e destemidos como arquétipos desejáveis e legítimos de ser homem.

Essa representação não apenas define o ideal de masculinidade, mas também relega ao campo do desvio ou do ridículo os homens que não se encaixam nesse padrão.

Assim, para Amanda Nogueira de Oliveira e Nayra Veras Oliveira de Araújo (2020), os algoritmos atuam como agentes que contribuem para a invisibilização de certos conteúdos, seja pela maneira como os interpretam, seja pelas informações que disponibilizam ao usuário. Com isso, acabam influenciando diretamente a forma como as questões de gênero são tratadas.

De acordo com Nader e Hackbardt (2024), os papéis de gênero não são naturais, mas construções sociais e culturais alimentadas por discursos que se perpetuam por meio dessas mídias. Ao consumir repetidamente essas imagens, meninos e homens passam a internalizar normas sobre como devem agir, reagir e se apresentar, em um processo contínuo de vigilância e autocorreção. Isso restringe a pluralidade das masculinidades possíveis, promovendo a exclusão de corpos dissidentes e subjetividades não alinhadas ao modelo dominante.

### **O papel escolar na construção de gênero**

A variedade dentro da escola, principalmente em relação à sexualidade e aspectos sociais, faz com que os conflitos sejam não apenas inevitáveis, mas também fundamentais para o desenvolvimento da identidade escolar. Esses confrontos podem levar a reflexões ou expressar formas de agressão, destacando comportamentos e ideologias relacionadas ao gênero (Ricardo; Silva, 2020).

Nesse contexto, Louro (2014) aponta sobre como o espaço da instituição não é apenas de aprendizagem formal, mas onde se repetem normas sociais, incluindo de gênero. Assim, o autor reflete que a escola, além de ensinar conteúdos, também organiza simbolicamente os papéis sociais. Por meio de sua arquitetura, regras e símbolos, ela delimita comportamentos esperados e reforça distinções, como as de gênero e idade. Assim, contribui para a formação de identidades e para a reprodução de normas sociais no cotidiano escolar.

De acordo com Elliott (2018, apud Souza et al, 2023), A representação da masculinidade com a qual os jovens entram em contato por meio da mídia, da cultura popular, dos livros didáticos e de outros elementos do currículo escolar é limitada, centrando-se principalmente em características da masculinidade tradicional, como a força física e o poder.

Nesse mesmo viés, para Juliane Costa Silva e Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios (2019), desde o começo da infância do indivíduo, os corpos vivenciam a influência de diferentes intuições, em ordem a família e depois a escola. Segundo Silva e Rios (2019), para a mãe, seu comportamento sensível era algo natural e passageiro, algo que mudaria com o tempo. Já o pai, por outro lado, exige que o filho demonstrasse características consideradas masculinas desde o nascimento, reforçando um modelo rígido de masculinidade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das análises, foi revelado como animações infantis, voltadas especificamente para as apresentadas pela emissora Cartoon Network, contribuem para o reforço de estereótipos de masculinidade hegemônica entre jovens e adolescente, contribuindo para comportamentos, emoções e na construção da identidade de gênero. O estudo demonstra como essas representações presentes nas mídias de animação não apenas limitam de maneiras legítimas de “ser homem”, como contribuem para gerar sofrimento psíquico e dificultar o desenvolvimento de relações mais saudáveis entre os jovens.

Esse estudo contribui destacando a importância das práticas de educação e midiáticas mais críticas e inclusivas, promovendo diversidade e visando questionar os padrões normativos. As limitações valem ressaltar o foco em um contexto escolar específico e o uso abrangente de revisões bibliográficas. Em próximas pesquisas,

será visado a ampliação do campo de empírico tanto quanto explorar outras mídias e faixas etárias diferentes.

## 5 REFERÊNCIAS

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Masculinidades em (re) construção**: gênero, corpo e publicidade. Covilhã: Editora LabCom, 2016. 418p. Disponível em: [https://www.academia.edu/30328609/MASCULINIDADES\\_EM\\_RE\\_CONSTRU%C3%87%C3%83O\\_G%C3%8ANERO\\_CORPO\\_E\\_PUBLICIDADE](https://www.academia.edu/30328609/MASCULINIDADES_EM_RE_CONSTRU%C3%87%C3%83O_G%C3%8ANERO_CORPO_E_PUBLICIDADE). Acesso em: 15 Out. 2025.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: N-1 Edições, ed.1, 2019.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Sydney, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso: 15 Out. 2025.

DE OLIVEIRA, Amanda Nogueira; DE ARAUJO, Nayra Veras. Gênero e Tecnologias Infocomunicacionais em contexto de Plataformização. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 165–178, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n2p165-178>. Acesso em: 15 out. 2025.

GOULART, Fábio. **As diversidades sexuais e de gêneros presentes nas animações do canal televisivo infantil CARTOON NETWORK**. Mais que Amélias. 2017 4. 1-8. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/318528778\\_AS\\_DIVERSIDADES\\_SEXUAIS\\_E\\_DE\\_GENEROS\\_PRESENTES\\_NAS\\_ANIMACOES\\_DO\\_CANAL\\_TELEVISIVO\\_INFANTIL\\_CARTOON\\_NETWORK](https://www.researchgate.net/publication/318528778_AS_DIVERSIDADES_SEXUAIS_E_DE_GENEROS_PRESENTES_NAS_ANIMACOES_DO_CANAL_TELEVISIVO_INFANTIL_CARTOON_NETWORK). Acesso: 15 Out. 2025.

GUIDA, Simone Leite Azevedo Gurgel; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; ORTIZ MONTEIRO, Patricia. Construção de identidade na adolescência: dilemas individuais e sociais. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 24, n. 1, p.3-8, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2024v24n1ID35507>. Acesso em: 15 out. 2025.

LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 15 Out.2025.

MORAES, Hellen Cristina Pereira. **A influência dos desenhos animados na construção do gênero**. 2019. 43fl. TCC (Graduação) Bacharelado em Psicologia – Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA. Ariquemes – Roraima, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2592/1/HELLEN%20CRISTINA%20-%20pdf>. Acesso em: 15 Out.2025.

NADER, Maria Beatriz; HACKBARDT, Renata Rangel Spelta. Dominação masculina  
*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

e sua influência na definição de papéis sociais masculinos e femininos. **Revista FT**, v.28. ed.135, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/dominacao-masculina-e-sua-influencia-na-definicao-de-papeis-sociais-masculinos-e-femininos/>. Acesso em: 15 Out.2025.

NOLASCO, Socrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 192p. Disponível em: [https://www.academia.edu/39141988/O\\_mito\\_da\\_masculinidade\\_S%C3%B3crates\\_Nolasco](https://www.academia.edu/39141988/O_mito_da_masculinidade_S%C3%B3crates_Nolasco). Acesso em: 15 Out. 2025.

PÉRICO, L.; DA SILVA, R. D. Masculinidades na escola: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases Educ@ e Scielo entre 2008 e 2018. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 1, p. e23210, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/rt.v14i1.23210>. Acesso em: 15 out. 2025.

PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; NATIVIDADE, Cláudia. Humano, demasiadamente humano: sobre emoções e masculinidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 28, p. 605-637, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502012000300009>. Acesso em: 15 Out.2025.

SANTOS, Tamara Cardoso Bastos. **A história da construção da masculinidade hegemônica e seu reflexo nas práticas escolares e na experiência da educação física..** E-book CONQUEER... Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 35-42. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40190>. Acesso em: 15 Out.2025.

SILVA, J. C.; RIOS, J. A. V. P. Jovens gays na escola: masculinidades, infância e narrativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica** v. 4, n. 11, p. 558–572, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n11.p558-572>. Acesso em: 15 Out. 2025.

SOTOLANI, Matheus D.'Amico; FILHA, Constantina Xavier. As masculinidades e as feminilidades nas propagandas exibidas em canais televisivos direcionadas ao público infantil. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. Especial, p. 455-484, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12687/8778>. Acesso em: 15 Out. 2025.

## PADRONIZAÇÃO SOCIAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO

LACERDA, Danielle de Oliveira<sup>1</sup>  
FELICIANO, Ester Marun<sup>1</sup>  
LEITÃO, Thaysa Santos<sup>1</sup>  
GONÇALVES, Vitória Ramos<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de psicologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES, thaysaleitao@gmail.com; estermarunemf@gmail.com; vr8427276@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela saúde mental é um tópico necessário e crescente que precisa ser discutido, especialmente quando pensamos nas dificuldades que vários grupos têm de lidar para cuidar de si. Com a Psicologia da Saúde, a tônica do cuidado não consiste apenas no tratamento das doenças, mas, sim, em entender como os fatores sociais, culturais e individuais moldaram a compreensão e experiência da saúde-doença de cada indivíduo (Alves, 2011).

Para os homens, essa discussão é ainda mais relevante. De acordo com estudos, muitos deles ainda procuram pouco os serviços de saúde, e isso pode ser associado a fatores sociais, culturais e, até mesmo, ao modo como a sociedade enxerga a masculinidade. O resultado dessa situação são altos índices de angústia e sofrimento psíquico que frequentemente passam despercebidos (Silva, 2021).

Pesquisas também apontaram que, por ser um conceito amplo, a própria ideia de saúde pode variar de uma pessoa para outra. Para alguns, saúde significa apenas ausência de doença, enquanto para outras está associada ao bem-estar físico, mental e social (Silva et al., 2010). Isso indica a importância de ampliar o entendimento sobre o cuidado, especialmente em prol da saúde mental masculina. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os homens brasileiros possuem uma prevalência de 79% a mais de suicídio do que nas mulheres. Esses dados evidenciam que os padrões tradicionais de masculinidade não apenas orientam comportamentos, mas também aumentam a vulnerabilidade de sua saúde.

Com relação a saúde mental masculina, a Associação Americana de Psicologia (APA), destaca em seu documento intitulado “Boys and Men Guidelines Group: guidelines for psychological practice with boys and men” (APA,2018), o quanto os padrões de masculinidade tradicionais são prejudiciais a nível psicológico. O documento atesta que homens criados nesses moldes costumam negligenciar cuidados preventivos com a saúde, além de que, com frequência, assumem comportamentos de risco, como: beber, fumar e drogas em excesso.

Essa pressão social cria barreiras significativas para o cuidado com a saúde, uma vez que muitos homens evitam buscar atendimento profissional por medo de serem percebidos como frágeis ou dependentes. Reconhecendo essa realidade, a Política Nacional de Atenção à Saúde do Homem (PNAISH) tem buscado ampliar o acesso aos serviços de saúde, promover o autocuidado, incentivar a paternidade responsável e prevenir doenças e violência. Em 2023, foram realizados 119,4 milhões de atendimentos individuais a homens na atenção primária, representando um aumento de 24,5% em relação a 2022. No entanto, mesmo com esses avanços, os homens ainda vivem, em média, sete anos a menos que as mulheres e apresentam maior risco de morte por doenças crônicas e suicídio, indicando que políticas e estratégias preventivas precisam ser constantemente reforçadas (Ministério da Saude; NESP).

A Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério de Saúde, mostra que o número de suicídios no Brasil aumentou de 2010 e 2019 para 43%, passando de 9.454 para 13.523 casos, totalizando 112.230 óbitos autoprovocados no período. A análise por sexo revela que os homens apresentam risco 3,8 vezes maior de morte por suicídio em comparação às mulheres, representando cerca de 80% dos casos em 2020. Esse panorama é reforçado por dados que apontam a menor procura masculina por tratamento: apenas 30% dos homens com sintomas de depressão buscam ajuda profissional, contra 50% das mulheres. Tal resistência está relacionada ao estigma em torno da vulnerabilidade emocional e à percepção equivocada de que pedir ajuda seria sinal de fraqueza.

Diante desse contexto, fica evidente que a promoção da saúde masculina exige não apenas políticas públicas eficazes, mas também transformações culturais capazes de questionar os estereótipos de masculinidade. Incentivar o autocuidado, facilitar o acesso a serviços de saúde e conscientizar sobre a importância da saúde

mental são medidas fundamentais para reduzir a mortalidade masculina, prevenir o suicídio e promover uma sociedade mais saudável e igualitária.

Portanto, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a correlação entre saúde, masculinidade e cuidado psicológico, defendendo o interesse em discussões e práticas que possam minimizar as dificuldades e estimular o autocuidado e a prevenção entre os homens.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

A metodologia do presente trabalho consiste na aplicação de um formulário composto por 10 perguntas objetivas e subjetivas relacionadas à saúde emocional dos homens. O instrumento será respondido por 5 participantes do sexo masculino indicados por cada integrante do grupo (totalizando 20 homens), todos pertencentes ao convívio social das quatro pesquisadoras. O objetivo da coleta é obter percepções diversificadas, porém próximas da realidade cotidiana, permitindo analisar aspectos emocionais e comportamentais a partir da perspectiva dos próprios homens.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os estudos analisados mostram que o conceito de saúde é socialmente construído e vai além da simples ausência de doença. Para Alves (2011), a Psicologia da saúde amplia o olhar sobre o sujeito, considerando fatores sociais, culturais e subjetivos que influenciam o processo saúde-doença.

Silva (2021) destaca que os padrões tradicionais de masculinidade baseados na autossuficiência e na repressão emocional aumentam o sofrimento psíquico e dificultam a busca por ajuda profissional. Essa resistência leva ao agravamento de quadros depressivos e ao envolvimento em comportamentos de risco.

Dados recentes do Ministério da Saúde (2023) e da Organização Mundial da Saúde (OMS,2022) confirmam que barreiras culturais associadas à masculinidade contribuem para as maiores taxas de suicídios e doenças não transmissíveis entre os homens. Apesar dos avanços nas políticas públicas, persistem entraves socioculturais que dificultam o autocuidado e o acesso a serviços de saúde.

Assim, discutir a saúde mental masculina exige repensar os modelos de masculinidade e promover políticas e práticas que valorizem o cuidado, a prevenção e a expressão emocional como dimensões essenciais do bem-estar.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, torna-se em evidência que a saúde mental masculina demanda atenção específica no campo das políticas públicas, da prática psicológica e da construção social dos papéis de gênero. No contexto social brasileiro entendemos também que os padrões de masculinidade somados com a desigualdade socioeconômica e aos danos de mecanismo de proteção social, se combinam e se potencializam, intensificando o sofrimento psíquico (Silva; Melo, 2021). Os dados apresentados apontam para um quadro de adoecimento psíquico entre os homens, associado à internalização de modelos tradicionais de masculinidade impostos pela sociedade no contemporâneo, dificultando o reconhecimento da vulnerabilidade e o acesso ao cuidado em saúde.

Nesse contexto, é fundamental a junção entre diferentes organizações políticas, institucionais e educacionais, que favoreçam a desconstrução de estigmas e estereótipos, minimizando o adoecimento psíquico entre os homens na sociedade, pontuando a valorização do autocuidado e a ampliação do acesso aos serviços de saúde mental, acolhedora e livres de preconceitos (Alves, 2011; Ministério da Saúde; NESP, 2023). Essas medidas são de suma importância para mitigar o sofrimento psíquico causado pelo machismo cultural e promoção da saúde mental dos homens em nossa sociedade.

#### 5 REFERÊNCIAS

ALVES, Vânia de Fátima (org.). **Psicologia da Saúde: uma introdução**. Curitiba: Juruá, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/z7ytj/pdf/alves-9788578791926-06.pdf>

ASSOCIAÇÃO Americana de Psicologia (APA). **Boys and Men Guidelines Group: guidelines for psychological practice with boys and men** (*tradução nossa*). Washington, DC:APA,2018.

ALVES, D. B. **Psicologia da saúde: contribuições para a promoção do cuidado integral**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

BRASIL. **Brasil registra aumento de suicídios entre 2010 e 2019**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021/setembro/brasil-registra-aumento-de-suicidios-entre-2010-e-2019>>. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021**.

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

[S.l.: s.n.], 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Barreiras culturais contribuem para maior taxa de suicídio e doenças não transmissíveis entre os homens**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/julho/barreiras-culturais-contribuem-para-maior-taxa-de-suicidio-e-doencas-nao-transmissiveis-entre-os-homens>>. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_33\\_final.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf)>. Acesso em: 10 de out. 2025.

ROCHA, R.; ZUCCHI, E. M. Masculinidades e narrativas de sofrimento mental e autocuidado. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 29, n. suppl 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.240357>. Acesso em: 10 de out. 2025.

SILVA, D. F.; SOUZA, L.; ALVES, F. J. S. O conceito de saúde para praticantes e não-praticantes de atividades físicas em Campina Grande – PB. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 34, p. 633-646, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/XR84rbQy wzGT4Hbn6rz6pBz/?lang=pt>. Acesso em: 10 de out. 2025.

SILVA, L. F. Masculinidades e saúde mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 12, p. 6253-6262, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/THNcKsn4kqqwb6rFbS48ntM/?lang=pt>. Acesso em: 10 de out. 2025.

## NEONATOLOGIA E OS DESAFIOS PARA O CUIDADO E MANUTENÇÃO DO ACESSO VENOSO PERIFÉRICO

SANTOS, Maria de Fátima Silva Nery<sup>1</sup>  
REZENDE, Ester Serafim Balduino<sup>1</sup>  
SANTOS, Cristiane Bittencourt Felicio<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – mfsnery@gmail.com; esterserafim3532@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora: Mestre em políticas públicas e desenvolvimento local. Especialista em docência do ensino superior, especialista captação, doação e transplantes de órgãos, especialista em unidade de terapia geral e coronariana e especialista em urgência e emergência. Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – cristiane.santos@multivix.edu.br

### 1 INTRODUÇÃO

O PICC (Cateter Central de Inserção Periférica) é um cateter longo e flexível, no qual é inserido na veia periférica. Após inserido, o mesmo é guiado através do fluxo sanguíneo até uma veia central, como a veia cava superior (se inserido nos membros superiores) ou a veia cava inferior (se inserido nos membros inferiores) (Lima *et al.*, 2023).

O Cateter Central de Inserção Periférica (PICC -no inglês, “*Peripherally Inserted Central Catheter*”) é amplamente utilizado em unidade neonatais, pois tem duração de semanas até a alta hospitalar, com a redução da necessidade de múltiplas punções venosa nos recém-nascidos (RN). A introdução desse acesso central periférico em neonatos é desafiante; devido a fragilidade da rede venosa periférica, que colabora na redução de durabilidade dos dispositivos periféricos em neonatos (Hu *et al.*, 2021).

A Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) constitui-se em ambiente terapêutico apropriado para o tratamento de pacientes cuja sobrevivência se encontra ameaçada por determinadas patologias que causam desequilíbrio de um ou mais sistemas. Quando um bebê nasce prematuramente, seu desenvolvimento é interrompido, tornando-o vulnerável e, muitas vezes, levando-o a ser tratado em uma Unidade de Terapia Intensiva (Neto *et al.*, 2010).

A utilização de novas tecnologias tem contribuído para o aumento da sobrevida de neonatos, esse avanço exige que a equipe que presta assistência seja

especializada com conhecimento técnico-científico para prestar uma assistência qualificada e segura. A necessidade de administração de drogas vasoativas, hiper osmolares, antibióticos e nutrição parenteral exige a manutenção de um acesso venoso seguro e duradouro, sendo das áreas que tem exigido atenção na assistência de enfermagem em Neonatologia é a terapia intravenosa (Giacomozzi *et al*, 2023).

Diante disso e da relevância do cuidado de enfermagem frente à implantação e manutenção do PICC, a presente pesquisa teve como objetivo identificar os desafios na assistência ao recém-nascido com necessidade de uso de terapia intravenosa e salientar a importância da atenção ao requerido tema.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

A presente pesquisa trata-se de um estudo descritivo/exploratório, do tipo revisão integrativa, que permite reunir e sintetizar informações de um determinado tema, através da busca, avaliação crítica e a síntese de evidências disponíveis sobre o tema estudado. A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de agosto a setembro de 2025, e foi realizada nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PUBMED. A estratégia de busca foi estruturada com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Palavras-chave: acesso periférico; enfermagem.

Foram utilizados como critérios de inclusão: artigos completos no idioma português e Inglês, publicados no período de 2015 a 2023. Os critérios de exclusão foram: dissertações e teses, artigos duplicados, editais, artigos incompletos e artigos que fugiram do foco principal do tema.

Após a seleção dos artigos científicos, foi realizada leitura exploratória com objetivo de verificar quais os conteúdos das obras consultadas têm relação com a pesquisa. Posteriormente, realizou-se a leitura analítica desses artigos, com objetivo de ordenar e sumarizar os dados contidos nas fontes, com a finalidade de obter respostas ao problema da pesquisa.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

O acesso venoso periférico apresenta como vantagem uma rápida inserção e utilização, porém limita-se referentes ao fluxo infundido, pH das soluções e osmolaridade as quais são toleradas pelo endotélio vascular periférico. A necessidade

de inserção e manutenção de acessos venosos nos recém-nascidos internados em Unidade de Terapia Intensiva é rotina implementada, sendo essencial para o processo terapêutico desses recém-nascidos, sendo que representam relevante parcela dos procedimentos invasivos realizados. A seleção dos dispositivos intravenosos para os recém-nascidos elenca alguns fatores relacionados ao paciente, à terapia intravenosa prevista e aos materiais disponíveis na unidade de internação (Giacomozzi *et al*, 2023).

Embora comumente utilizado, as repetidas punções e uso de cateter por tempo prologado podem causar complicações locais ou sistêmicas, além das implicações sobre o desenvolvimento cerebral do RN. Diante da avaliação dos riscos, e realizada uma outra escolha de via venosa, podendo ser escolhido um dispositivo mais seguro, de uso mais prolongado e menos traumático como o cateter venoso central de inserção periférica (PICC) e o cateter venoso umbilical (CVU), são cateteres centrais mais utilizados em UTIN, ambos para ser meio de terapias intravenosas com tempo previsto superior a sete dias, dextrose superior a dez por cento 10%, pH inferior a cinco ou superior a nove, esses se diferenciam quanto à técnica de inserção, calibre e durabilidade (Luia *et al*, 2018).

A punção venosa é uma das práticas mais difíceis de realizar no neonato, o que se relaciona com um grande e frequente perda de acesso venoso, ocasionando interrupções na infusão de líquidos e eletrólitos, comprometendo a eficácia da terapêutica e cuidado. Medicamentos são aprazados rotineiramente devido perda de acesso venoso, ocasionado atrasos de medicação e interferindo na melhora clínica dos neonatos (Cordeiro *et al.*, 2023).

A segurança do paciente é um tema que rodeia todos os níveis assistências, a escolha terapêutica intravenosa segura é um fator importante na assistência desses neonatos que frequentemente necessitam de medicamentos e alimentos por via parenteral em tempo prolongado, é necessário e se faz inerente da profissão que a equipe de enfermagem esteja participativa no processo de indicação, inserção e manutenção e retirada do cateter (Bomfim *et al*, 2019).

Entre os cuidados de enfermagem no processo de implantação do cateter esse deve se iniciar pela orientação e esclarecimento do familiar, bem como também o compartilhamento dos cuidados posteriores ao procedimento para melhor manutenção, levando em consideração o consentimento familiar para a realização do

procedimento (Lomba *et al.*, 2020).

De acordo com Luia *et al* (2018), o momento da inserção do cateter deve ser torna centro de cuidados com o recém, devendo se atentar a verificação do tipo de terapia intravenosa a ser infundida, seleção do cateter técnica de barreira máxima e uso de EPI's, o preparo do membro a ser puncionado, com solução de clorexidina alcóolica 0,5%, seleção do vaso sanguíneo com precisão, aferição das medidas do cateter e o posicionamento correto do neonato.

A manutenção do procedimento é um desafio assistencial, a educação permanente da equipe de enfermagem, bem como a implantação de protocolos assistenciais bem definidos para direcionar essa prática clínica garantindo o sucesso da manutenção do cateter até o final da terapia medicamentosa. Rotinas protocoladas de realização de curativo, fixação adequada do cateter, higienização das mãos, técnicas assépticas para o manuseio do dispositivo, lavagem do cateter, são importantes na manutenção e minimizam os riscos do dispositivo invasivo (Giacomozzi *et al*, 2023).

As tentativas sem sucesso podem ser consideradas como um desafio nesse procedimento, as várias tentativas podem comprometer os vasos periféricos, resultando em lesões, locais ou sistêmicas, culminando muitas vezes com a necessidade de uma dissecação venosa e maior exposição a procedimentos invasivos ao neonato (Prado *et al.*, 2021).

Dessa forma, é essencial que o profissional de enfermagem disponha de sólido embasamento teórico e competência técnica para subsidiar a tomada de decisão clínica. Além disso, cabe ao enfermeiro adotar medidas que assegurem a eficácia e a segurança da assistência prestada durante a inserção do PICC, levando em consideração as particularidades da terapia medicamentosa envolvida (Sena, 2015).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A terapêutica intravenosa é essencial para a manutenção da vida no período, porém existe uma limitação de sua rede venosa, uma fragilidade capilar, tornando o acesso venoso periférico um dos procedimentos difíceis e complexos de ser realizado, requerendo do profissional conhecimento de anatomia e técnica, bem como também um preparo e treinamento da equipe assistencial, em especial a equipe de Enfermagem.

Nesse contexto, reforça-se a importância da realização de educação permanente para esses profissionais, bem como da implementação de Procedimento Operacional Padrão (POP) e a vigilância contínua por meio de indicadores de qualidade. Ademais, ressalta-se a necessidade de ampliar as publicações nacionais sobre essa temática, tendo em vista que uma das limitações deste estudo foi a escassez de artigos de abrangência nacional.

## 5 REFERÊNCIAS

BOMFIM, J.M.S.; PASSOS, L.S.; SANTOS, F.S.; SILVA, J.C. Desafios na manutenção do cateter central de inserção periférica em neonatos. **Cuid Enferm.** 2019 jul.-dez.; 13(2):174-179. Disponível em: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2019v2/174.pdf> Acesso em: 09/09/25.

CORDEIRO, Vilma Coura et al. Estratégias utilizadas na unidade neonatal para prevenção de perda de PICC: Meta 4–Cirurgia Segura ou Procedimentos Seguros. **Anais de Eventos Científicos CEJAM**, v. 10, 2023. Disponível em: <https://www.bing.com/images/search?view=detail>. Acesso em: 11/09/25.

GIACOMOZZI, C.M.; GIACOMOZZI, L.M.; SILVA, R.P.V.C; MITTAG, B.F. NUNES, R.C.T. Algoritmo de indicação de acesso venoso para recém-nascidos em unidade de terapia intensiva neonatal. **Cogitare enferm. [online]**. 2023, Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-85362023000100801](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-85362023000100801) . Acesso em: 09/09/25.

HU, Yan et al. Analysis of risk factors of PICC-related bloodstream infection in newborns: implications for nursing care. **European Journal of Medical Research**, v. 26,p.1- 6, 2021. Disponível em: <https://europepmc.org/article/PMC>. Acesso em: 11/09/25.

LIMA, R. A. **Cateter central de inserção periférica (picc): relevância do enfermeiro na inserção e manutenção em uti neonatal**. Disponível em: <<https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/article/view/731>>. Acesso em 06 de abril de 2025.

LOMBA, Lurdes et al. Prevenção de complicações em cateteres centrais de inserção periférica: revisão integrativa da literatura. **Rev. iberoam. Educ. investi. Enferm.**, v. 10, n. 2, p. 47-58, 2020. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=LOMBA%2C+Lurdes+et+al.+Preven%C3%A7%C3%A3o+de+complica%C3%A7%C3%B5es+em+cateteres+centrais+de+inser%C3%A7%C3%A3o+perif%C3%A9rica%3A+revis%C3%A3o+integrativa+da+literatura.+Rev>. Acesso em: 11/09/25.

LUIA, M.L.; ZILLY, A.; FRANÇA, A.F.O.; FERREIRA. H.; TONINATO, A.P.C.; SILVA, R. M.M.S. Cuidados e limitações no manejo do cateter central de inserção periférica em neonatologia. **Revista de Enfermagem do Centro- Oeste Mineiro**,

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

2018. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1918/1900>  
Acesso em: 11/09/25.

PRADO, Nanete Caroline da Costa et al. Termos da linguagem especializada de enfermagem no cuidado ao recém-nascido com cateter venoso central. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2022. Disponível em:  
<https://www.bing.com/search?q=PRADO%2C+Nanete+Caroline+da+Costa+et+al.+Ter+mos+da+linguagem+especializada+de+enfermagem+no+cuidado+ao+rec%C3%A9m-nascido+com+cateter+venoso>. Acesso em: 11/09/25.

NETO, J.A.S.; RODRIGUES. B.M.R.D. Tecnologia como fundamento do cuidar em neonatologia. **Texto contexto - enferm.**, Jun, 2010. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/tce/a/pYyrSKWCKYMLgZgJSTrGqsz/#ModalTutors>. Acesso em: 11/09/25.

SENA, Erika Maria Araujo Barbosa de *et al.* **Venopunção periférica em recém-nascidos prematuros: desafios para o cuidado de enfermagem e a segurança do paciente**. 2015. Disponível em:  
<https://www.bing.com/search?pglt=297&q=SENA%2C+Erika+Maria+Araujo+Barbosa+de+et+al.+Venopun%C3%A7%C3%A3o+perif%C3%A9rica+em+rec%C3%A9m-nascidos+prematuros%3A+desafios+para+o+cuidado>. Acesso em: 11/09/25.

RODRIGUES, Z.S.; CHAVES, E.M.C.; CARDOSO, M.V.L.N. Atuação do enfermeiro no cuidado com o cateter central de inserção periférica no recém-nascido. *Rev. Bras. Enferm.*, Out, 2006. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/391062559\\_atuacao\\_do\\_enfermeiro\\_no\\_cuidado\\_com\\_o\\_cateter\\_central\\_de\\_insercao\\_periferica\\_picc\\_no\\_recem-nascido](https://www.researchgate.net/publication/391062559_atuacao_do_enfermeiro_no_cuidado_com_o_cateter_central_de_insercao_periferica_picc_no_recem-nascido)  
Acesso em: 11/09/25.

## SUPLEMENTAÇÃO POR ÁCIDO FÓLICO NA GESTAÇÃO E A RELAÇÃO COM A SÍNDROME DO ESPECTRO AUTISTA

ASSIS, Flávia Da Silva<sup>1</sup>  
LIBERATOR, Livia<sup>1</sup>  
DAUDT, Natália Pereira<sup>1</sup>  
LEITE, Carolina Da Costa<sup>1</sup>  
SANTOS, Cristiane Bittencourt Felicio<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – flaviaassis.enf@gmail.com.; livialiberator@hotmail.com; nataliapereiradaudt@gmail.com; karollcosta97@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora: Mestre em políticas públicas e desenvolvimento local. Especialista em docência do ensino superior, especialista captação, doação e transplantes de órgãos, especialista em unidade de terapia geral e coronariana e especialista em urgência e emergência. Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – cristiane.santos@multivix.edu.br

### 1 INTRODUÇÃO

O autismo é um distúrbio relacionado ao desenvolvimento humano mais conhecido no mundo e vem sendo estudado há mais de 60 anos pelos cientistas. Porém, ainda há bastantes divergências a serem respondidas pelo meio científico. Os índices de prevalência de acordo com os dados do CDC (Center of Diseases Control and Prevention; 2019), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje um caso de autismo a cada 110 pessoas. Assim, estima-se que o Brasil, com cerca de 200 milhões de habitantes, possua em torno de 2 milhões de autistas (Maia *et al.*, 2019<sup>a</sup>).

O transtorno do espectro do autismo (TEA), corresponde a uma desordem do neuro-desenvolvimento que abrange o autismo, como características da síndrome de Rett, síndrome de asperger, inquietação desintegrativa infantil e desorientação global do desenvolvimento, (Monteiro *et al.*, 2020). Sendo assim, o quadro clínico compreende padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse ou atuação, cujo os primeiros indícios aparecem na primeira infância (Maia *et al.*, 2019<sup>b</sup>).

O transtorno de espectro autista (TEA) pode ser identificado antes mesmo dos 3 anos de idade, ao longo do desenvolvimento da criança em relação às interações sociais e a comunicação (Maia *et al.*, 2019<sup>a</sup>).

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

Hoje, sabe-se que vários fatores ambientais aliados com a predisposição genética contribuem para o aumento de casos (Formiga *et al.*, 2018.). Como eventos que ocorrem durante a gestação, como a ingestão de alguns tipos de medicamentos, nutrientes e exposição a agentes tóxicos, também estão relacionados ao desenvolvimento desses transtornos (Maia *et al.*, 2019<sup>a</sup>).

Os nutrientes ingeridos pela mãe durante a gravidez são, muitas vezes, indispensáveis para a gênese normal do embrião (Maia *et al.*, 2019a). O ácido fólico é importante para evitar possíveis defeitos na formação do feto, sendo um deles, defeitos relacionados no desenvolvimento neuronal do feto (Formiga *et al.*, 2018).

Essa suplementação é protetora e previne diversos problemas se tomado de forma adequada na gestação, porém novos estudos dizem que a quantidade excessiva também pode causar danos, devemos buscar níveis ideais deste importante nutriente.

O Ácido Fólico é a forma sintética do folato, uma vitamina do complexo B, também conhecido como vitamina B9, que é amplamente distribuído na natureza, sendo encontrado naturalmente em frutas e vegetais. O ácido fólico como nós conhecemos é frequentemente empregada para enriquecer cereais, pães e é também amplamente utilizado como um suplemento vitamínico popular. É uma vitamina hidrossolúvel essencial para diversas funções do organismo, incluindo propriedades e componentes do DNA, divisão celular, formação de glóbulos vermelhos e desenvolvimento do sistema nervoso. Portanto, este trabalho visa, por meio de revisões bibliográficas, esclarecer a relação entre a ingestão do ácido fólico antes e/ou durante a gravidez e possível desenvolvimento do TEA.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Este presente estudo trata-se de revisão bibliográfica do tipo qualitativa. A pesquisa ocorreu no período de junho a outubro de 2024 e foram incluídos no estudo de artigos publicados em formato de texto completo nos anos de 2015 a 2020, escrito no idioma de português e inglês.

A busca ocorreu nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) na base de dados SCIELO e CRN-2, e consulta em sites de órgão nacional Ministério da Saúde. Foram utilizados, para busca dos artigos, os seguintes operadores booleanos e suas combinações na língua portuguesa: “Equipe de enfermagem” AND “Autismo”;

“Ácido fólico” AND “Gestação” AND “Desenvolvimento do Sistema Nervoso Embrionário”.

Após a pesquisa foram encontrados o total de 14 artigos. Depois de realizada a pesquisa, iniciou a etapa de leitura para a seleção de artigos pertinentes com o tema. Do total, após a leitura foram selecionados 09 artigos que possuíam maior relevância com tema proposto e estão dentro dos critérios de inclusão e exclusão. Como critérios de inclusão foram delimitadas as publicações efetuadas entre 2018 a 2020, que estivessem disponíveis na íntegra por meio de acervos eletrônicos, artigos publicados com textos completos em português. Foram excluídos artigos que não atendiam ao objeto de estudo. A coleta de dados compreendeu as etapas de identificação dos artigos, seus objetivos, resultados e discussões, e conclusões. Sempre buscando respeitar a ética como forma de segurança e direitos autorais dos artigos.

### 3 DESENVOLVIMENTO

Mulheres grávidas ou que pretendem engravidar são aconselhadas a ingerir bastante folato, uma vez que a substância estimula o desenvolvimento neurológico do feto. Para isso, muitas futuras mães são orientadas a comer alimentos ricos em folato e a tomar seu suplemento. A suplementação com esse ácido fólico é fortemente recomendada para prevenir danos do tubo neural, como espinha bífida, mielomeningocele, anencefalia ou fenda palatina em bebês em desenvolvimento. Essa suplementação é recomendada antes da concepção, cerca de 3 a 6 meses antes de engravidar, ou pelo menos 1 mês antes, e durante as primeiras semanas de gestação podendo ser prolongada até o primeiro trimestre. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a quantidade de ácido fólico indicada, tanto antes quanto durante a gravidez, é de 0,4 mg (= 400 µg) uma vez ao dia (Maia *et al.*, 2019<sup>a</sup>).

As malformações congênitas são definidas por anormalidades do desenvolvimento embrionário, identificadas no nascimento, sendo uma das principais causas de morte infantil. Por isso a importância do planejamento de uma gravidez, previne os riscos de malformações, uma vez que o tubo neural é fechado ao final da 5<sup>o</sup> semana de gestação, onde se torna preocupante pois é exatamente nestas semanas que a paciente descobre que está grávida (Jara *et al.*, 2018).

O folato é metabolizado através do ciclo de metabolismo de um carbono e fatores genéticos impactam o ciclo e a disponibilidade de subprodutos ativos para o

feto. O gene que codifica a enzima metileno tetrahydrofolato redutase (MTHFR) tem um papel fundamental na conversão do folato em sua forma biologicamente ativa, o 5-metiltetrahydrofolato (*International Journal of Environmental Research and Public Health.*, 2020). Esse vitamínico é absorvido pelas células a através de receptores com elevada afinidade para folato e derivados de ácido fólico reduzidos, porém é bloqueado pela presença de autoanticorpos do receptor do folato (FRAA). As FRAA cerebrais foram identificadas com alta frequência em crianças com transtorno do espectro autista, levando assim a uma possível ligação entre a captação do ácido fólico e o autismo fazendo com que a suplementação do ácido fólico seja estudada amplamente (Zhou et al., 2018).

Alguns estudos sugeriram que a suplementação com ácido fólico durante a gravidez pode estar associada a um menor risco de autismo em crianças. Acredita-se que o ácido fólico desempenha um papel na metilação do DNA, que é importante para o desenvolvimento do sistema nervoso central. Portanto, acredita-se que uma ingestão adequada de ácido fólico durante a gravidez pode ter efeitos protetores contra distúrbios neurológicos, como o autismo, visto que níveis baixos de folato causam defeitos do tubo neural e suplementos de ácido fólico periconcepcionais podem prevenir até 70% dos defeitos do tubo neural (Maia *et al.*, 2019<sup>b</sup>).

No entanto, é controverso a relação da suplementação com altas doses de ácido fólico, segundo pesquisas apontam que o ácido fólico pode ser um fator ambiental que provoca o transtorno, se analisados os níveis de folato na sorologia de mães de crianças autistas, e a quantidade ingerida pela sua forma sintética. O fechamento do tubo neural ocorre no mesmo tempo em que pode ocorrer e desencadear o desenvolvimento do TEA, fato analisado durante essas duas últimas décadas, onde aconteceram várias campanhas e alertas para a suplementação pelo ácido fólico, levando em conta os níveis altos de homocisteína em sangue de crianças portadoras (Maia *et al.*, 2019<sup>b</sup>).

O consumo excessivo da substância pode aumentar o risco de autismo no bebê. É o que diz um estudo da Escola Bloomberg de Saúde Pública da Universidade John Hopkins, nos EUA. De acordo com os cientistas que coordenaram a pesquisa, níveis de folato quatro vezes mais altos do que o considerado adequado na mãe logo após dar à luz estão associados a um risco duas vezes maior de o filho desenvolver Transtorno do Espectro Autista. Níveis altos de vitamina B12 também podem ser

prejudiciais em grávidas, triplicando o risco de o feto desenvolver autismo, dizem os estudiosos.

A situação se torna mais crítica quando vemos estudos que comprovam que o risco de uma criança desenvolver a doença é multiplicado por 17,6 vezes, quando tanto o folato quanto a vitamina B12 estão presentes em excesso durante a gravidez. No estudo da John Hopkins, a grande maioria das mães relataram ter tomado multivitaminas, o que incluía ácido fólico e vitamina B12, durante toda a gravidez. Mas os pesquisadores dizem que não sabem exatamente por que algumas das mulheres tinham níveis tão elevados no sangue. Pode ser que, além de comer muitas frutas e vegetais com folato, elas tenham consumido em exagero alimentos fortificados com ácido fólico ou suplementos. Ou, afirmam eles, pode ser que algumas mulheres sejam geneticamente predispostas a absorver maiores quantidades de folato ou metabolizá-lo de forma mais lenta, levando ao excesso. Pode ser, ainda, uma combinação dos dois fatores. O senso comum diz que suplementos vitamínicos não são prejudiciais, mesmo em excesso, porque o organismo expulsaria o excedente.

É nítido o aumento no número de casos de autismo, e isso tem sido objeto de atenção especial e pesquisa nas últimas décadas. Há necessidade de grandes estudos que avaliem os níveis séricos e a ingestão de ácido fólico em pacientes autistas, os efeitos da suplementação de ácido fólico nos sintomas clínicos em pacientes com autismo, como a associação entre níveis celulares e suplementação durante a gravidez (Castro *et al.*, 2016).

Existem várias teorias sobre porque os números aumentaram, mas ainda não há um consenso definitivo sobre as causas exatas desse aumento. Programas de triagem e rastreamento mais eficazes podem ter levado a uma identificação mais precisa de casos de autismo em uma idade mais precoce. Quanto mais cedo o autismo for identificado, mais cedo as intervenções e o suporte podem ser iniciados, o que pode melhorar. Alguns pesquisadores sugerem que fatores ambientais e genéticos podem desempenhar um papel no aumento da prevalência do autismo.

A enfermagem tem um papel importante ao prestar assistência á saúde da mulher no período gestacional, profissionais da saúde devem identificar os fatores de riscos para a deficiência do ácido fólico, e seu possível risco com sua hiper suplementação. Portanto o enfermeiro deve orientar as mulheres que desejam engravidar iniciar a suplementação de ácido fólico de forma correta antes da gravidez

e continuar até a 14ª semana gestacional para a prevenção de defeitos no espaço neural e favorecer o desenvolvimento adequado do neonato (Espolador *et al.*, 2015).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os sinais clínicos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda sejam muito complexos de entender, como o que leva ao seu surgimento e quais os multifatores apontados como responsáveis pelo desenvolvimento do transtorno, tendo potencialmente fatores como nutricionais, genéticos, ambientais e as intercorrências na gestação.

Pesquisas apontaram que a suplementação com o ácido fólico em mulheres gestantes possui efeitos benéficos, contribuindo para redução do desenvolvimento do TEA. É indicado ainda no planejamento familiar e que se mantenha durante o período gestacional para uma formação fetal saudável. Poucos estudos, identificaram uma relação negativa com a suplementação do folato, porém quando se trata de um uso excessivo esse importante suplemento pode levar a danos do desenvolvimento fetal.

Sendo assim, se faz necessário mais investigações relacionadas ao ácido fólico e o autismo, para uma melhor compreensão do fator risco-benefício relacionado com a sua hiper suplementação, e buscar níveis ideais deste importante suplemento.

#### 5 REFERÊNCIAS

Centers for Disease Control and Prevention (CDC). **Neural tube defect surveillance and folic acid intervention** – Texas-Mexico border, 1993-1998. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep.* 2000;49(1):1-4.

CASTRO, Kamila. Ácido fólico e autismo: o que sabemos?. **Nutritional Neuroscience**, v. 19, n. 7, p. 310-317, 2016. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/mdl-25087906>. Acesso em: 18 out. 2024.

ESPOLADOR, G. M., Jordão, B. A., Cardoso, M. G., Sabino, A. N., & Tavares, B. B. Identificação dos fatores associados ao uso da suplementação do ácido fólico na gestação. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, 1552- 1561, 2015. Acesso em 02 out. 2024.

FORMIGA, Arthur Anderson et al. Uso de ácido fólico em gestantes e sua associação com o autismo. **Journal of medicine**, v. 3, n. 1, p. 903-912, jan./mar. 2018.

JARA-P, Camila et al. Impacto do ácido fólico na incidência de fissuras labiopalatais na população ocidental da região metropolitana, Chile, **Int. J. Odontostomat**, v. 12, *Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim*, v.10, n.1, nov. 2025.

n. 3, p. 228-232, set. 2018. Disponível em <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-381X2018000300228&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-381X2018000300228&lng=es&nrm=iso)>.

MAIA, Carina Scanoni et al. Transtorno do espectro autista e a suplementação por ácido fólico antes e durante a gestação. **J Bras Psiquiatr**, v. 68, n. 4, p. 231-243, 2019a.

MAIA, Fernanda Alves et al. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E FATORES PÓS-NASCIDOS: UM ESTUDO DE CONTROLE DE CASO NO BRASIL. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 398-405, dezembro de 2019b. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822019000400398&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822019000400398&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 12 outubro. 2024.

MONTEIRO, Manuela Albernaz et al. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 38, 2020. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822020000100508&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822020000100508&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 12 junho. 2024.

ZHOU, Jiaxiu et al. Alta prevalência de autoanticorpos do receptor de folato sérico em crianças com transtornos do espectro autista. **Biomarkers**, v. 23, n. 7, p. 622-624, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/mdl-29578363>. Acesso em 12 out. 2024.

## FORMAÇÃO MÉDICA E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DURANTE A GRADUAÇÃO

DA HORA, Amanda Gomes<sup>1</sup>  
DE FREITAS, Emanuely<sup>1</sup>  
LAZARINO, Amanda Barbosa<sup>1</sup>  
MACHADO, Emanuely Agatha Jordão<sup>1</sup>  
MARTINS, Maria Eduarda Rebello<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de psicologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – amanda.16.gh@gmail.com; emanuelyagathajordao@gmail.com; freitassouzaemanuely@gmail.com; lazamandabarbosa@gmail.com; mariaeduardarebello7@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

A formação médica constitui uma experiência de significativa relevância pessoal e social, porém é marcada por exigências intensas em termos cognitivos, emocionais e físicos, que impactam diretamente a saúde mental dos estudantes. Segundo Raissa Pinheiro Nery et al. (2021), a cobrança constante por resultados, as longas jornadas de estudo e prática, o contato precoce com a dor humana e a elevada concorrência acadêmica podem favorecer o surgimento de problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e síndrome do esgotamento profissional.

Estudos longitudinais observacionais realizados por Mirna Rossi Barbosa Medeiros e Antônio Prates Caldeira (2021) apontam que o curso de Medicina é um dos mais exigentes e trabalhosos, por demandar dedicação, esforço, sacrifício e resistência física e emocional dos acadêmicos. Os fatores estressores, muitas vezes, se iniciam antes mesmo do ingresso na universidade e se intensificam durante a graduação. Entre eles, destacam-se a ausência de tempo para atividades sociais e físicas, a perda da liberdade pessoal, a diminuição da autoestima, o sentimento de inutilidade, as dificuldades na gestão do tempo entre estudo e lazer, as altas expectativas sociais acerca da prática médica, o medo de cometer erros, o afastamento da família e a competitividade acentuada. Esses elementos, somados,

contribuem para o desenvolvimento de distúrbios emocionais, como ansiedade e depressão.

Assim como ocorre em outros ambientes de ensino, o sofrimento emocional dos estudantes de Medicina afeta não apenas o aprendizado, mas também o bem-estar e a qualidade das interações interpessoais no contexto acadêmico segundo estudos de Bruno Di Girolamo Vita e Vanessa Valverde Menezes Rehem (2025). Nesse sentido, promover a saúde mental dos graduandos torna-se essencial não apenas para o êxito durante a formação, mas também para a construção de profissionais da saúde mais humanos, conscientes e emocionalmente estáveis.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo propor uma dinâmica coletiva voltada à promoção da saúde mental dos estudantes de Medicina, incentivando a criação de espaços de escuta, acolhimento e desenvolvimento de estratégias de cuidado. Além disso, busca contribuir para a reflexão sobre a necessidade de repensar o modelo de ensino médico vigente, estimulando instituições a implementar serviços de apoio psicopedagógico capazes de reduzir o sofrimento psíquico dos acadêmicos e reforçar estratégias defensivas adequadas à resolução dos desafios inerentes à profissão.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza qualitativa e exploratória, voltada à análise das produções científicas sobre a saúde mental de estudantes de Medicina. Segundo João Marcos Pereira (2022), a revisão de literatura tem como finalidade reunir e analisar contribuições teóricas previamente publicadas acerca de um tema específico, possibilitando compreender o estado atual do conhecimento e identificar lacunas na produção científica.

A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de agosto e setembro de 2025, utilizando as bases de dados SciELO, PubMed e Google Acadêmico, mediante os descritores: “saúde mental”, “estudantes de medicina”, “transtornos psicológicos” e “sofrimento psíquico”. Foram selecionados artigos publicados entre 2020 e 2025, em português, disponíveis na íntegra e que abordassem diretamente a temática da saúde mental no contexto da formação médica. Foram excluídos estudos duplicados e aqueles que não apresentavam relação direta com o tema proposto.

Assim, após a seleção, os artigos foram lidos e analisados de forma crítica e

interpretativa, com ênfase nos fatores que influenciam o sofrimento psíquico entre estudantes de Medicina, tais como carga horária intensa, pressão por desempenho, competitividade e fragilidade no suporte emocional.

Por fim, os dados obtidos foram organizados de maneira descritiva, de modo a evidenciar os principais achados e tendências relacionados à temática. O método adotado possibilitou compreender de que maneira os contextos acadêmico e institucional impactam a saúde mental dos estudantes, bem como as estratégias sugeridas na literatura para promover o bem-estar psicológico e prevenir transtornos mentais nessa população.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

Ao analisar a realidade do estudante de Medicina, percebe-se que a formação acadêmica, embora vinculada a uma profissão de alta relevância social, está associada a fatores que favorecem o adoecimento psicológico, como afirma Clara de Lima Silva Ottero et al. (2022) em seus estudos sobre o tema. A carga horária excessiva, a privação do sono e a exposição constante à dor e ao sofrimento humano são experiências marcantes que comprometem significativamente a saúde mental dos estudantes. Além desses fatores, destaca-se o enfrentamento contínuo de conteúdos densos e emocionalmente exigentes, como o contato precoce com situações de morte e luto, que, muitas vezes, não são acompanhadas de suporte emocional adequado, aprofundando o desgaste psicológico. Segundo Ludmila de Souza Conceição et al (2019) o adoecimento pode ser compreendido como um desgaste psicológico e físico que impacta a qualidade de vida dos sujeitos e pode desencadear quadros de depressão e ansiedade.

Ademais, o ambiente competitivo e a pressão pelo bom desempenho acadêmico reforçam o sentimento de insegurança que, a longo prazo, contribui para o desenvolvimento de quadros de depressão, ansiedade e síndrome de Burnout (Ottero, 2022). A cultura da perfeição, fortemente presente nos cursos da área da saúde, impõe ao estudante uma expectativa irreal de infalibilidade, o que intensifica sentimentos de inadequação e fracasso. Essa pressão constante pelo alto rendimento acadêmico, somada à escassez de tempo para lazer e descanso, favorece o isolamento social e o enfraquecimento de vínculos afetivos — aspectos fundamentais para a preservação da saúde mental.

Desse modo, observa-se que a própria estrutura da formação médica impõe uma série de demandas que impactam diretamente o bem-estar psicológico dos acadêmicos, tornando-os vulneráveis ao adoecimento psíquico. A rotina intensa de estudos, a extensa carga horária dos estágios obrigatórios e a pressão por excelência configuram um ambiente propício ao surgimento de sintomas de ansiedade, estresse e exaustão como evidenciado por Juliana Gomes Bergo Dâmaso et al (2019). Soma-se a isso a escassez de espaços institucionais voltados ao diálogo sobre saúde mental, o que leva muitos estudantes a sofrerem em silêncio, por medo de estigmatização ou de demonstrarem fragilidade diante de colegas e professores.

Conforme estudos de Bráulio Brandão Rodrigues et al. (2020), a busca incessante pela excelência e o receio de cometer erros fortalecem a autocrítica exacerbada e o sentimento de insegurança, que, aliados a outros determinantes, tornam-se gatilhos para o esgotamento emocional. A dificuldade em lidar com falhas ou limitações pessoais intensifica o desgaste psíquico e pode contribuir para o desenvolvimento de transtornos mais graves. Além disso, a falta de preparo emocional para lidar com situações complexas no ambiente hospitalar, somada à cobrança interna e externa, agrava o quadro de sofrimento mental.

Como demonstrado por Rubens Rezende Ferreira et al (2023), embora a formação médica seja reconhecida por sua importância na promoção da saúde integral da população “desde o diagnóstico e tratamento até a reabilitação”, ela também se revela um espaço de vulnerabilidade psicológica, no qual a saúde mental do estudante é frequentemente negligenciada. A idealização do médico como um profissional resiliente, incansável e sempre disponível contribui para a normalização do sofrimento psíquico, tornando invisível a necessidade de cuidados emocionais durante a graduação.

Diante disso, torna-se fundamental que as instituições de ensino superior reconheçam a importância do bem-estar mental na formação de futuros profissionais da medicina, implementando estratégias de acolhimento psicológico e programas de prevenção ao adoecimento psíquico. A criação de um ambiente acadêmico mais empático e acolhedor, com políticas institucionais voltadas à saúde emocional dos discentes, pode reduzir os índices de sofrimento psíquico, além de melhorar o desempenho acadêmico e a qualidade da formação profissional. A inclusão de disciplinas sobre saúde mental, empatia, inteligência emocional e autocuidado, bem

como a implantação de espaços de escuta ativa e grupos de apoio psicológico, são medidas urgentes e necessárias. Ademais, é imprescindível que essas ações sejam contínuas, estruturadas e integradas ao planejamento pedagógico das instituições, valorizando o estudante não apenas como futuro médico, mas como ser humano em processo de formação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da saúde mental dos estudantes de Medicina evidencia que o processo de formação, embora essencial para a sociedade, impõe um conjunto significativo de exigências emocionais, cognitivas e físicas que impactam diretamente a qualidade de vida dos acadêmicos. A literatura aponta que fatores como a sobrecarga de atividades, o distanciamento familiar, a competitividade e as elevadas expectativas sociais podem favorecer o desenvolvimento de transtornos como ansiedade, depressão e síndrome de Burnout (Rodrigues et al., 2020).

Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de repensar o modelo de ensino médico vigente, de modo a equilibrar a busca pela excelência acadêmica com estratégias de cuidado integral aos discentes. É fundamental investir em propostas que ofereçam espaços de escuta e acolhimento, promovam a reflexão sobre o autocuidado e incentivem o fortalecimento de redes de apoio no ambiente universitário.

Conclui-se que a promoção da saúde mental deve ser parte integrante da formação médica, contribuindo não apenas para o bem-estar dos estudantes, mas também para a construção de profissionais mais humanos, empáticos e conscientes de seus próprios limites. A experiência com a dinâmica aqui proposta reforça a importância de iniciativas institucionais contínuas que priorizem a criação de ambientes acadêmicos mais saudáveis, solidários e emocionalmente sustentáveis.

Espera-se que este estudo contribua para a sensibilização de gestores, docentes e estudantes quanto à relevância de políticas permanentes de apoio psicopedagógico e de valorização do cuidado coletivo. Recomenda-se, ainda, a ampliação de práticas semelhantes em diferentes turmas e cursos da área da saúde, a fim de fortalecer uma cultura institucional voltada à prevenção do sofrimento psíquico e à promoção de uma formação médica mais equilibrada, empática e sustentável.

## 5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Caroline L. S.; CALDEIRA, Alessandra P. Transtornos mentais comuns em estudantes de medicina: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 45, n. 1, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200212>. Acesso em: 10 out. 2025.

CONCEIÇÃO, L. De S. et al. Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros, uma revisão sistemática de literatura. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 789 – 792. Disponível em: [scielo.br/j/aval/a/9zHYTs6kMWr3rKTRsdz4W8k/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/aval/a/9zHYTs6kMWr3rKTRsdz4W8k/?format=pdf&lang=pt). Acesso em 17 out. 2025.

DÂMASO, J. G. B. et al. É muita pressão! Percepções sobre o desgaste mental entre estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. v. 20, n. 2, p. 32 – 34. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v20n2/a04v20n2.pdf>. Acesso em: 17 out. 2025.

FERREIRA, R. R. et al. Saúde mental dos estudantes de medicina: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**. v. 12, n. 3, p. 3 – 5. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/39975/33136>. Acesso em: 17 out. 2025.

MEDEIROS, Mirna Rossi Barbosa; CALDEIRA, Antônio Prates. Saúde mental de acadêmicos de medicina: estudo longitudinal. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 45, n. 3, p. 3–6, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20190285>. Acesso em: 10 out. 2025.

NERY, Raissa Pinheiro. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina do Brasil e o impacto da pandemia da Covid-19. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 2, n. 8, p. e28630, 2021. DOI: [10.47820/recima21.v2i8.630](https://doi.org/10.47820/recima21.v2i8.630). Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/630>. Acesso em: 10 out. 2025.

OTTERO, Clara de Lima Silva et al. Saúde mental e sofrimento psíquico de estudantes de medicina: uma revisão sistemática. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 26, e210735, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210735>. Acesso em: 10 out. 2025.

RODRIGUES, Bráulio Brandão et al. Aprendendo com o imprevisível: saúde mental dos universitários e educação médica na pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 1, p. 2–4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200404>. Acesso em: 10 out. 2025.

RODRIGUES, Bráulio Brandão et al. Fatores associados ao sofrimento psíquico em estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 100–107, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000294>. Acesso em: 10 out. 2025.

VITA, Bruno de G., REHEM, Vanessa V. M. Saúde mental dos estudantes de

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

medicina: impactos da carga acadêmica, estratégias de enfrentamento e uso de psicofármacos. **Ciências da Saúde**. Itabuna, v. 29, n. 149, p. 6 – 8, 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/saude-mental-de-estudantes-de-medicina-impactos-da-carga-academica-estrategias-de-enfrentamento-e-uso-de-psicofarmacos/>. Acesso em: 17 out. 2025.



## REVISÃO DO MODELO EXPERIMENTAL DO ENSAIO DE FLEXÃO EM 3 PONTOS

COSTA, Ana Luiza Fonseca<sup>1</sup>  
SIQUEIRA, Agnes Silva M.<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Mariany Melo de<sup>1</sup>  
SILVA, Fernanda Souza<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Engenharia Civil e Produção da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – agnessilvamoulindesiqueira@gmail.com; aluizafcosta@gmail.com; marianymeloliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Engenharia e Ciência dos Matérias (UENF). Docente dos Cursos de Engenharias da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – fernandasiva2@professor.multivix.edu.br

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo da resistência dos materiais na engenharia é essencial para entender como será a reação dos materiais aos esforços submetidos. Um ponto importante desse estudo está ligado à construção civil, mas especificamente com o caso da flexão, que ocorre quando as vigas e barras estão submetidas a forças transversais, ocasionando inúmeras deformações e tensões nas regiões internas.

O ensaio de flexão em 3 pontos é muito usado para experimentos em laboratórios com o objetivo de obter informações a respeito da resistência de diversos materiais. Esse ensaio permite calcular o módulo de elasticidade e a tensão máxima, e que no caso da engenharia civil são pontos cruciais para projetos estruturais, além de poder relacionar uma teoria para aplicação prática, através de análises de carga, deformação, erros de medição e segurança.

O tema proposto deste trabalho tem como objetivo apresentar o modelo experimental do ensaio de flexão em 3 pontos, com a finalidade de explicar brevemente como funciona na prática e sua importância.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada para este trabalho consiste em fazer uma revisão explicativa da importância do modelo experimental de estudo no âmbito da engenharia, dando ênfase na Engenharia Civil.

### 3 DISCUSSÃO

Sabemos que para obras da engenharia civil é importante que haja um estudo minucioso das estruturas a serem usadas, visando sempre assegurar que não ocorram falhas, ou para que possíveis erros possam ser corrigidos o mais rápido possível. No ensaio de flexão em 3 pontos avalia-se como será o comportamento do material de estudo, com o objetivo de estudar e obter dados referentes a flexão, módulo de elasticidade e a tensão máxima com base nas cargas em que será submetido.

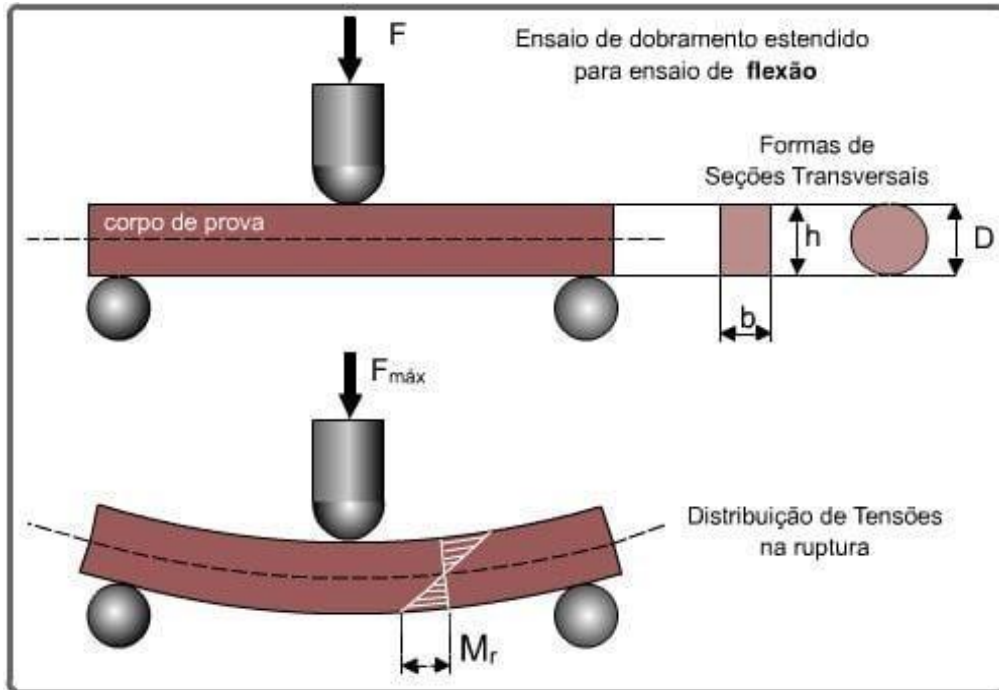
O ensaio é simples e pode tanto ser feito em sala de aula quanto em laboratórios com materiais específicos de análises. Abaixo explicamos brevemente como funciona esses dois métodos:

- **Montagem em sala de aula:** consiste em colocar duas estruturas rígidas como apoio, uma estrutura flexível para simular o material de estudo e um peso para submeter a estrutura a vários esforços como teste, a fim de obter dados referentes a sua flexibilidade, ou seja, o quanto irá se alongar ou deformar.
- **Montagem em laboratório:** consiste em colocar o corpo de prova em uma máquina de ensaio universal apoiado em dois pontos e então começa aplicando as forças no centro do material, para obter os dados de medição da carga. Com esse aparelho, é possível obter dados objetivos como a flecha (deflexão) e informações para os cálculos voltados para obtenção da resistência do material.

Ambos os testes podem ser obtidos dados como os gráficos de tensão-deformação, resistência à flexão, rigidez e análises de falha e controle de qualidade. Através dos resultados, podem ser estudados diversas maneiras de aplicação dos materiais, seja em estruturas metálicas, madeiras ou concretos.

Nas figuras abaixo demonstramos como é o cálculo simples para obtenção da flecha, que basicamente é o quanto o corpo de prova se alonga, e a partir dele é possível efetuar os demais cálculos que forem necessários.

**Figura 1** – Ensaio de dobramento



Fonte: biopdi.com.br (2018)

**FIGURA 2 – TESTE DO MATERIAL**

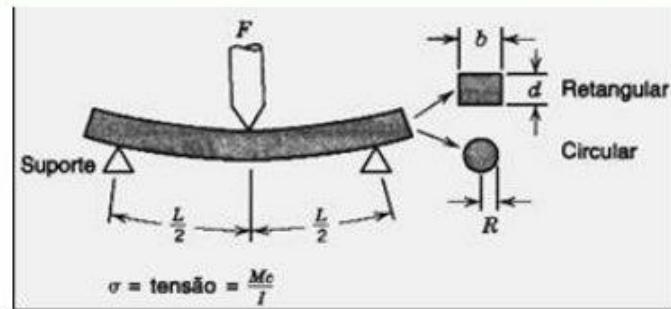


Fonte: intermetric.com.br (2016)

**FIGURA 3 – RESISTÊNCIA A FLEXÃO DE 3 PONTOS**

EM - UTFPR

## Resistência a Flexão – 3 pontos



M = momento fletor máximo  
 c = distância do centro do corpo de prova até as fibras mais externas  
 I = momento de inércia da seção reta  
 F = carga aplicada

	$\frac{M}{4}$	$\frac{c}{2}$	$\frac{I}{12}$	$\frac{\sigma}{2bd^2}$
Retangular	$\frac{FL}{4}$	$\frac{d}{2}$	$\frac{bd^3}{12}$	$\frac{3FL}{2bd^2}$
Circular	$\frac{FL}{4}$	R	$\frac{\pi R^4}{4}$	$\frac{FL}{\pi R^3}$

28

Fonte: slideshare – EM UTFPR. Aula 2 propriedades mecânicas (2018)

Através do ensaio de flexão em 3 pontos é possível entender como os materiais se comportam mediante os esforços transversais, sendo importante para analisar o quanto eles suportam de carga, dados estes que são essenciais para avaliar estruturas em obras de engenharia por exemplo, em que se precisa obter o máximo de certeza na aplicação de cargas em uma estrutura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dimensionar uma estrutura exige muito estudo e confiabilidade nos cálculos dos tipos de materiais a serem utilizados, e com a resistência dos materiais isso é possível. Dentro do tema abordado deste trabalho, o estudo voltado para flexão em 3 pontos auxilia tanto para pesquisas em laboratórios com o objetivo de obter melhorias contínuas em métodos de aplicação dos materiais, quanto para estudar possíveis causas de acidentes ocorridos por falhas mecânicas, sejam elas resultadas por cálculos mal elaborados tanto como a qualidade do material usado. O ensaio também é um meio didático de abordagem acadêmica para exemplificação dos conteúdos voltados para resistência dos materiais.

## 5 REFERÊNCIAS

BIOPDI. Ensaio de Flexão: Um Guia Completo sobre Testes de Resistência e Propriedades Mecânicas de Materiais. Disponível em: [biopdi.com.br](http://biopdi.com.br). Acesso em: 10 set. 2025.

INSTRON. Método de ensaio de flexão de 3 pontos. Disponível em: [instron.com](http://instron.com) (produto ou descrição de teste). Acesso em: 10 set. 2025.

TESTRESOURCES. A complete guide to the three-point bending flexural test. Disponível em: [share.google/1aHrai82JkLx0XBVJ](https://share.google/1aHrai82JkLx0XBVJ). Acesso em: 10 set. 2025.

AFINKO SOLUÇÕES EM POLÍMEROS. O que é o Ensaio de Flexão? Disponível em: [share.google/bFbyPf1WSvKlFWBQT](https://share.google/bFbyPf1WSvKlFWBQT). Acesso em: 10 set. 2025.

ZWICKROELL. Ensaio de flexão. Disponível em: [share.google/4vZCqh4liO4VgDkiP](https://share.google/4vZCqh4liO4VgDkiP). Acesso em: 10 set. 2025.

INSTRON. Instron – informações de ensaios de flexão. Disponível em: [share.google/5qGVh0UjnOVs3S9dE](https://share.google/5qGVh0UjnOVs3S9dE). Acesso em: 10 set. 2025.

MORAIS, Willy Ank et al. Representação do ensaio de tração 3-pontos. In: Estudo de materiais polímeros utilizados em impressoras open source. Disponível em: ResearchGate. Acesso em: 10 set. 2025.

INTERMETRIC. Dispositivos de Flexão DP744. Disponível em: [intermetric.com.br/produto/dispositivos-de-flexao-dp744/](http://intermetric.com.br/produto/dispositivos-de-flexao-dp744/). Acesso em: 10 set. 2025.

## A SAÚDE MENTAL DAS MÃES DE CRIANÇAS ATÍPICAS

MARINI, Ana Carolina<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Isabela Gomes de<sup>1</sup>  
MACHADO, Thiago Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandas do Curso de Psicologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – marinianacarolina2@gmail.com; belaisapessoal@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor e Mestre em Psicologia Institucional PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – thiagopmachadopsi@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

A saúde mental tem ganhado cada vez mais espaço entre as conversas cotidianas e, acima de tudo, nas pesquisas e estudos mais recentes. Ao restringir a temática para a realidade da saúde mental dos cuidadores, percebe-se que uma série de fatores como stress emocional, múltiplas demandas, responsabilidades no dia a dia, medos e preocupações, pressão familiar etc., se somatizam e, conseqüentemente, geram prejuízos mentais e psicológicos (André *et al.*, 2013). Dentro desse cenário é possível encontrar e correlacionar pontos em comum com as dificuldades que as mães de indivíduos neuroatípicos enfrentam.

Ao olhar para a realidade psicológica das pessoas responsáveis pelos cuidados das crianças neurodivergentes (TEA, TDAH etc.) é nítido perceber a sobrecarga gerada e isso já é evidenciado no campo de pesquisas sobre a área. Estudos comprovam que os pais de crianças com TEA apresentam altos níveis de stress, depressão e ansiedade comparados aos pais de crianças típicas (Alibekova *et al.*, 2022) e diante desses dados, é possível imaginar a dificuldade vivida pelas mães, visto que além, do cuidado com a com os afazeres domésticos e da vida profissional, os desafios da maternidade de crianças neuroatípicas compõem um cenário ainda mais desafiador e árduo para essas mulheres.

Ao longo da presente revisão bibliográfica, será possível observar que a sanidade mental das pessoas responsáveis pelas crianças com autismo é afetada em diversas áreas, desde sua dimensão íntima e pessoal, passando pela profissional e chegando até a afetiva e de relacionamentos interpessoais. Por isso, faz-se necessário não só desvendar esse novo cenário de enfrentamento, bem como

viabilizar ferramentas e meios de suporte as cuidadoras.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para construir o presente trabalho, diversas fontes foram consultadas. Dentre elas se destacaram as bases de dados “SciELO” e o “Google Acadêmico”. Ao realizar as buscas, foram usados descritores como “neurodesenvolvimento”, “neurodesenvolvimento atípico”, “neurodivergente”, “mães”, “cuidadores”, “autismo” e “cuidados”. A ideia, a princípio, era correlacionar a falta de amparo às mães de filhos neurodivergentes com a maior incidência de transtornos mentais associados a essa sobrecarga. Foram encontrados, durante a pesquisa, diversos indícios que comprovaram essa tese, em variadas fontes. Apesar da literatura acerca da temática não ser tão ampla o quanto se era esperado, ainda assim foi possível consolidar uma base teórica sólida e consistente sobre o assunto apresentado.

## 3 DESENVOLVIMENTO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento (American Psychiatric Association, 2022). De acordo com Alves, Gameiro e Biazi (2022):

Marcado por déficits significativos na comunicação e interação social e por um repertório de comportamentos e interesses repetitivo e limitado, ele implica em inúmeros e significativos prejuízos no funcionamento do indivíduo (Alves, Gameiro e Biazi, 2022, pág. 413).

Ao ser diagnosticado na infância, a família precisará passar por uma série de adaptações e mudanças que serão responsáveis, como veremos, por consequências, acima de tudo, na saúde mental das mães.

Pensar na saúde mental das mães de crianças autistas requer voltar o olhar para os desafios enfrentados desde o início do processo da maternidade, visto que todos os pais idealizam, sonham e criam expectativas com a chegada e todo o crescimento da criança, portanto, desde o momento em que a mãe e o pai começam a notar que o filho apresenta dificuldades no seu desenvolvimento, surge o sentimento de preocupação e, conseqüentemente, de investigação dos motivos dessa dificuldade. Ao relatar o início dos desafios enfrentados, a mãe de uma criança diagnosticada diz que: “A minha dor de mãe atípica veio junto com o processo de avaliação e diagnóstico, sentimentos de solidão, a sensação de perda, uma dor

imensurável que não foi olhada, ouvida, tampouco cuidada.” (Matias; Eugenio, 2025), fato que evidencia as lutas internas e o descaso com a saúde mental das mães atípicas. A mesma mãe ainda relata sobre como é o pós-diagnóstico:

Com a chegada do diagnóstico a vida da família pode se tornar uma montanha-russa de sentimentos, inseguranças e lutas. Uma das maiores complicações que enfrentamos é a incompreensão da sociedade sobre o autismo. A sociedade muitas das vezes julga, olha de forma equivocada ou simplesmente ignora as necessidades que uma criança com necessidades especiais demanda (Alves, Gameiro e Biazi, 2022, pág. 4).

Dentro dessa nova configuração da vida familiar, se faz necessário elucidar que a criança irá necessitar do apoio familiar, seja nas dificuldades da adaptação social, seja no cuidado paciente e amoroso da família para que ela consiga passar pelas etapas terapêuticas necessárias. Diante disso, é esperado e comprovado por pesquisas que toda essa dinâmica do transtorno, somado aos desafios diários e da rotina familiar causam impactos sobre os familiares, visto que os cuidados e a atenção exigida pela situação são extremos e cansativos (Smeha; Cezar, 2011). Nesse contexto, o envolvimento da mãe é ainda maior e isso foi relatado, através de uma pesquisa realizada pelo Centro Universitário Franciscano, da PUC do Rio Grande do Sul, demonstrou em seus resultados, após quatro mães atípicas serem entrevistadas dizendo que:

Nos relatos das mães, foi possível identificar que os cuidados com a criança autista são prioridade em sua rotina diária. Elas dedicam integralmente seu dia ao filho, por isso elas não podem trabalhar fora ou exercer outra atividade. Cabe salientar que nenhuma das mães entrevistadas está trabalhando no momento. A rotina de cuidados, segundo elas, é árdua, difícil e cansativa (Smeha; Cezar, 2011, pág. 46).

Além disso, em alguns casos, ainda soma-se que, após o diagnóstico, muitos pais ou abandonam a família ou passam a maior parte do tempo no trabalho, deixando que as responsabilidades que também cabem a eles, todas nos ombros das mães que além de todo cansaço e estresse, ainda tem que lidar com a solidão e o abandono que “as deixam com o sentimento de inabilidade e medo do desconhecido, dessa nova incógnita que é o autismo e as incertezas a respeito do futuro da criança” (Matias; Eugenio, 2025, pág.5).

Esse novo cenário da vida familiar, quando o pai não abandona a família, também traz consequências para a relação afetiva do casal que é modificada devido ao tempo e atenção dedicada a criança (Smeha; Cezar, 2011). Naturalmente, essas modificações também serão causadoras de estresse e prejuízos à saúde mental das

mães.

Outro aspecto a ser levado em consideração é o sentimento de culpa que muitas mães carregam. Devido a rotina de tratamento intensa e as demandas da rotina do lar, elas deixam de lado o cuidado de si, renunciando ao salão de beleza, da academia etc., devido as demandas mais urgentes e ao se permitirem viver momentos de autocuidado e lazer, o sentimento de culpa surge transformando o descanso em algo pesado (Ponte; Araujo, 2022). Esse cenário evidencia que a qualidade de vida das mães, principais cuidadoras das crianças atípicas, sofrem “prejuízo relevante nos construtos físico e mental” (Alves; Gameiro; Biazi, 2022). Por isso, sintomas de ansiedade, depressão e estresse são frequentemente observados e conseqüentemente acendem um alerta aos profissionais de saúde mental, a sociedade e aos familiares, porque as mães atípicas também precisam de auxílio, cuidado e empatia.

Por fim, Avci et al. (2002, apud Alves; Gameira; Biazi, 2022), aponta que as crises psicológicas mais recorrentes nessa parcela da população são a ansiedade e a depressão. Isso se dá tanto devido as próprias necessidades e particularidades da criança, que precisa de mais suporte dos cuidadores, quanto das pessoas que as cercam devido à falta de entendimento acerca das limitações e dificuldades que os neurodivergentes possam apresentar. Esse público, que deveria prestar auxílio e ter empatia, acaba por dificultar ainda mais o processo de inclusão e aquisição de habilidades sociais e emocionais dos autistas, por exemplo (Silva; Andrade; Bragança, 2024).

Percebe-se que as informações levantadas através da presente revisão trazem a importância do papel materno na vida das crianças atípicas, mas, que por outro lado, a dedicação ao longo do processo terapêutico e de desenvolvimento e educacional é desafiante e muitas vezes extenuante, trazendo conseqüências como estresse, ansiedade, depressão, sentimento de culpa etc., e esse panorama denuncia que a saúde mental dessas mulheres, em muitos casos, é negligenciada e até mesmo colocada de lado, devido as demandas e necessidades que a criança possui por portar TEA.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa é uma realidade que deve instigar e motivar familiares, profissionais e a própria sociedade no cuidado e empatia com as mães de crianças autistas, visto que elas, assim como as crianças, passam por muitos desafios. Tal estudo se propôs a levantar dados e cruzar informações para elucidar a pertinência da problemática apresentada a fim de que medidas possam ser tomadas para favorecer a manutenção da qualidade de vida dessas mulheres.

#### REFERÊNCIAS

ALIBEKOVA, Raushan; CHAN, Chee Kai; CRAPE, Byron; KADYRZHANULY, Kainar; GUSMANOV, Arnur; AN, Sofiya; BULEKBAYEVA, Sholpan; AKHMETZHANOVA, Zulfiya; AINABEKOVA, Assel; YERUBAYEV, Zhanibek; YESSIMKULOVA, Fariza; BEKISHEVA, Aislu; OSPANNOVA, Zarina; RAKHIMOVA, Makhabbat. Estresse, ansiedade e depressão em pais de crianças com transtorno do espectro autista no Cazaquistão: prevalência e fatores associados. **Global Mental Health**, Cambridge, v. 9, p. 472-482, 2022. DOI: 10.1017/gmh.2022.51. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9806964/>. Acesso em: 8 out. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. [Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.]. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRÉ, Suzana Maria Fernandes Serrano; CUNHA NUNES, Maria Madalena Jesus; MARTINS, Maria Manuela Ferreira Pereira da Silva; RODRIGUES, Vítor Manuel Costa Pereira. Saúde mental em cuidadores informais de idosos dependentes pós-acidente vascular cerebral. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 11, p. 85-94, dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3882/388239970014.pdf>. Acesso em: 8 out. 2025.

PONTE, Amélia Belisa Moutinho da; ARAÚJO, Lucivaldo da Silva. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 14, n. 2, p. 89-108, maio/ago. 2022. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912022000200010](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200010). Acesso em: 8 out. 2025.

SANTOS, Ana Paula; OLIVEIRA, Juliana Cristina; LIMA, Carla; PEREIRA, Fernanda. Saúde mental materna e cuidados com crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia em Pesquisa**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 50-62, 2022. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862022000300011](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000300011). Acesso em: 8 out. 2025.

SILVA, Isabela Rodrigues da; ANDRADE, Matheus Adriano de Castro; BRAGANÇA, Raielly Raissa Oliveira. **Saúde Mental e Qualidade de Vida do Cuidador da Pessoa Autista**. 2024. Artigo (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário

Betim da rede Ânima Educação, Betim, 2024. Disponível em:  
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/47885>. Acesso em: 8 out. 2025.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2011. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWpK/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 8 out. 2025.



## DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ALEITAMENTO MATERNO EM RECÉM-NASCIDOS COM FISSURA LÁBIOPALATINA

FÁVERO, Ana Clara Custódio<sup>1</sup>  
BATISTA, Bianca da Silva<sup>1</sup>  
PEDROZA, Eduarda Macedo<sup>1</sup>  
PIASSI, Giovanna Dalvi<sup>1</sup>  
FERREIRA, Isabelle Silva<sup>1</sup>  
IZO, Viviane Lourenço de Souza<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – [anaclara.cfavero@gmail.com](mailto:anaclara.cfavero@gmail.com); [biancadasilvabatista2@gmail.com](mailto:biancadasilvabatista2@gmail.com); [pedrozaeduarda8@gmail.com](mailto:pedrozaeduarda8@gmail.com); [giovannadpiassi@hotmail.com](mailto:giovannadpiassi@hotmail.com); [isabellesilvafe@gmail.com](mailto:isabellesilvafe@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutoranda e Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – [vivinorman@yahoo.com.br](mailto:vivinorman@yahoo.com.br)

### 1 INTRODUÇÃO

O leite materno é considerado o alimento mais benéfico para a saúde do lactente, proporcionando inúmeras vantagens para o bebê e a mãe, como: aumento do vínculo entre mãe e filho, diminuição da mortalidade, prevenir tanto a desnutrição quanto a obesidade, melhora do sono e até auxiliar no fortalecimento do sistema imunológico (SOUSA et al, 2021; BRAGA et al, 2020).

Segundo o Ministério da Saúde é recomendado que o aleitamento materno seja predominante até os seis meses de vida, podendo ser realizado de forma complementar até os dois anos ou mais (BRASIL, 2021). Visto que, as propriedades do leite são comprovadamente proveitosas para todos os recém-nascidos incluindo os com fenda palatina cujo apresentam maiores dificuldades nesse processo (GOTTSCHLICH et al, 2018).

A fissura labiopalatina é uma deformidade craniofacial congênita que acontece durante o desenvolvimento embrionário possuindo causa multifatorial com ligação genética e ambiental (MAIA ALRB et al, 2020; REZER F, MARQUES A, 2023). De acordo com Santos et al, (2024) no Brasil esse defeito congênito atinge uma criança a cada 650 nascidas, totalizando uma média de 5.800 casos por ano.

Becker et al, (2023) diz que indivíduos com fissura podem possuir 18 vezes

maior probabilidade de não ser amamentado em relação aos que não apresentam essa anomalia. Visto que, a presença da fenda dificulta o processo de amamentação pois influencia na sucção e deglutição do neonato (VILLE et al, 2020a). Sendo assim, o objetivo desse estudo é buscar compreender os desafios presentes no aleitamento materno em recém-nascidos com fissura labiopalatina e ainda evidenciar as estratégias possíveis para auxiliar na amamentação de neonatos com essa condição.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de literatura a fim de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre o tema abordado. O levantamento bibliográfico foi realizado no mês de Março e Abril de 2025 nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) utilizando os descritores “Fissura Palatina”, “Aleitamento Materno” e “Recém- Nascido”, foram cadastrados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS). Foram encontrados 30 artigos. Após leitura exploratória, foram selecionados 18 para o estudo. Como critérios de inclusão, foram selecionados apenas estudos publicados nos idiomas português, espanhol e inglês nos últimos 6 anos, entre 2018 a 2024. Foram excluídos artigos que não atendiam ao objeto de estudo. Após a seleção dos artigos, procedeu-se leitura seletiva, analítica e interpretativa dos textos com a finalidade de ordenar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitassem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.

## 3 DESENVOLVIMENTO

Segundo dados de janeiro de 2015 a agosto de 2021 foi obtido uma taxa de cerca de 41.339 bebês nascidos vivos, dentre esse índice 31 neonatos apresentaram fenda labiopalatina. (HOFFMANN et al, 2022). A etiologia da fenda é proveniente de diversos fatores, sendo os mesmos tendo ocorrência durante o estágio crítico do desenvolvimento embrionário, que ocorre entre a 4<sup>a</sup> e a 12<sup>a</sup> semana de vida intrauterina. (MARTINEZ et al, 2022).

Foi constatado que mesmo a sucção sendo natural desde a 29<sup>a</sup> semana gestacional, as adversidades na amamentação em bebês com fenda labiopalatina são mais acentuadas (GÁRATE et al, 2020). Dentre os desafios tem-se refluxo esofágico,

fadiga, comprometimento do crescimento, alimentação prolongada e regurgitação nasal (BOYCE et al, 2019).

De acordo com Adekunle et al, (2020) foram identificados que 83,0% das mães iniciaram o processo de amamentação, porém apenas 18,5% deram continuidade, visto que, bebês com a fissura a amamentação direto no seio nem sempre é viável, uma das alternativas é a bomba elétrica ou a ordenha manual, podendo ser oferecido na mamadeira, colher ou copo, possibilitando fortalecimento imunológico e nutricional ( MADHOUN et al, 2020; GONZÁLEZ et al, 2020; NABATANZI et al, 2021).

Cerca de 83,3% dos lactentes são alimentados com mamadeira e 12,3% com amamentação exclusiva, sendo que 59,9% dos neonatos que fizeram parte do desmame apresentam a fenda (LOPEZ, 2020). Essa opção está relacionada aos obstáculos provenientes dos problemas de sucção, escapamentos de leite pelo nariz do lactente, o medo da deficiência de peso, e até mesmo influência familiar e da sociedade (González et al.,2021).

Conforme Garcia et al, (2021) os primeiros instantes de vida são os mais importantes para o desenvolvimento e crescimento apropriado. Sendo assim, com a adoção precoce de medidas adequadas referentes ao aleitamento, é possível alcançar um bom desenvolvimento e ingestão adequada dos nutrientes que só o leite materno oferece (VILLE et al, 2020b).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após estudo realizado conclui-se que o aleitamento materno em recém-nascidos com fissura labiopalatina (FLP) é um desafio que denota atenção, de acordo com dados estatísticos apresentados mostrando a gravidade dessa malformação.

Portanto, é essencial estratégias para a melhor adesão dos neonatos com fenda palatina na amamentação, com intuito de diminuir o desmame precoce e a dificuldade de aleitamento da mãe, e assim, promover o desenvolvimento saudável do lactente. Dessa forma, espera-se que a partir dessa literatura ocorra um avanço na busca por resultados e maneiras de diminuir os impactos referentes a essa deformação congênita.

Assim, superar os desafios impostos pela fissura palatina na amamentação requer um olhar integrativo, que combine ciência, humanização e inovação, garantindo e promovendo saúde materno-infantil.

## 5 REFERÊNCIAS

ADEKUNLE Adegbayi Adeola et al. Breastfeeding Practices Among Mothers of Children With Orofacial Clefts in na African Cohort. **The Cleft Palate-Craniofacial Journal**, v. 57, n. 8, p. 1018-1023, 2020. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1055665620919312>. Acesso em: 28 mar. 2025

BRAGA, Milayde Serra; DA SILVA GONÇALVES, Monique; AUGUSTO, Carolina Rocha. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. **Brazilian journal of development**, v. 6, n. 9, p. 70250-70261, 2020.

Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16985>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia alimentar para crianças Brasileiras menores de 2 anos. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2021. 80 p. Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_crianca\\_brasileira\\_versa\\_o\\_resumida.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_crianca_brasileira_versa_o_resumida.pdf). Acesso em: 28 mar. 2025.

BECKER DE OLIVEIRA, Luiza et al. Breastfeeding and cleft lip and palate: a systematic review and meta-analysis. **The Cleft Palate Craniofacial Journal**, v. 61, n. 8, p. 1344-1355, 2024. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/10556656231170137>. Acesso em : 28 mar. 2025.

BOYCE, Jessica O. et al. Academy of Breastfeeding Medicine. ABM Clinical Protocol nº17: guidelines for breastfeeding infants with cleft lip, cleft palate, or cleft lip and palate-revised 2019. **Breastfeeding Medicine** , v. 14, n. 7, p. 437-444, 2019.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31408356/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

DE SOUSA, Francisco Lucas Leandro et al. Benefits of breastfeeding for women and newborns. **Research, Society and Development**, v.10, n. 2, 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11208>. Acesso em: 28 mar. 2025.

DOS SANTOS, Deborah Tatiane Pinheiro et al. Assistência multiprofissional ao recém-nascido com fissura lábio palatina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 11, p. e17496-e17496, 2024. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/17496>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GÁRATE, Kriss Melani Sanga et al. Tipos de alimentação e presença de hábitos orais deletérios em crianças com fissura labiopalatina: Um estudo piloto. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada** , v. 20, p. e0063, 2020.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pboci/a/FmgXyHxXst7z6vFwYbW9kwK/?lang=en>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GARCIA, S.A.; FALCÃO, J.N.; BEZERRA, M.L.R. A educação continuada como

subsídio para a enfermagem no contexto do parto natural: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo de Enfermagem**, v. 12, p. e8153, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/8153>. Acesso em : 28 mar. 2025.

GONZÁLEZ JARA, M. et al. Breastfeeding and factors associated to feeding in babies with cleft palate. **Journal of Medical and Surgical Sciences**, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uautonoma.cl/entities/publication/ea0b55dc-401d-4086-8125-ac18d4815a98/details>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GONZÁLEZ, Jara M. et al. Caracterización de la alimentación en bebés chilenos con fisura de paladar entre 0 y 6 meses. **Revista de Investigación en Logopedia**, 11(2), 2021. Disponível em: <https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/185703>. Acesso em: 28 mar. 2025

GOTTSCHLICH, Michele M. et al. A retrospective study identifying breast milk feeding disparities in infants with cleft palate. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**, v. 118, n. 11, p. 2154-2161, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2212267218307408>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HOFFMANN, Josiane et al. Perfil epidemiológico de lactantes com fissura labiopalatina: uma perspectiva fonoaudiológica. **Research , Society and Development**, v.11, n. 6, p. e40511629146, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29146>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LOPEZ-BASSOLS, Indira. Enfermagem assistida: estudo de caso de um lactente com fissura labiopalatina unilateral completa. **Journal of Human Lactation** , v. 37, n. 2, p. 419-424, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0890334420964159>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MADHOUN, Lauren L. et al. Breast milk feeding practices and barriers and supports experienced by mother–infant dyads with cleft lip and/or palate. **The Cleft Palate-Craniofacial Journal**, v. 57, n. 4, p. 477-486, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1055665619878972>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MAIA ALRB et al. O lábio leporino: uma revisão de literatura. **Rev. Medicina: Égide do bem-estar populacional**. 2020: 129-140. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/o-labio-leporino-uma-revisao-de-literatura>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MARTINEZ, Ana Flávia et al. Palatoplasty in children: nursing diagnoses and interventions related to the immediate postoperative period. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 5, n. 56, p. e20210252, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/MZLH8kCxxqrCrMjzCymQ8xz/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NABATANZI, Maureen et al. “Mine did not breastfeed”, mothers’ experiences in

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

breastfeeding children aged 0 to 24 months with oral clefts in Uganda. **BMC Pregnancy and Childbirth**, v. 21, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12884-021-03581-3>. Acesso em: 28 mar. 2025.

REZER, Fabiana; MARQUES, Aretuza De Aquino. A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AO RECÉM-NASCIDO COM LÁBIO LEPORINO. **Revista da Saúde da AJES**, v. 9, n. 17, 2023. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/view/597>. Acesso em: 28 mar. 2025.

VILLE, Ana Paula Matzenbacher et al. Os desafios e estratégias para amamentação no recém-nascido com fissura labiopalatina. **Resid Pediatr**, v. 12, n. 1, p. 1-9, 2020a. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/v12n1aop453.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

VILLE, Ana Paula Matzenbacher et al. Os desafios e estratégias para amamentação no recém-nascido com fissura labiopalatina. **Resid Pediatr**, v. 12, n. 1, p. 1-9, 2020b. . Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/v12n1aop453.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

## INTERDISCIPLINARIDADE E NOVAS FRONTEIRAS DA ODONTOLOGIA: AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE ORAL

MACHADO, Alice Rabbi<sup>1</sup>  
CASTEGLIONE, Caio Dias<sup>1</sup>  
ALMEIDA, Isabela Silva<sup>1</sup>  
QUEIROZ, Milleny Oliveira de<sup>1</sup>  
FORTES, Kalicia Evelin Zambrano<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Juliana Costa de<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do curso de Odontologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – [isabelasilvaalmeida2@gmail.com](mailto:isabelasilvaalmeida2@gmail.com); [alicerabbi21@gmail.com](mailto:alicerabbi21@gmail.com); [Kaliciaevelin4@gmail.com](mailto:Kaliciaevelin4@gmail.com); [millenyqueiroz07@icloud.com](mailto:millenyqueiroz07@icloud.com); [caio.casteglione@gmail.com](mailto:caio.casteglione@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora (USP). Docente do Curso de Odontologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – [juliana\\_costa@alumni.usp.br](mailto:juliana_costa@alumni.usp.br)

### 1 INTRODUÇÃO

As ciências odontológicas, assim como as mais diversas áreas da biomedicina, evoluem e expandem seus horizontes junto com os avanços científicos da humanidade (Rodrigues *et al*, 2021). Compreender sua natureza dinâmica e expansiva é um quesito fundamental para o profissional da área, cada vez mais inserido como um dos principais pilares no contexto do conceito amplo de saúde, principalmente durante o advento das doenças crônicas não transmissíveis (Meneses *et al*, 2024). Assim, o odontólogo deve conhecer essas amplas áreas e entender a necessidade de se aliar com médicos, psicólogos e fisioterapeutas objetivando o aperfeiçoamento das terapias e tratamentos, promovendo satisfação e saúde aos seus pacientes (Silva & Canto, 2014).

A metodologia tradicional de ensino em saúde incentivou por décadas a aplicação fragmentada dos saberes curriculares em disciplinas independentes, levando a uma desconexão entre os temas (Oliveira & Boldrin, 2023). Como resultado, a odontologia foi vista como, durante muito tempo, uma ciência voltada apenas para o cuidado centrado na boca, sem compreensão do indivíduo como ser biopsicossocial e a relação do sistema estomatognático ((Rodrigues *et al*, 2021; Silva & Canto, 2014).

Nesse ínterim, o objetivo deste trabalho foi explorar, por meio de revisão de literatura, as interfaces entre a odontologia e outras áreas da saúde, identificando as contribuições da prática interdisciplinar e das novas fronteiras de atuação

odontológica para a integralidade do cuidado em diferentes fases do ciclo de vida.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Este trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada entre setembro e outubro de 2024, que buscou sintetizar as evidências sobre interdisciplinaridade e novas fronteiras de atuação na Odontologia. A busca por artigos foi conduzida nas bases SciELO, PubMed, LILACS e Google Acadêmico, utilizando combinações dos descritores: "interdisciplinaridade", "odontologia hospitalar", "odontologia do sono", "odontologia forense" e "equipe multiprofissional". Foram incluídos artigos científicos completos publicados entre 2014 e 2024, nos idiomas português e inglês, que abordavam a interface da Odontologia com outras áreas da saúde. Os estudos selecionados foram organizados e analisados de forma descritiva, permitindo a identificação e discussão das principais áreas de atuação interdisciplinar emergentes na prática odontológica contemporânea.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

### **Relações entre saúde bucal e saúde sistêmica**

A qualidade de vida dos pacientes está interligada à saúde oral e vice-versa, uma vez que os tratamentos sistêmicos podem reduzir a qualidade da saúde oral, além de os enfermos geralmente se encontrarem em situações bucais precárias, devido à negligência e falta de orientação em relação à higiene oral. Assim acontece o aumento de patógenos orais durante o tratamento, como o caso de algumas doenças cardíacas e respiratórias estarem correlacionadas com patógenos bucais (Meneses *et al*, 2024).

Desse modo, é indispensável a inclusão do cirurgião-dentista à equipe multidisciplinar e a percepção do mesmo como indispensável na realização de atividades preventivas, educativas e curativas, no intuito de integração no contexto da promoção de saúde bucal e prognóstico do quadro clínico geral de pacientes

### **Novas áreas de atuação da odontologia**

#### **Odontologia hospitalar**

O objetivo da Odontologia Hospitalar é prevenir, cuidar e tratar pacientes que se encontram debilitados, por meio do planejamento e da execução de procedimentos

de baixa, média e alta complexidade, com o intuito de reduzir o tempo de internação e promover uma recuperação mais eficaz. Assim, evidencia-se a importância de uma equipe multiprofissional integrada para garantir um atendimento completo e de qualidade. (Melo e Júnior, 2022).

A dificuldade na realização da higienização bucal em pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) favorece o surgimento de diversas alterações orais. Em pacientes intubados, esse processo torna-se ainda mais complexo, exigindo cuidados específicos e a atuação de profissionais devidamente capacitados. A xerostomia e a redução da autolimpeza natural, frequentemente associadas ao uso de medicamentos e à ausência de estímulo mastigatório, contribuem para o acúmulo de fungos e bactérias na cavidade oral, aumentando o risco de disseminação sistêmica e comprometimento de órgãos vitais (Mauri *et al.*, 2021). Em casos mais graves, o paciente pode evoluir para endocardite bacteriana, condição resultante da entrada de microorganismos na corrente sanguínea e de sua fixação nas estruturas do endocárdio, apresentando elevado risco de mortalidade (Miléo, 2019).

Assim, a atuação do cirurgião-dentista na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é de extrema importância, pois, por meio de suas ações e avaliações, é possível reduzir a proliferação de fungos e bactérias, prevenindo o agravamento de doenças e contribuindo para a estabilidade da condição sistêmica do paciente. Dessa forma, promove-se a melhora da qualidade de vida e a redução do tempo de internação hospitalar. (Tenório *et al.*, 2021)

### **Odontologia do sono**

Os estudos analisados reforçam a importância do diagnóstico interdisciplinar dos distúrbios do sono relacionados ao sistema estomatognático. A pesquisa de Ferraz *et al.* (2015) evidencia que a polissonografia (PSG), mesmo sem monitoramento audiovisual, mantém boa confiabilidade na identificação de episódios de bruxismo do sono (BS), o que valida seu uso na rotina clínica e em contextos de pesquisa. Essa padronização é fundamental para reduzir divergências entre examinadores e aprimorar a precisão dos diagnósticos.

Já a revisão sistemática de Crosara *et al.* (2021a) demonstra que há uma possível correlação entre o bruxismo do sono e a síndrome da apneia obstrutiva do sono (SAOS). Apesar de os mecanismos fisiopatológicos dessa relação ainda não

estarem totalmente esclarecidos, acredita-se que microdespertares e alterações na ventilação durante o sono possam desencadear episódios de atividade muscular mastigatória. Isso sugere que o bruxismo pode ser uma resposta protetora do organismo diante de eventos de obstrução das vias aéreas, o que reforça a necessidade de avaliação integrada entre cirurgiões-dentistas e médicos do sono. Por outro lado, o estudo de Crosara et al. (2021b) amplia a perspectiva terapêutica ao demonstrar que o exercício físico regular é capaz de reduzir a sonolência diurna excessiva (SED) e melhorar parâmetros inflamatórios em pacientes com SAOS. Esses achados apontam que o tratamento dos distúrbios do sono deve ir além do uso de dispositivos intraorais e do CPAP, incorporando abordagens não farmacológicas que promovam benefícios sistêmicos e comportamentais.

### **Odontologia forense**

A Odontologia Forense é uma especialidade que objetiva investigar os processos de natureza física, química e biológica que podem ter causado danos a um indivíduo, auxiliando na identificação de indivíduos mortos (Trevisol *et al.*, 2021). Ademais, esse ramo também participa da investigação em casos de violência física, abuso infantil e crimes sexuais, por exemplo, fazendo uso da análise de marcas dentárias deixadas na pele ou em objetos, auxiliando na identificação de agressores (Queiroz *et al.*, 2025). Quando o reconhecimento de cadáveres humanos pela aparência facial não é possível, devido à decomposição *post mortem* ou aos danos faciais, a papiloscopia (se as impressões digitais estiverem viáveis) é utilizada, bem como a análise da arcada dentária, a análise craniométrica, a comparação de rugosidades palatinas e próteses dentárias e as técnicas moleculares (em situações de extremo comprometimento corporal) (Trevisol *et al.*, 2021).

### **Cuidados paliativos e terceira idade**

A odontologia desempenha um papel fundamental ao público da terceira idade, contribuindo para um atendimento direcionado aos cuidados paliativos que devem ser empregados a essa parcela da população que enfrenta com maior frequência problemas bucais como xerostomia, infecções oportunistas, lesões traumáticas por próteses mal adaptadas e dificuldades de mastigação.

Os cuidados paliativos tem o intuito de promover qualidade de vida nos

aspectos físicos, psicológicos, sociais, além de levar o conforto e funcionalidade oral ao paciente, sendo assim faz-se necessário uma atuação multiprofissional com psicólogos, médicos, fisioterapeutas, nutricionista entre outros a fim de contribuir para um envelhecimento saudável (MONTEIRO, 2025).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agir interdisciplinar é ilimitado e abrangente, sendo a saúde apenas uma das áreas em que sua prática é evidenciada, porém, independentemente do campo em que a interdisciplinaridade é praticada, seu conceito permanece intransigente, excluindo fragmentações e agregando métodos. Tal conceito não se renova, mas traz renovação e inclusão de novas conversações entre as ciências, sem supremacias.

Sendo assim, o dentista que atua nas diversas áreas precisa reconhecer a coexistência de especialidades odontológicas, distúrbios associados e compreender seus mecanismos comuns, para considerar estratégias terapêuticas combinadas — o que potencializa os resultados clínicos e melhora a qualidade de vida dos pacientes.

#### 5 REFERÊNCIAS

CROSARA, T. et al. Does physical exercise reduce excessive daytime sleepiness by improving inflammatory profiles in obstructive sleep apnea patients? 2021b.

FERRAZ, O. et al. Assessment of interobserver concordance in polysomnography scoring of sleep bruxism. *Sleep Science*, v. 8, p. 121–123, 2015.

MAURI, Ana Paula, et al. A importância do cirurgião dentista no ambiente hospitalar para o paciente internado em Unidade de Terapia Intensiva. uma revisão bibliográfica. *E-Acadêmica*, v.2, n. 3, e 102342,2021.

MELO, Lara Serapião; JÚNIOR, Rafael de Aguiar Vilela. A importância da odontologia hospitalar em unidade de terapia intensiva. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 10, p. e11215-e11215,2022.

MENESES, G. S. et al. Saúde bucal de pacientes internados e a importância do cirurgião dentista em ambiente hospitalar. *RGO, Revista Gaúcha de Odontologia*, v. 72, e20240025, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-86372024002520230120>. Acesso em: 15 out. 2025.

MILÉO, Fernanda Couto. Avaliação da alteração da microbiota bucal de pacientes internados em unidade de terapia intensiva. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/3053/1/Fernanda%20Couto%20Mileo.pdf>. Acesso em 10 de out. de 2025.

MONTEIRO, Rebeca Mendes et al. Geriatria e cuidados paliativos: prática clínica humanizada no envelhecimento–revisão de literatura. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 5, p. e14915-e14915, 2025.

OLIVEIRA, Ivone Emilia de; BOLDRIN, Priscilla Zuzzi. O modelo curricular do curso de graduação em odontologia da Faculdade de Odontologia de Piracicaba – UNICAMP. *Anais do ConPUEsp*, Campinas, v. 2, p. e023027, 2023. DOI: 10.20396/conpuesp.2.2023.5184. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/eventos/index.php/conpuesp/article/view/5184>. Acesso em: 15 out. 2025.

QUEIROZ, Amanda Victória Rodrigues Pontes et al. PAPEL DA ODONTOLOGIA FORENSE E ANTROPOLOGIA NA IDENTIFICAÇÃO HUMANA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 5, p. 3565-3575, 2025.

RUAS, Hérika Maria Silveira et al. Predictors of probable sarcopenia and sarcopenia in older adults under outpatient geriatric care. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 19, p. 1-11, 2025.

RODRIGUES, Mylena Fernandes; BAZAN, Monique Fioravante Sansão. A importância da interdisciplinaridade entre a odontologia e. In: CONGRESSO DA SAÚDE, 7., 2021, Dourados. Anais [...]. Dourados: Centro Universitário da Grande Dourados, 2021. p. 258.

TENÓRIO, Luiz Matheus Ferro et al. A importância do Cirurgião-Dentista na Unidade de Terapia Intensiva/The importance of the Dental Surgeon in the Intensive Care Unit. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 23771-23776, 2021.

TREVISOL, Sara et al. Odontologia Forense: sua importância e meios de identificação post mortem. **Revista Brasileira de Criminalística**, v. 10, n. 1, p. 11-21, 2021.

## PERFIL DA CONDIÇÃO ORAL E PRESENÇA DE FOCOS DE INFECÇÃO EM PACIENTES IMUNOCOMPROMETIDOS INTERNADOS EM HOSPITAL PRIVADO: UM ESTUDO RETROSPECTIVO

BUQUERONI, Robert Gomes<sup>1</sup>  
FERREIRA, Karla Daniella Malta<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Odontologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – buqeronigrobert@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutoranda em Clínica Médica pela UFRJ. Docente do Curso de Odontologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – drakarlamalta@icloud.com

### 1 INTRODUÇÃO

Pacientes hospitalizados tendem a negligenciar os cuidados locais e de higiene oral, havendo uma maior propensão no desenvolvimento de doenças gengivais e periodontais, implicando assim na saúde geral do paciente, no aumento de infecções e no tempo de internação. Esses pacientes podem ser submetidos a internações nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e internações prolongadas na enfermaria, onde permanecem por vários dias acamados, em uso de antibioticoterapia de largo espectro, em cuidados intensivos e sob uso de ventilação mecânica, por exemplo (SANTOS et. al., 2016).

As infecções mais recorrentes no meio hospitalar são aquelas que acometem o sistema respiratório, oriundas de bactérias presentes na cavidade oral, contribuindo diretamente com o aumento das taxas de morbidade e mortalidade, somado ao aumento nos gastos hospitalares por prolongamento de internação (TEJO, ANDRADE, FERREIRA, 2021). A higiene oral deficiente, com a presença de focos de infecção ativos, placa bacteriana e doenças gengivais afetam diretamente a condição sistêmica dos indivíduos, principalmente aqueles imunocomprometidos, aumentando as chances de bacteremia e sepses. Dentro das infecções nosocomiais destaca-se a Pneumonia Associada à Ventilação Mecânica (PAVM), que é responsável por alta taxa de mortalidade em pacientes críticos.

A cavidade oral é uma grande colônia de microrganismos (EDUARDO, BEZINELLI, CORRÊA, 2019) e a necessidade de ações de cuidado em saúde oral é de grande valia para a manutenção da melhora clínica dos pacientes hospitalizados.

Os cuidados locais e de higiene oral por parte dos cuidadores, familiares e da equipe de enfermagem é fundamental para o controle de placa bacteriana, através da higiene oral periódica, uma vez que grande parte dos pacientes dependem de cuidados de terceiros, devido a condição de saúde atual e aos fatores cognitivos e motores (FROTA et. al. 2016; MEIRA et. al. 2018). A presença de focos de infecção também é um achado recorrente, que acarreta diretamente a condição sistêmica do paciente imunossuprimido, porém por vezes a intervenção cirúrgica não se torna possível devido a condição clínica instável e aos efeitos adversos do processo da anestesia geral, sendo contraindicado pelo médico anestesista (MIRANDA et al. 2018).

O desconhecimento familiar e dos acompanhantes é caracterizado como um fator dificultador diante das tomadas de decisões em âmbito hospitalar quanto trata-se de abordagem cirúrgica odontológica, com isso, a liberação da família para os procedimentos invasivos por vezes não é realizada devido a esse fator limitante. Diante desse cenário, intervenções precoces e consultas eletivas odontológicas se fazem de suma relevância a fim de evitar infecções orais e respiratórias, odontalgias e internações frequentes.

Apesar da crescente atuação da Odontologia Hospitalar, ainda há escassez de estudos quantitativos que relacionem higiene oral e presença de foco infeccioso em pacientes internados, portanto o presente estudo tem como objetivo levantar o perfil epidemiológico dos pacientes internados em longa permanência (mais de 10 dias) e na UTI no Hospital Unimed Sul Capixaba – Espírito Santo/Brasil dentro de um período de 24 meses

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo foi submetido a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Unimed Sul Capixaba, Cachoeiro de Itapemirim – Brasil, e aprovado no dia 21 de março de 2025 pelo CAAE: 84079424.8.0000.5061.

A amostra foi constituída de prontuários de pacientes atendidos pela equipe de Odontologia Hospitalar durante o período de internação no Hospital Unimed Sul Capixaba – Espírito Santo/ES nos setores da UTI, Semi-Intensiva, Unidade Coronariana e Neurológica (UCON) e Longa Permanência, entre 01 de janeiro de 2023 e 31 de dezembro de 2024, os quais foram identificados por números e/ou siglas,

sem exposição de nome ou imagens.

Foram incluídos no estudo pacientes que atenderam os seguintes critérios: avaliação odontológica durante a rotina hospitalar nos setores citados; acompanhamento pela equipe de Odontologia durante a internação; idade igual ou superior a 18 anos; e prontuários com dados completos e adequados.

De cada prontuário, foram extraídos os seguintes dados: sexo; idade; setor de internação no momento do atendimento odontológico; motivo da internação; medicamentos de uso regular; alergias; história patológica pregressa; presença de foco de infecção na cavidade oral; presença de candidíase oral; conduta frente ao foco de infecção (remoção hospitalar ou encaminhamento ambulatorial); classificação da higiene oral (Boa, Regular, Ruim ou Péssima); data do atendimento odontológico; data de alta ou óbito; Data(s) de eventual(is) reinternações.

Os dados coletados foram organizados e analisados de forma descritiva, considerando variáveis demográficas e clínicas. Avaliou-se o panorama de higiene oral (Boa, Regular, Ruim e Péssima) dos pacientes internados e a presença de focos de infecção na cavidade oral, relacionando-os com fatores como idade, sexo, tipo de dentição, dependência ou não de terceiros para cuidados locais e índice de higiene.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre janeiro de 2023 a dezembro de 2024, a equipe de Odontologia Hospitalar do Hospital Unimed Sul Capixaba realizou 4239 atendimentos, correspondentes a 1042 pacientes distintos. Dentre estes, 9 eram menores de idade e, portanto, foram excluídos da análise. Assim, a amostra final compreendeu 1033 pacientes e 4203 atendimentos.

A distribuição por sexo foi de 50,82% homens (n=525) e 49,18% mulheres (n=508). A idade variou entre 18 e 105 anos, com média de 68,66 anos. Quanto ao setor de internação, 210 pacientes (20,3%) estavam internados na UTI; 364 (35,3%) na UCON; 93 (9%) na Semi-intensiva e 366 (35,4%) na longa permanência.

Na primeira avaliação odontológica, observou-se que 48,6% apresentavam uma higiene oral classificada como "regular". Somando-se os casos de higiene "ruim" (17,5%) e "péssima" (1,8%), verificou-se que 67,9% da amostra apresentava uma higiene oral insatisfatória (Gráfico 1).

Entre os 1033 pacientes avaliados, 174 apresentaram focos de infecção oral já

no primeiro exame. Ao cruzar essa variável com o perfil de higiene, nota-se uma tendência direta entre pior higiene oral e maior prevalência de focos infecciosos (Gráfico 2). Embora a categoria "regular" tenha apresentado maior número absoluto de pacientes com foco de infecção (n=78), a prevalência de focos infecciosos em pacientes com higiene "péssima" (42,1%) foi seis vezes maior que naqueles com higiene "boa" (7,0%). Já aos 181 pacientes categorizados como higiene oral 'ruim', 65 possuíam foco de infecção, representando 35,9%.

Esses achados corroboram com a literatura, que aponta a higiene oral como fator de risco importante para o desenvolvimento e manutenção dos focos infecciosos, especialmente em pacientes hospitalizados e/ou imunocomprometidos. A presença de biofilme e microrganismos patogênicos na cavidade oral pode atuar como fonte de bacteremias transitórias, sepse e infecções nosocomiais, como a PAVM e a pneumonia broncoaspirativa.

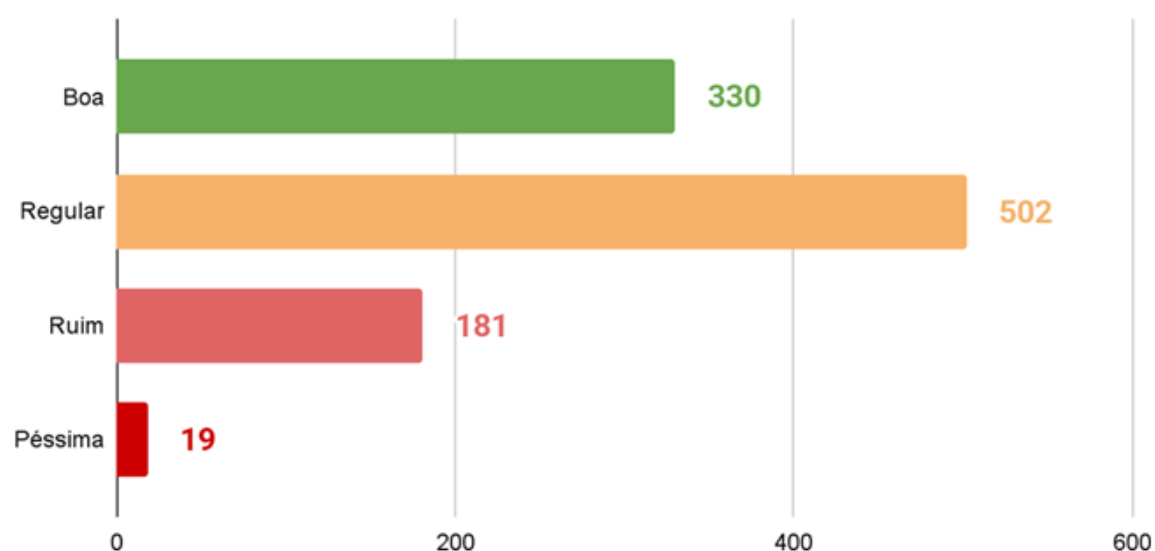
A análise dos dados acumulados dos 4203 atendimentos reforçou o mesmo padrão: 1322 (31,5%) atendimentos com higiene "boa", 2094 (49,8%) "regular", 698 (16,6%) "ruim" e 89 (2,1%) "péssima". Entre os pacientes que apresentaram foco de infecção em algum momento da internação, os números totais foram: 167 com higiene "boa", 404 "regular", 271 "ruim" e 42 "péssima".

Outro aspecto analisado foi a relação entre o tipo de dentição e o perfil de higiene oral. Dos 1.033 pacientes, 53,6% eram dentados parciais, 26,3% edêntulos (26,3%) e 20% dentados totais. Entre os dentados parciais, 47,8% apresentaram higiene regular e 23,7% ruim ou péssima, sugerindo maior acúmulo de biofilme e dificuldade de higienização. Os dentados totais mostraram o melhor desempenho, com 43,5% de higiene boa e apenas 7,2% ruim ou péssima, sugerindo melhor autonomia funcional e cognitiva. Os resultados evidenciam que pacientes com dentição parcial e higiene oral comprometida demandam maior atenção da equipe de Odontologia Hospitalar, tanto na realização de intervenções diretas quanto em ações educativas e preventivas. O papel da odontologia hospitalar se mostra, portanto, fundamental para a manutenção da saúde sistêmica e a redução de riscos infecciosos durante a internação.

Já entre os edêntulos, observou-se alta prevalência de higiene oral insatisfatória (70,6%), possivelmente relacionada à higienização inadequada de próteses e mucosas (Tabela 1). Este achado reforça que, mesmo na ausência de

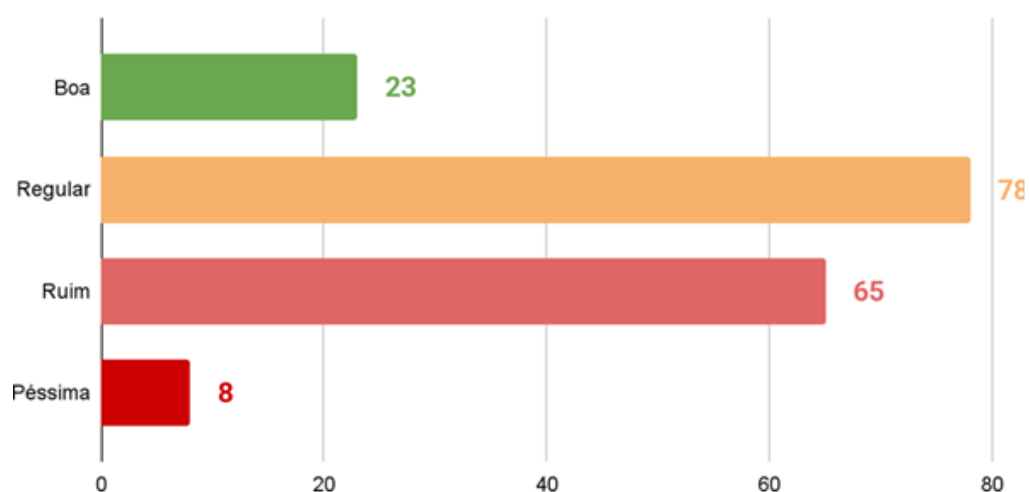
dentos, a manutenção da higiene oral é essencial para prevenção de infecções oportunistas e complicações sistêmicas.

**Gráfico 1** – Classificação da higiene oral na primeira avaliação odontológica (n=1033)



Fonte: O Autor (2025).

**Gráfico 2** – Relação entre a higiene oral e a presença de focos de infecção na primeira avaliação (n=174)



Fonte: O Autor (2025).

**Tabela 1** – Relação Entre Perfil De Higiene Oral e Dentição Na Primeira Avaliação

<b>Categoria</b>	<b>BOA</b>	<b>Regular</b>	<b>Ruim</b>	<b>PÉSSIMA</b>
Dentado Parcial	158	265	116	15
Edêntulo	82	136	52	2
Dentado Total	90	102	13	2

Fonte: O Autor (2025).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo conclui que há uma relação direta entre a higiene oral deficiente e a presença de focos de infecção em pacientes hospitalizados. A constatação de que a presença de foco infecção foi seis vezes maior em pacientes com higiene oral "péssima" em comparação com aqueles com higiene "boa" coloca a cavidade oral como um fator de risco para complicações sistêmicas, principalmente em pacientes imunocomprometidos. Além disso, pacientes com a dentição completa apresentaram maiores capacidade de manutenção da sua higiene oral, em contrapartida, aqueles que possuíam uma dentição parcial apresentaram dificuldades em manter o nível de placa bacterianas em níveis aceitáveis, já que a superfície dentária age como uma superfície de retenção extra em cavidade oral, sobretudo naqueles com dificuldades na manutenção de sua própria higiene. Diante disso, fica evidente o papel indispensável da equipe de Odontologia Hospitalar na avaliação precoce e no controle das infecções, atuando ativamente para a segurança do paciente e a redução de complicações. Os achados reforçam a necessidade de mais estudos na área e da valorização do cirurgião-dentista no ambiente hospitalar, consolidando a odontologia como um componente essencial no cuidado multidisciplinar ao paciente crítico.

#### 5 REFERÊNCIAS

SANTOS, Alice Veras; SILVA, Márcia Renata Pereira da; CARVALHO, Marcelo de Moura; CARVALHO, Lorena Rocha Batista; MOURA, Maria Eliete Batista; LANDIM, Camila Aparecida Pinheiro. Perfil das infecções hospitalares nas Unidades de Terapia Intensiva de um hospital de urgência UFPE, 2016. Disponível em: 10.5205/reuol.7901-80479-1-SP.1001sup201601. Acesso em 10 de mar. 2024.

TEJO, Nathalya Pontes; ANDRADE, Kauana da Silva; FERREIRA, Artemisa Fernanda Moura. Condição oral de pacientes imunocomprometidos internados em Unidade de Terapia Intensiva. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21270/archi.v10i4.5186>. Acesso em 10 de mar. 2024.

EDUARDO, Fernanda de Paula; BEZINELLI, Letícia Melo; CORRÊA, Luciana. Odontologia hospitalar. São Paulo: Editora Manole, 2019. E-book. ISBN 9788520457399. Acesso em: 10 mar. 2024.

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

FROTA, Bruna Marjorie Dias; HOLANDA, Sarah Nascimento; SOUSA, Fabrício Bitú; ALVES, Ana Paula Negreiros Nunes. Avaliação das condições bucais em pacientes com doenças neurodegenerativas atendidos em centros geriátricos. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-863720160001000022854>.

MEIRA, Ingrid Andrade; MARTINS, Mariana Leonel; MACIEL, PAMELLA PEREIRA; CAVALCANTI, Yuri Wanderley; ARAÚJO, Túlio Pessoa de; PIAGGE, Carmem Silvia Laureano. Multidisciplinaridade no cuidado e atenção à saúde bucal do idoso. 2018; 27(1):39-45. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0897v27n1a3949>

MIRANDA, Alexandre Franco; COSTA, Christina Rosa; FRANCO, Eric Jacomino; ALVES, Vicente Paulo; MONTENEGRO, Fernando Luiz Brunetti. Diretrizes e desafios no atendimento odontológico de pacientes com Alzheimer em estágio avançado. Rev Med Saude Brasilia 2018 7(2):285-295.

CASTRO, Ana Paula de Freitas; PEREIRA, Camila Santos; SANTOS, Mychelle Percília Souza; ALVES, Vivian Alkmim; NOBRE, Maria Cleonice de Oliveira; BONFIM, Maria de Lourdes Carvalho. Abordagem odontológica em pacientes idosos portadores da doença de Parkinson. 2021.

## TENSÕES NORMAIS E CISALHAMENTO

MATAVELLI, Livia Orlandi<sup>1</sup>  
SANTANNA, Milena Alves<sup>1</sup>  
SOPELETTO, Leone Leal<sup>1</sup>  
SILVA, Fernanda Souza<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Engenharia da Produção da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – liviamatavelli3@icloud.com; milenaalves7820@gmail.com; leoneleal279@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Doutora em Engenharia e Ciências dos Materiais. Docente do Curso de Engenharia da Produção da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – fernandasilva2@professor.multivix.edu.br

### 1 INTRODUÇÃO

A resistência dos materiais estuda o comportamento e a capacidade que cada material possui de resistir a exposição a uma determinada força ou carregamento.

Adquirimos os estudos do ramo da mecânica, onde é analisada a reação dos corpos através de forças externas, observando então as capacidades de resistências e comportamentos. Quando as forças atuam sobre o corpo, podem ocorrer rompimentos ou ele pode ser acometido por deformações. Assim, a segurança na projeção de estruturas e máquina se tornam mais eficientes.

Esse trabalho tem como objetivo o aprofundamento dos temas: Tensões Normais e Cisalhamento, a fim de aperfeiçoar os conhecimentos sobre os mesmos, obtidos em sala de aula.

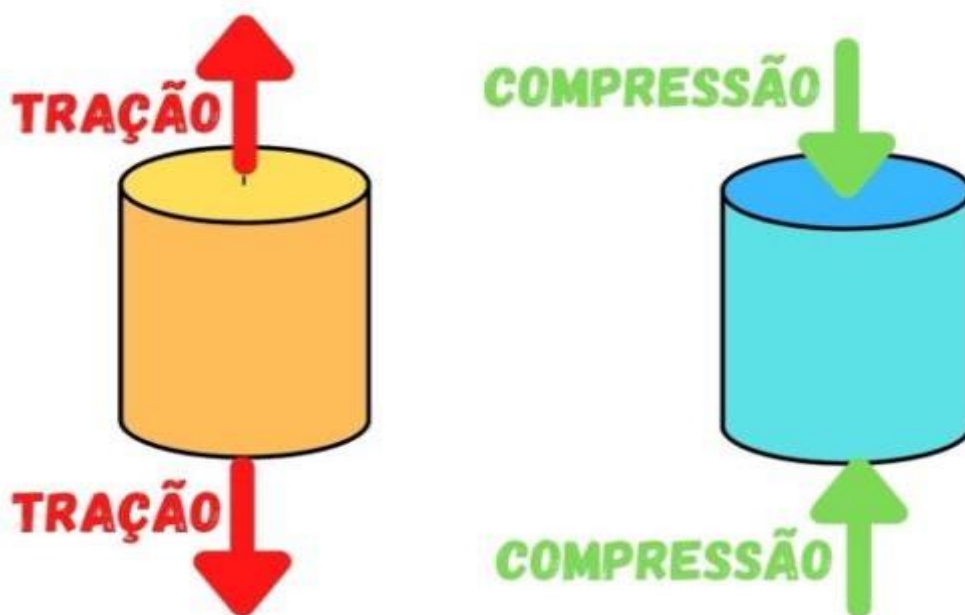
### 2 MATERIAL E MÉTODOS

#### Tensão Normal

Na tensão normal analisa-se a força aplicada perpendicularmente à área, ou seja, a força que atua sobre uma superfície em determinado ponto. Nesse caso, o material pode sofrer alongamento (tração) ou encurtamento (compressão).

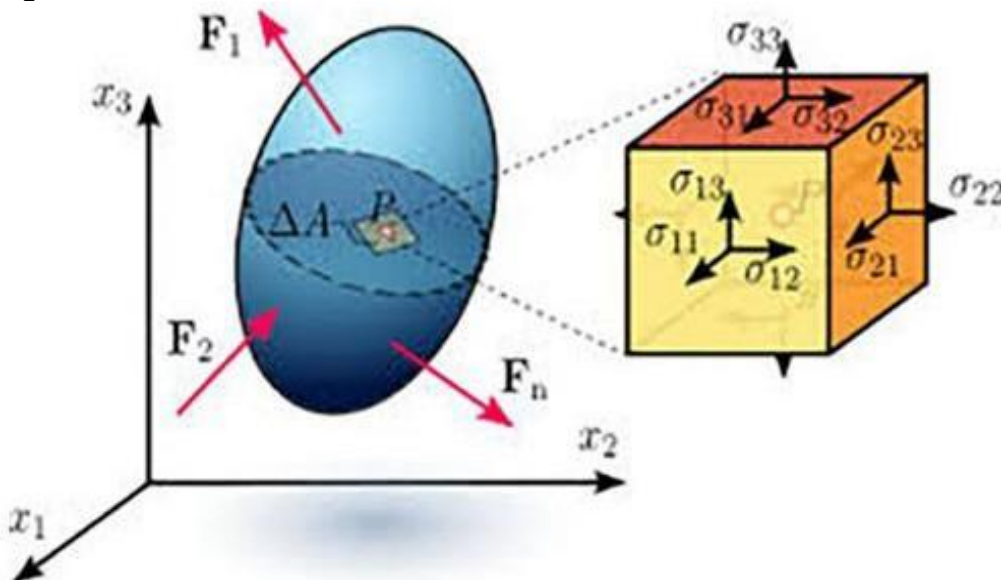
O comportamento do material frente à tensão normal é estudado por meio do ensaio de tração, no qual uma amostra é submetida a forças crescentes até a ruptura. Esse ensaio fornece informações como limite de resistência, módulo de elasticidade e ductilidade.

Figura 1 – Tensão Normal



Fonte: Info Escola (2022).

Figura 2 – Tensão Normal



Fonte: Wikipedia (2024).

Fórmula para cálculo da Tensão Normal:

$$\sigma = \frac{F}{A}$$

$\sigma$  = Tensão normal (Pa)

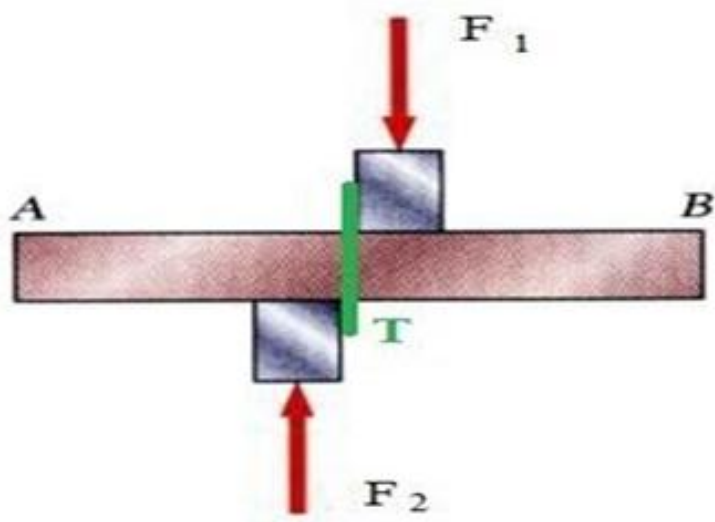
$F$  = Força (N)

$A$  = Área da superfície (m<sup>2</sup>)

### Tensão de Cisalhamento

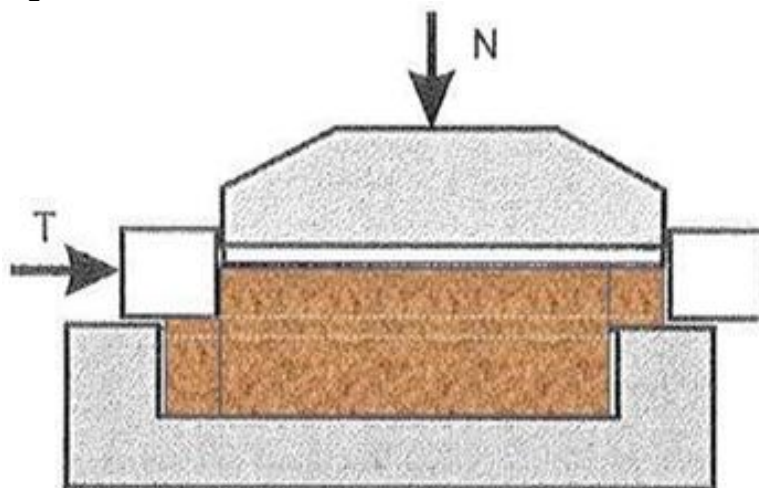
Já na tensão de cisalhamento, observa-se a força paralela à área, que provoca a deformação do material por deslizamento entre suas camadas. Esse tipo de tensão é especialmente importante em situações de corte e torção.

Figura 3 – Tensão de Cisalhamento



Fonte: Efeito Joule (2013).

Figura 4 – O Ensaio de Cisalhamento Direto



Fonte: Além da Inércia (2019).

Fórmula para cálculo da Tensão de Cisalhamento:

$$\tau = \frac{V}{A}$$

$\tau$ : Tensão de cisalhamento (Pa)

$V$ : Força cortante (N)

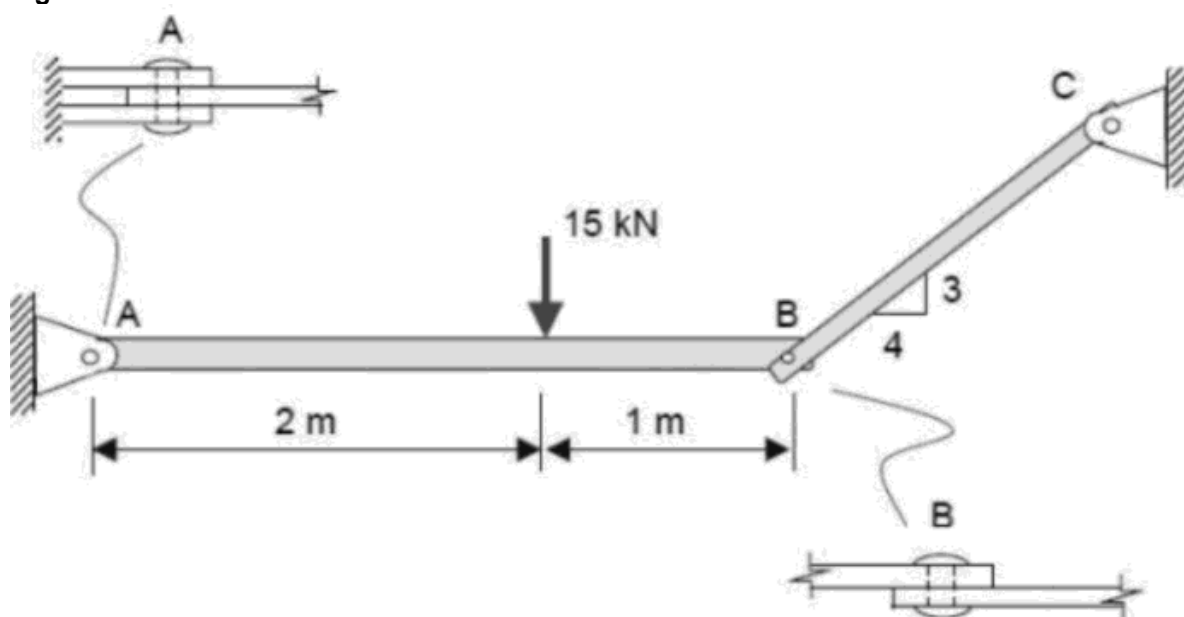
$A$ : Área da seção transversal (m<sup>2</sup>)

### Tensão de Cisalhamento Duplo

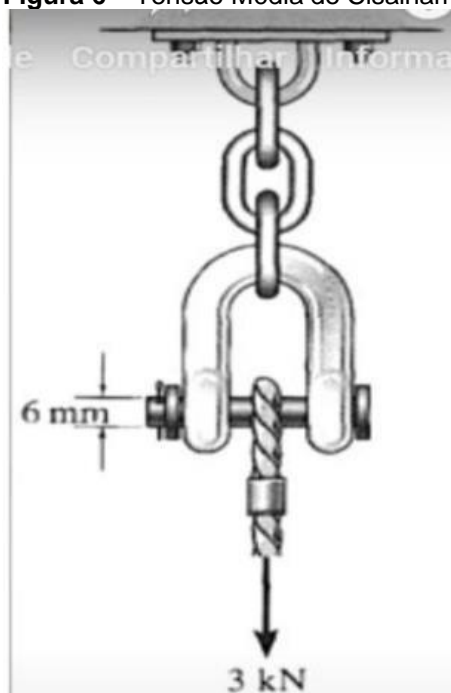
A tensão de cisalhamento duplo, também chamada de tensão de cisalhamento de Mohr, é um conceito da mecânica dos materiais usados para descrever o estado de tensão em um corpo que sofre forças de cisalhamento em duas direções diferentes ao mesmo tempo.

Quando um corpo está sujeito a cisalhamento simples, a deformação ocorre apenas em uma direção. Porém, em algumas situações, ele pode ser carregado de forma que haja cisalhamento simultâneo em duas direções distintas. Nesses casos, é necessário considerar o cisalhamento duplo.

Figura 5 – Tensões Cisalhantes



Fonte: Slide RESMAT Aula 01/09 (2025).

**Figura 6 – Tensão Média de Cisalhamento**

Fonte: Slide RESMAT Aula 01/09 (2025).

Fórmula Tensão de Cisalhamento Duplo:

$$\tau = \frac{V}{2A}$$

$\tau$ : Tensão de cisalhamento (Pa)

$V$ : Força cortante (N)

$A$ : Área da seção transversal (m<sup>2</sup>)

### 3 DISCUSSÃO

A análise das tensões normais e de cisalhamento constitui um dos fundamentos da Mecânica dos Materiais. Diversos estudos destacam que o comportamento dos materiais frente a esforços externos depende não apenas de sua composição, mas também da forma como a carga é aplicada.

No caso da tensão normal, resultante da aplicação de uma força perpendicular à superfície, verifica-se que os corpos podem estar sujeitos a dois estados principais: tração e compressão. Materiais frágeis como o concreto apresentam melhor desempenho sob compressão, enquanto metais dúcteis, como o aço, suportam

grandes deformações antes da ruptura em tração. Esse comportamento ressalta a importância de compreender a relação entre forças normais e cisalhantes na previsão do desempenho estrutural.

Já a tensão de cisalhamento ocorre quando forças paralelas agem sobre o material, provocando deslizamento entre suas camadas. Essa condição é bastante comum em conexões estruturais, como parafusos e rebites, que frequentemente são dimensionados com base na resistência ao cisalhamento. O ensaio de cisalhamento é um dos métodos mais empregados na caracterização mecânica, pois permite avaliar a resistência do material em diferentes condições de aplicação.

Além disso, estudos mais recentes buscam compreender o comportamento de adesivos e juntas coladas sob esforços cortantes. O ensaio de cisalhamento duplo é essencial para verificar a confiabilidade de adesivos estruturais. De modo semelhante, escolha do adesivo e o tipo de carregamento influenciam significativamente o desempenho de juntas coladas.

Métodos de caracterização mecânica de adesivos estruturais vêm sendo amplamente estudados para aplicação em setores como o automotivo e a construção civil.

Por fim, Ribeiro Neto (2022) relaciona os avanços na área da resistência dos materiais ao desenvolvimento sustentável, destacando que a escolha adequada de materiais e métodos de caracterização contribui para maior eficiência e segurança em projetos de engenharia. Assim, compreender os diferentes estados de tensões é fundamental para que engenheiros possam dimensionar corretamente componentes, prevenindo falhas estruturais e garantindo a eficiência dos projetos.

A tensão normal pode ser calculada pela relação entre a força aplicada e a área da seção transversal ( $\sigma = F/A$ ), sendo determinante no dimensionamento de pilares, cabos e vigas. Materiais com alta resistência à tração, como ligas metálicas, são preferidos em projetos que demandam alongamento antes da ruptura.

No caso da tensão de cisalhamento, a fórmula ( $\tau = V/A$ ) evidencia a importância da área de contato para reduzir os efeitos do esforço cortante. Estruturas de madeira, por exemplo, apresentam maior vulnerabilidade ao cisalhamento em comparação ao aço, justificando diferentes escolhas de materiais conforme a aplicação. O ensaio de cisalhamento direto, mostra-se essencial para a caracterização confiável desse tipo de solicitação.

Situações de cisalhamento duplo aumentam a complexidade de análise, pois as tensões se distribuem em múltiplas direções. Isso demanda considerar a teoria de Mohr para avaliação do estado de tensões, garantindo que o projeto não ultrapasse os limites de resistência.

Os resultados teóricos obtidos neste estudo reforçam a importância dos ensaios experimentais, como tração e cisalhamento, para a obtenção de parâmetros confiáveis de resistência. Além disso, fica evidente que a compreensão da interação entre forças normais e cisalhantes permite ao engenheiro adotar soluções mais seguras e econômicas em projetos de engenharia civil, mecânica e de materiais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das tensões normais e de cisalhamento é fundamental na engenharia. Esses tipos de tensões aparecem em diversas aplicações do dia a dia, desde obras civis até componentes tecnológicos avançados. O entendimento desses conceitos possibilita a escolha adequada de materiais, o dimensionamento correto de peças e a prevenção de falhas. Portanto, dominar a teoria da resistência dos materiais é essencial para garantir a segurança e a eficiência de qualquer projeto.

#### REFERÊNCIAS

BEER, Ferdinand P.; JOHNSTON, E. Russell. **Resistência dos Materiais**. 7. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2015.

BIOPDI. **Ensaio de Cisalhamento: Uma Abordagem Detalhada sobre Métodos e Aplicações**. 2023. Disponível em: <<https://biopdi.com.br/artigos/ensaio-de-cisalhamento/>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CALLISTER, William D. **Ciência e Engenharia de Materiais: Uma Introdução**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

FERNANDES, Ediney. **Aula 2. Slideshare**, 2016. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/EdineyFernandes1/aula2-68130911>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FERREIRA, R. A.; REIS, P. N. B. **Ensaio de cisalhamento duplo em adesivos estruturais**: uma revisão. Revista Matéria, v. 23, n. 4, p. e12299, 2018.

GERÊ, James M.; GOODNO, Barry J. **Mecânica dos Materiais**. Tradução da 7ª edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2010. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/svsv85v>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

HIBBELER, Russell C. **Resistência dos Materiais**. 9. ed. São Paulo: Pearson, 2017.

MORAES, G. M.; PEREIRA, L. H. Análise experimental de juntas coladas estruturais submetidas a carregamento de cisalhamento. *Revista Brasileira de Engenharia*, v. 12, n. 2, p. 45-53, 2020.

OLIVEIRA, R. J.; COSTA, M. L.; SILVA, F. S. **Ensaio de cisalhamento duplo na caracterização de juntas coladas**. *Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial*, v. 9, n. 17, p. 16-30, 2017.

SANTOS, A. L.; CUNHA, R. F. **Métodos de caracterização mecânica de adesivos estruturais: uma revisão**. *Journal of Materials Research*, v. 15, n. 1, p. 101-115, 2019.

SILVA, F. A. C.; REIS, P. N. B. **Avaliação do cisalhamento duplo em juntas adesivas coladas em substratos compósitos**. *Revista Escola de Minas*, v. 66, n. 3, p. 307-312, 2013.

TAVARES, M. R. **Ensaio Mecânicos Aplicados a Materiais Compósitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

ALÉM DA INÉRCIA. **Ensaio de Cisalhamento Direto**. 2019. Disponível em: <<https://alemdainercia.com/>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

EFEITO JOULE. **Ensaio de Cisalhamento**. 2013. Disponível em: <<https://efeitojoule.com/>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

INFO ESCOLA. **Tensão Normal**. 2022. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SLIDES RESMAT. **Aula de 01/09**. Cachoeiro de Itapemirim: Multivix, 2025.

WIKIPEDIA. **Tensão Normal**. 2024. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em: 25 ago.

## SAÚDE COLETIVA E PREVENÇÃO EM ODONTOLOGIA

CASTANHI, Maria Luiza do Nascimento<sup>1</sup>  
ROGERIO, Felipe Menezes N.<sup>1</sup>  
CARVALHO, Alice F. Spínola<sup>1</sup>  
BAPTISTA, Luiz Otávio Cardoso<sup>1</sup>  
POGIAN, Lara Lopes M.<sup>1</sup>  
JARDIM, Marcello Angelo<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Juliana Costa de<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Odontologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora (USP). Docente do Curso de Odontologia da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – juliana\_costa@alumni.usp.br

### 1 INTRODUÇÃO

A saúde bucal no Brasil tem passado por transformações significativas nas últimas décadas, com a transição de um modelo centrado em procedimentos curativos para uma abordagem integral baseada na promoção da saúde e prevenção de doenças. A incorporação da Odontologia à Estratégia Saúde da Família em 2000 e a criação do Programa Brasil Sorridente em 2003 representaram marcos fundamentais nesse processo, estabelecendo as bases para uma política nacional de saúde bucal estruturada nos princípios do SUS (BRASIL, 2004; AGÊNCIA GOV, 2024).

Essa nova orientação permitiu a implementação de diversas estratégias baseadas em evidências científicas, desde intervenções coletivas como a fluoretação da água de abastecimento público (ALEXANDRE SILVA et al., 2025; NASCIMENTO, 2024) até ações educativas e preventivas desenvolvidas pelas Equipes de Saúde Bucal nas unidades básicas e escolas (FUSCO et al., 2023; NASCIMENTO et al., 2025). O impacto dessas iniciativas reflete-se na melhoria dos indicadores epidemiológicos, com redução progressiva do índice CPO-D em todas as faixas etárias (BRASIL, 2023), embora persistem desafios significativos relacionados às desigualdades no acesso e na distribuição de recursos (NARVAI, 2020).

Considerando esse contexto, este trabalho tem como propósito analisar as estratégias de promoção da saúde bucal implantadas no Brasil, examinar seus resultados a partir dos dados epidemiológicos disponíveis e discutir os principais desafios para a consolidação de uma atenção integral em saúde bucal no Sistema

Único de Saúde.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de revisão integrativa da literatura, realizada entre setembro e outubro de 2025 nas bases SciELO, PubMed e LILACS. Utilizaram-se os descritores: "Saúde Bucal", "Políticas Públicas", "Estratégia Saúde da Família", "Brasil Sorridente", "Prevenção de Doenças Bucais" e "Acesso aos Serviços de Saúde". Foram incluídos artigos científicos, documentos oficiais e manuais técnicos publicados entre 2014-2024, em português, inglês ou espanhol, que abordassem políticas públicas, estratégias de promoção e ações preventivas em saúde bucal coletiva no Brasil. A análise consistiu na leitura crítica e síntese dos conteúdos selecionados.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

### **Políticas públicas em saúde bucal**

#### **Programa Brasil Sorridente: Implantação e Resultados**

O Programa Brasil Sorridente consolidou a saúde bucal como política de estado, garantindo atendimento gratuito e promovendo ações educativas em todo o país. Sua reformulação em 2023 reforçou a equidade no acesso e a integração aos princípios do SUS (BRASIL, 2023). Os dados do SB Brasil mostram avanços significativos: o CPO-D aos 12 anos reduziu de 2,78 (2003) para 1,68 (2023), enquanto crianças livres de cárie aos 5 anos aumentaram de 40% para 53,17%. Entre adultos (35-44 anos), o índice caiu de 20,13 para 10,70, e o edentulismo em idosos reduziu de 50% para 36,3% (BRASIL, 2004; 2023).

#### **Integração com a Estratégia Saúde da Família**

A integração das equipes de saúde bucal à ESF permite cuidado integral e contínuo, aproximando o profissional da comunidade. Essa atuação favorece a prevenção, diagnóstico precoce e acompanhamento familiar, sendo instrumento essencial para consolidar as ações do Brasil Sorridente (FUSCO et al., 2023).

#### **Ações preventivas baseadas em evidências**

As ações preventivas devem considerar o nível de risco individual, relacionado a condições socioeconômicas, hábitos de higiene, consumo de açúcares e fatores

genéticos. A cárie dentária e doença periodontal compartilham fatores de risco como tabagismo, álcool e má alimentação. A prevenção inclui redução do consumo de açúcares, escovação adequada com dentífrico fluoretado e políticas que melhorem condições socioeconômicas (SALES-PERES, 2021).

Selantes dentários representam alternativa preventiva de custo-efetividade para fossas e fissuras, principalmente em molares permanentes. Já a aplicação tópica de flúor, individual ou coletiva, atua no processo de desmineralização e remineralização dental, podendo ser administrada através de vernizes, géis e dentífricos (SALES-PERES, 2021).

Os avanços tecnológicos como radiografias digitais, scanners intraorais e impressão 3D têm tornado os procedimentos mais acessíveis e seguros (INTERNATIONAL JOURNAL., 2023). Para pacientes com necessidades especiais e idosos, recomenda-se adaptações como escovas com cabos especiais, fixação de horários para escovação e supervisão da higiene oral (PASSOS et al., 2024).

## **Desafios**

Persistem desafios significativos como escassez de recursos, falta de profissionais e desigualdades regionais. Áreas rurais, indígenas e periféricas sofrem com carência de atendimento, comprometendo a ampliação da cobertura e efetividade dos programas preventivos (FREIRE et al., 2021; LLANEZA et al., 2022).

A análise das estratégias mapeadas evidencia que, embora o Brasil tenha consolidado uma base de políticas públicas voltadas à promoção da saúde bucal, a efetividade das ações implementadas ainda é desigual entre regiões e grupos populacionais. A criação do Programa Brasil Sorridente e a integração das Equipes de Saúde Bucal à Estratégia Saúde da Família demonstram o avanço e a preocupação com a saúde da população, o que resulta no princípio da integralidade e fortalecem a atenção primária e cuidado com aqueles menos favorecidos (BRASIL, 2023; FUSCO et al., 2023). Contudo, a falta de recursos financeiros, a falta de infraestrutura e a carência de profissionais em áreas de difícil acesso reduzem o potencial dessas iniciativas, comprometendo a continuidade dos projetos e a qualidade do serviço prestado (FREIRE et al., 2021). A literatura mostra que, embora os índices de cárie e edentulismo tenham diminuído nos últimos anos, persistem disparidades marcantes

entre as regiões Norte e Nordeste em comparação ao Sul e Sudeste, resultado das desigualdades estruturais que o Sistema Único de Saúde enfrenta (BRASIL, 2023; LLANEZA et al., 2022).

O impacto das políticas públicas nos indicadores de saúde é inegável. O aumento da de crianças livres de cárie mostram que os programas preventivos e educativos tiveram efeito (BRASIL, 2004; 2023). Entretanto, a melhoria dos indicadores não deve ocultar a necessidade de uma análise qualitativa mais aprofundada. A qualidade dos serviços prestados pelas políticas públicas deve seguir às especificidades culturais, econômicas e epidemiológicas de cada território (FUSCO et al., 2023).

Entre os desafios para a implementação das ações coletivas, destacam-se a falta de recursos humanos especializados, a descontinuidade de políticas entre gestões e a ausência de monitoramento das metas estabelecidas. Em muitos municípios, a atuação das equipes de saúde bucal ainda é limitada, com ações preventivas pontuais e sem integração efetiva nas escolas e na comunidade. (FREIRE et al., 2021; LLANEZA et al., 2022).

Diante desse cenário, algumas propostas para a superação das barreiras identificadas incluem o fortalecimento da formação em saúde coletiva nos cursos de graduação, além de cursos para profissionais atuantes na rede. Visto que, é necessário ampliar o financiamento destinado à saúde bucal, garantindo a manutenção das equipes, a aquisição de equipamentos e instrumentais, e o desenvolvimento de tecnologias (BRASIL, 2023; FUSCO et al., 2023).

Por fim, as recomendações para práticas futuras, mostra a que a pesquisa à inovação tecnológica deve caminhar junto à valorização do trabalho em equipe e da participação social, elementos centrais para a efetividade das políticas públicas e para a consolidação de um modelo de atenção verdadeiramente integral e inclusivo (INTERNATIONAL JOURNAL, 2023).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta análise indicam avanços significativos na saúde bucal populacional no Brasil, especialmente após a criação do Programa Brasil Sorridente e a ampliação das Equipes de Saúde Bucal na Estratégia Saúde da Família. Está claro que essas ações do governo foram fundamentais para a redução das taxas de cárie

e perda de dentes, além de facilitar o acesso aos serviços de odontologia. As estratégias de prevenção e educação, aliadas à fluoretação da água e ao fortalecimento da colaboração entre diversos setores, foram cruciais para a melhoria dos indicadores epidemiológicos e a promoção de hábitos saudáveis. Contudo, ainda persistem desigualdades consideráveis entre regiões e grupos sociais, mostrando que os avanços técnicos e científicos não conseguiram garantir, totalmente, a equidade nos cuidados. Assim, é fundamental que as políticas de prevenção continuem a se concentrar nas comunidades, assegurando a eficácia e a sustentabilidade das ações a longo prazo.

Dentre as limitações, destaca-se que esta revisão foi baseada em publicações disponíveis em bases de dados específicas e dentro de um recorte temporal definido, o que pode restringir a amplitude dos resultados encontrados. Além disso, a diversidade de metodologias empregadas nos estudos incluídos apresentou desafios para comparações diretas e conclusões mais abrangentes. Outro ponto relevante é a escassez de trabalhos que abordem a percepção de usuários e profissionais sobre a eficácia das políticas públicas, o que dificulta uma compreensão mais profunda do impacto real das iniciativas de saúde bucal na qualidade de vida das populações atendidas. Esses aspectos evidenciam a necessidade de ampliar a produção científica no país e de fomentar avaliações contínuas e sistemáticas dos programas públicos.

Recomenda-se que futuras investigações aprofundem a análise da eficácia e do custo-benefício das abordagens preventivas, considerando as especificidades regionais, culturais e socioeconômicas do Brasil. Estudos que combinam métodos quantitativos e qualitativos podem oferecer uma compreensão mais abrangente da realidade enfrentada pelas comunidades. Além disso, é importante expandir as pesquisas que explorem o uso de tecnologias digitais, teleodontologia e inovações em saúde coletiva, com foco na melhoria do monitoramento das políticas públicas e na inclusão de populações vulneráveis. Por fim, ressalta-se a importância de fortalecer a educação continuada dos profissionais de saúde e promover a participação social como pilares essenciais para o desenvolvimento de um modelo de atenção integral, equitativo e humanizado no âmbito do Sistema Único de Saúde.

## 5 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA GOV. Brasil Sorridente: retomada do programa marca avanços da saúde bucal no país. Brasília: Agência Gov, 2024. Disponível em:

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

<https://agenciagov.ebc.com.br/>. Acesso em: 17 out. 2025.

ALEXANDRE SILVA, R.; ALVES RODRIGUES, A. L.; CALÇA ASSIS, J.; MARQUES DOS SANTOS, C. C. Fluoretação da Água Destinada ao Consumo Humano na Região Noroeste do Estado de São Paulo (SP): 13 anos de heterocontrole. BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista, São Paulo, v. 22, p. e41575, 2025. DOI: 10.57148/bepa.2025.v.22.41575. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/BEPA182/article/view/41575>. Acesso em: 16 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Primeiros Resultados SB Brasil 2023. Brasília: Coordenação-Geral de Saúde Bucal, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/brasil-sorridente/sb-brasil>. Acesso em: 17 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Projeto SB Brasil 2003: Condições de saúde bucal da população brasileira 2002–2003. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FUSCO, Larissa Amélia et al. Práticas adotadas pelas equipes de saúde bucal na Estratégia Saúde da Família: uma revisão da literatura. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 666–683, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i1.2023-009. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/9374>. Acesso em: 15 out. 2025.

GRACCO, A.; DE STEFFANI, A.; BRUNO, G. Influence of new technology in dental care: a public health perspective. International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 20, n. 7, p. 5364, 2023.

NARVAI, P. C. O caso do “Brasil Sorridente” e perspectivas da Política Nacional de Saúde Bucal em meados do século XXI. Tempus – Actas de Saúde Coletiva, v. 14, n. 1, p. 9–18, 2020.

NASCIMENTO, Camilla Ferreira do. Fluoretação da água de abastecimento e prevenção da cárie dentária: revisão sistemática e metanálise. 2024. 3158 f. Tese (Doutorado em Odontologia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/282445>.

NASCIMENTO, M. E. B. do et al. Estratégias de promoção da saúde em escolas: educação alimentar, saúde bucal e vacinação. Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 22, n. 11, p. e19726, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n11-098. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/19726>. Acesso em: 16 out. 2025.

PASSOS, Vanara Florêncio; ALVES, José Rafael de. Manual prático de higiene bucal adaptada para pacientes com necessidades especiais: manual prático. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2024.

SALES PERES, Sílvia Helena de Carvalho. Saúde Coletiva e Epidemiologia na Odontologia. Santana do Parnaíba: Manole, 2021.

*Anais da X Mostra Científica da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim, v.10, n.1, nov. 2025.*

SANTOS, M. de A.; SILVA, M. G. da; PINTO, F. J. M. Produção de resíduos em hospitais públicos e filantrópicos no município de Fortaleza (CE). *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 34, n. 2, p. 321–332, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/38>. Acesso em: 17 out. 2025.

## FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA EM DIÁLOGO COM A LEI LUCAS 13.722/2018 E O CÓDIGO PENAL

ANGELO, Talytha Cardozo<sup>1</sup>  
CAZOTTE, Thiago Canholato<sup>2</sup>  
BORTOLETO, Edvaldo José<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Direito da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES. Mestranda pela UFES – talythacardozo@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre em Políticas Sociais pela UENF. Docente do Curso de Direito da Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim-ES – canholato.advogados@gmail.com

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente do Curso de Ensino, Educação Básica e Formação de professores da UFES – ejbortolo@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o cenário da Lei nº 13.722/2018, conhecida como “Lei Lucas”, que foi criada em memória de Lucas Begalli Zamora, que faleceu em 2017 após engasgar-se durante uma excursão escolar. De acordo com Dias Junior e Jacob (2023, p. 2) esse episódio revelou uma grave lacuna na formação de professores e funcionários das escolas quanto aos procedimentos de primeiros socorros.

A partir dessa tragédia, a Lei passou a tornar obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros, reforçando a responsabilidade das escolas não apenas na dimensão pedagógica, mas também na proteção à vida e à integridade física dos estudantes.

Elemento que se relaciona diretamente com o Código Penal Brasileiro, especificamente no artigo 135, o qual prevê a punição em casos de omissão quando há o dever moral ou mera possibilidade de ajuda. Paralelo a isso, têm-se a lei analisada, trazendo a obrigatoriedade dos profissionais do ambiente escolar em reagir adequadamente nas emergências.

Nessa perspectiva, Dias Junior e Jacob (2023, p. 9) comentam que ocorre “[...] a sobrecarga dos profissionais da educação”, uma vez que a função social da escola extrapola o ensino de conteúdos e se estende à promoção do cuidado e da segurança.

Ao lado disso, conforme defende Dermeval Saviani (2008, p. 23), “[...] a função da escola é socializar o saber sistematizado”, nesse sentido, a Lei Lucas amplia o

horizonte dessa função, ao exigir que o espaço escolar se prepare também para situações emergenciais que envolvem a preservação da vida.

Dessa forma, este estudo propõe-se a analisar a função social da escola à luz da Lei Lucas, investigando se as instituições de ensino estão realmente preparadas e dispostas a assumir a responsabilidade que a legislação impõe, logo, o problema de pesquisa norteador trata: Qual é o papel da escola, enquanto instituição social, diante das obrigações estabelecidas pela Lei Lucas?

Portanto, discutir a função social da escola no contexto da Lei Lucas implica reconhecer os limites que envolvem o papel da instituição escolar na sociedade contemporânea. Se por um lado é inegável que a escola tem o dever de zelar pela segurança e pelo bem-estar dos estudantes, por outro, é necessário questionar até que ponto ela pode (ou deve) assumir responsabilidades que excedem o campo educativo.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Inicialmente, ao tratar uma pesquisa que tem como ponto de partida uma lei, a abordagem se caracteriza como documental e bibliográfica, apoiada em bases acadêmicas como SciELO, Google Scholar, CAPES e repositórios institucionais, priorizando publicações entre 2018 e 2025. Entre os artigos lidos, buscou-se as temáticas: função social da escola, responsabilidade institucional, aplicabilidade da Lei Lucas e limites da atuação escolar frente às demandas sociais.

Além disso, o percurso pode ser entendido através da natureza qualitativa, para compreender as visões de mundo sobre o papel da escola, conforme Minayo (2016), a pesquisa qualitativa permite compreender a realidade social a partir de significados e valores, consagrando também o objetivo explicativo.

Dessa forma, a técnica utilizada foi a análise de documentos e dados secundários apresentados em artigos científicos e obras literárias do campo educacional, principalmente Saviani (2008) e Freire (1996), bem como a legislação supracitada, onde vale ressaltar o trajeto de sua proposta e aplicação. Outro ponto a frente da obrigatoriedade é a postura moral associada ao Código Penal, de maneira que futuramente pressupõe-se levar o debate a campo.

### 3 DISCUSSÃO

A princípio, nas palavras de Freire (2021, p. 52-53) “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”, o arcabouço teórico que sustenta o estudo parte da legislação central, a Lei Lucas n.º 13.722/2018, a qual, expõe a obrigatoriedade da capacitação no ensino público e privado de educação básica, bem como os locais de recreação infantil.

Têm-se os demais artigos que versam sobre as particularidades, como a oferta anual do curso, a regra de disposição dos kits de primeiros socorros nas escolas e as consequências do descumprimento da lei (BRASIL, 2018). Não obstante, todos chegam em destinos parecidos, concentrados em destacar que essas medidas são obrigatórias, bastando-se nesse ponto.

Com a importância de capacitar professores atrelada à experiência motivadora da lei – o engasto do jovem Lucas, e infelizmente, seu óbito –, iniciativas são formadas para interpretar o cenário em que o docente assume a responsabilidade legal ao reagir frente à urgência e emergência com os estudantes, esse elemento pode ser decisivo ao salvar uma vida.

Nessa perspectiva, em estudo feito por Costa et al (2021), na Revista de Pediatria, sobre mortes por engasgo em crianças, tem-se a informação de que “[...] o número de óbitos por engasgo em crianças no Brasil, de 2009 a 2019, chegou a 2.148. Os acidentes por ingestão de alimentos causando obstrução do trato respiratório foram predominantes, com um total de 1.817 (84,6%)”.

O percentual abrange o território nacional, de modo que, ao especificar o tempo de permanência das crianças na escola, é viável observar as possibilidades e a ocorrência dos eventos dentro desse recorte, o que de fato acontece, pois como Martins (2013) destaca, os jovens possuem impulsividade relacionada à inexperiência e busca de novas emoções, ao passo que pode ocasionar quedas e ferimentos.

Conforme Galindo Neto (2015, p. 12), é resultado da “[...] curiosidade de explorar situações desconhecidas para as quais não possui preparo físico [...]”. Ao lado disso, comenta-se em que momento a escola adquiriu a função social de proteção, embora seja notável as minúcias do assunto, assumir a tarefa do cuidado que deveria ser gerido por uma rede comunitária, também soma a resposta legal dos efeitos. Isto é, eleva o questionamento: qual o limite da atuação da escola ao

assegurar a segurança dos estudantes?

De acordo com o Código Penal, Art. 135 – Omissão de socorro: “Deixar de prestar assistência, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, à criança abandonada ou extraviada, ou à pessoa inválida ou ferida, ao desamparo, ou em grave e iminente perigo; ou não pedir, nesses casos, o socorro da autoridade pública.” Pena: detenção, de um a seis meses, ou multa.

Em síntese, a Lei Lucas não altera, nem revoga o artigo mencionado, ao contrário, ela reforça o dever jurídico e ético dos profissionais da educação em prestar socorro imediato, uma vez que atribui a capacitação para este fim. O Código Penal pode ser entendido subsidiariamente, em casos que o funcionário se omite diante da emergência, configurando o crime.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, entende-se que os professores e funcionários das unidades de educação, tanto públicas quanto particulares, após a capacitação disposta da Lei Lucas, possuem responsabilidade de realizar manobras de primeiros socorros e contatar ajuda em emergências na escola.

Entretanto, direcionar tamanho compromisso não se encaixa na função social da escola na contemporaneidade, isso ocorre em devido as novas configurações da sociedade, de modo que as múltiplas tarefas sobrecarregam ainda mais esse grupo de trabalhadores.

O Código Penal entra no debate ao analisar o crime de omissão de socorro, que além de expor o dever de agir, seja culposos ou dolosos, também implica na letra da legislação, por ser uma imposição com base jurídica, que primariamente simboliza solidariedade para com o outro.

A escola e a comunidade que a cerca, teoricamente, se envolvem nas decisões do ano letivo dos estudantes, culminando em uma rede de apoio, que se contemplar as emergências que podem ocorrer devido os fatores mencionados, como o tempo de vivência nas instituições, curiosidade em explorar o mundo e corporeidade, deveriam dividir o peso da responsabilidade.

## 5 REFERÊNCIAS

BRASIL. *Código Penal Brasileiro*. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

BRASIL. *Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018 (Lei Lucas)*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 2018.

COSTA, Iara Oliveira et al. Estudo descritivo de óbitos por engasgo em crianças no Brasil. *Revista de Pediatria SOPERJ*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 11-14, 2021.

DIAS JUNIOR, Wagner Braga; JACOB, Alexandre. A OMISSÃO DO ESTADO NA LEI Nº. 13.722/2018 – “LEI LUCAS”. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, [S. l.]*, v. 13, n. 1, 2023. DOI: [10.61164/rmnm.v13i1.1996](https://doi.org/10.61164/rmnm.v13i1.1996). Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/1996>. Acesso em: 2 out 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GALINDO NETO, Nelson Miguel. *Tecnologia educativa para professores sobre primeiros socorros: construção e validação*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy. *Acidentes e violências na infância e adolescência: fatores de risco e de proteção*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 66, n. 4, p. 578-584, jul-ago, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Campinas: Autores Associados, 2008.



FACULDADE  
**MULTIVIX**

---

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM